

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
CENTRO DE ESTUDOS AFRO-ORIENTAIS  
PROGRAMA MULTIDISCIPLINAR DE PÓS-GRADUAÇÃO  
EM ESTUDOS ÉTNICOS E AFRICANOS

*“Não é uma tonalidade de pele, é uma posição política”:*  
a formação da identidade negra através do  
Projeto Universidade Livre

Michelle Cirne

Orientadores:  
Prof<sup>a</sup> Dra. Paula Cristina da Silva Barreto  
Prof. Dr. Cláudio Luiz Pereira

Salvador, 2007.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Michelle Cirne

*“Não é uma tonalidade de pele, é uma posição política”:*  
a formação da identidade negra através do  
Projeto Universidade Livre

Dissertação apresentada ao Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre.

Orientadores: Prof<sup>a</sup> Dra. Paula Cristina da Silva Barreto;  
Prof. Dr. Cláudio Luiz Pereira

Salvador  
2007

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

Biblioteca CEAO - UFBA

C578 Cirne, Michelle.

"Não é uma tonalidade de pele, é uma posição política" : a formação da identidade negra através do Projeto Universidade Livre / por Michelle Cirne. - 2008.  
137 f: il.

Orientadores : Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Paula Cristina da Silva Barreto, Prof<sup>o</sup> Dr. Cláudio Luiz Pereira  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Centro de Estudos Afro-Orientais, 2007.

1. Negros - Identidade racial - Rio Grande do Sul. 2. Negros - Movimentos sociais - Rio Grande do Sul. 3. Identidade social. I. Barreto, Paula Cristina da Silva. II. Pereira, Cláudio Luiz. III. Centro Ecumênico de Cultura Negra, Projeto Universidade Livre. IV. Universidade Federal da Bahia. Centro de Estudos Afro-Orientais. V. Título.

CDD - 305.89608165

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

## RESUMO

Esta pesquisa investiga como se realiza a vivência da negritude após a inserção no “movimento negro”, que mudanças na vida íntima e social dos indivíduos envolvidos traz a ressignificação de uma identidade social a princípio deteriorada (GOFFMAN, 1963). A pesquisa também objetiva apreender como determinadas crenças coletivas precedem e informam o pensamento individual, como uma ideologia se internaliza no indivíduo, conformando sua subjetividade. Temos como universo de estudo o projeto educacional Universidade Livre, do Centro Ecumênico de Cultura Negra – CECUNE, uma entidade do movimento negro gaúcho. O Universidade Livre caracteriza-se como um curso de capacitação de agentes multiplicadores de consciência negra.

**PALAVRAS-CHAVE:** Movimento negro; negritude; ideologia, identidade social.

## SUMMARY

This research investigates as if the insertion in the “black movement” carries through the experience of the negritude after, that changes in the close and social life of the involved individuals brings the ressignification of a social identity the spoiled principle (GOFFMAN, 1963). The also objective research to apprehend as definitive collective beliefs precedes and informs the individual thought, as an ideology internalize in the individual, conforming its subjectivity. We have as universe of study the educational project Universidade Livre, of the Centro Ecumênico de Cultura Negra - CECUNE, an entity of the black movement gaúcho. The Universidade Livre is characterized as a course of qualification of multiplying agents of black conscience.

**KEYWORDS:** Black movement; negritude; ideology, social identity.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

## AGRADECIMENTOS

A minha família, que mais uma vez teve que lidar com a distância de uma “mulher traduzida” entre o Sul e o Nordeste do Brasil. A minha mãe, amiga sempre presente, amor incondicional, amor fundamental. A meu pai, pelo apoio de sempre. A meu tio Néco, que talvez não sabendo, me ajudou muito no investimento de cursar o mestrado. A minha Tita, uma grande, leal e eterna amiga. Ao Kiko, por ser a pessoa que é, inteiramente, na beira da perfeição. À Dadá, nosso anjo, que mesmo longe esteve sempre presente, tamanha afinidade entre nós. A minha vóinha mais que amada idolatrada, motivo maior do meu retorno. Às minhas crianças todas, quanta saudade!

A minha primeira família baiana: Paulo, Tia Judite, Tio Lídio, Neto, Andréa, Vítor e Tiago. De uma certa maneira foram eles que (re)iniciaram esta história, me abrindo sua casa, fazendo-me sentir realmente em casa. São o modelo perfeito do calor humano dos baianos, da acolhida aos “estrangeiros”. Ao Xu, que previu, antes mesmo de eu terminar a graduação, que eu iria fazer o mestrado em Salvador! Gil antes já havia alertado: *“determine rapaz, onde vai ser o seu curso de pós graduação!”*.

A meus colegas do Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo, em especial ao Pedro e à Sílvia. Eles que praticamente me empurraram para vir fazer a seleção, quando eu nem mais cogitava a hipótese.

A todos os amigos que me incentivaram no momento difícil da decisão pela mudança. Ma, Lise, Verdinha – as amigas mais inteligentes e amorosas que alguém pode ter, meus escudos contra as “dores do mundo” – Zeca, Ca, Paulo, Regina, Pedro, Jones, Cris, Ritoca, Paulinho, Fernanda. Eles avisaram: passa rápido! E cá estou: já é hora de ir embora, mais uma vez!

A divina Graça da minha vida... a boneca continua no bolso... mais palavras, só entre nós!!

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

A Celeste e Marcos Sampaio, que me abrigaram em sua casa na chegada a Salvador, que foram meus amigos em ocasiões muito necessárias. A eles, toda minha gratidão.

Quando a vida apresenta uma encruzilhada como a que ocorreu comigo, e é necessário decidir se, comodamente, permanecemos no mesmo lugar ou encaramos a aventura do desconhecido, o que se pensa para seguir adiante é nas “novidades”: lugares, oportunidades. O que menos se pensa é nas pessoas, pois não podemos imaginar como elas são, de carne, osso e sentimentos. Fazendo um balanço dos dois anos do mestrado, certamente a maior riqueza que “juntei” nesse período foi o tempo e as experiências compartilhadas com os amigos feitos novos! A Tia Pa, pelas deliciosas risadas, pela solidariedade, por ter me mostrado um lado especial da Bahia. Ao Ed, beleza pura. Às meninas da República Maraúcha: Vi, por ter me dado companhia e comida no primeiro semestre, pela lealdade, pela inteligência feminina; Tati, que chegou muito de mansinho e conquistou todo o meu coração, companheira nos minutos finais. Ao Cacau, que me emprestou o super livro de sua amiga Patrícia Pinho.

Lito, ter conquistado uma amizade como a sua, é pura felicidade. Por todos os momentos rodeados de livros, músicas e sonhos, muitos sonhos.

A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia - FAPESB, que financiou a pesquisa e a estadia em Salvador.

A Paula Barreto, pela competência sociológica, por ter escolhido meu projeto, pelas indicações bibliográficas, por ter me incentivado na hora exata.

A Cláudio Pereira, porque não há significado para mim fora do mundo dos afetos! Pelo respeito com o meu texto e envolvimento com o meu trabalho. Por tentar me convencer que a insônia era um bom sinal. Um alquimista que sempre consegue levantar o meu astral. Meu mais perfeito etno-terapeuta!

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

A Felipe Aguiar, a pessoa certa na hora exata. Todo o meu carinho nas minhas lembranças. Por ter me ajudado com as entrevistas! Ao Val, que ajudou também e se interessou pelos meus entrevistados.

A minha bruxinha Tia Sandra (ela é muito sábia!) e ao meu Tio Toni. É através deles que eu faço parte da família CECUNE!

A Juarez e Suzana Ribeiro, pelos cinco anos de carinho e confiança!

A todos os meus entrevistados que me ofertaram seu tempo, sua presença e suas memórias, pensamentos e sentimentos. Eles com certeza são a melhor parte desse trabalho.

Ao Duda, mesmo longe, sempre presente na minha vida.

A Jubaleuza, Juliana Serzedello, irmã ancestral, que veio passar comigo o momento difícil da conclusão do ciclo. Jubs, você é ouro, e sua presença sempre foi fundamental!

*“Místico pôr-do-sol no mar da Bahia...”* Lendas baianas... Inesquecível!

E por fim (que jamais será fim!), a Marlon Marcos Vieira Passos, nosso MarlonMar, aquele baú lotado de ouro e pedras preciosas que só os abençoados encontram no fundo do Mar, e eu fui abençoada por ele! Minha vida, meu norte em Salvador. A presença das coisas mais bonitas, tudo que ele ofertou aos meus sentidos aqui. Alma gêmea? Não sei, só sei que o nome dele é AMOR DE MAR. Por ter me apresentado, além de tudo e tanto, uma doçura chamada Carlos Barros. Por ter me colocado na roda, por ter sorrido e cantado pra mim. Pelos infinitos abraços que são um só. Pelo Azul, pelo Amarelo, Vermelho, Verde e Lilás. Pela maresia, pelo mel, flores, frutas e folhas. Por todas as melodias e fonemas, por tudo que gostamos de ver, ouvir, sentir e falar. O homem que me perfilou por todos os recantos da nossa cidade, que traduziu a Bahia pra mim do modo mais perfeito e belo. Um Amor de Mar, é o Amor Maior.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA



“Desencantamos as crenças não para diminuir a beleza dos mitos, mas com a finalidade de superar a idéia de que as identidades seriam fixas e de que os seres humanos seriam prisioneiros de sua cultura ou de sua aparência física.” (PINHO, 2004, p. 25).

Negra é a cor que reflete toda radiação luminosa que sobre ela incide.

*A todas as formas de MAR que me rodeiam e constituem, ao Movimento incessante de que é feita a vida, eu dedico este trabalho.*

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	11
1. CLASSIFICAÇÕES RACIAIS, CULTURA, IDENTIDADE E ETNICIDADE: o que apresentam os teóricos.....	18
1.1 Racismo: a mistura da natureza com a cultura nas relações de poder.....	18
1.2. Cultura – dominação ou humanismo? .....	26
1.3. Identidade: o vir a ser – como e por quê .....	30
1.4. Etnicidade - a “negritude” .....	42
2. O “MOVIMENTO NEGRO” – resistências, ideologias e identidades .....	49
2.1 Historiando .....	49
2.2 Ideologias e Identidades.....	56
2.2.1 O “culturalismo” .....	58
2.2.2 Usos do corpo e abusos da África.....	60
2.3 O CECUNE no movimento negro do Rio Grande do Sul.....	67
2.3.1 O movimento.....	67
2.3.2 O Centro .....	70
3. PROJETO UNIVERSIDADE LIVRE .....	81
3.1 A metodologia da pesquisa e o trabalho de campo.....	89
3.2 As histórias, os personagens: trajetórias de vida .....	93
3.3 A passagem pelo Universidade Livre: o vir-a-ser através das emoções.....	101
3.4 Percepções .....	116
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	127
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	130
ANEXOS .....	138
ANEXO 1 – Folder do CECUNE .....	139
ANEXO 2 - Roteiro de Entrevista .....	140

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

## INTRODUÇÃO

O Brasil é um país que se originou da colonização portuguesa de caráter escravocata. Este foi o último país no mundo a abolir a escravidão dos africanos e seus descendentes. O fenômeno do racismo e a instituição da escravidão deixaram marcas na nação brasileira que persistem até os nossos tempos, pleno século XXI. A população fenotipicamente escura apresenta os piores índices de desenvolvimento social quando comparados com a população de pele branca. Os negros possuem os menores índices de escolaridade e moram nos piores bairros das grandes cidades. Além disso, sofrem cotidianamente um processo de discriminação que tem como base uma ideologia que relaciona fatores biológicos – a cor da pele e os sinais diacríticos da ascendência africana – com aspectos morais que os inferiorizam enquanto grupo social. Este processo histórico e social causou e continua causando até hoje sérios danos na constituição individual e social de cada homem e mulher negros. Os negros brasileiros, através e por causa de todo o processo discriminatório, apresentam a sua identidade social deteriorada (GOFFMAN, 1963). Vários estudos como, por exemplo, os de SOUZA (1983) e GOMES (2002), mostram como a discriminação “racial” interfere na constituição da identidade negra, conformando a subjetividade desses indivíduos.

De acordo com o estudo clássico de Erving Goffman, aos negros é imputado um *estigma*, que o autor define como “um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso é uma linguagem de relações e não de atributos. (...) Um estigma é, então, na realidade, um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo” (GOFFMAN, 1963, p.13). O estigma dos negros no Brasil se funda na cor da pele e nos sinais diacríticos da ascendência africana, que são relacionados a atributos morais pejorativos, e constituem a hierarquia social/racial brasileira. Segundo Goffman,

“por definição, é claro, acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano. Com base nisso, fazemos vários tipos de discriminações, através das quais efetivamente, e muitas vezes sem pensar, reduzimos suas chances de vida. Construimos uma teoria do estigma, uma ideologia para explicar sua inferioridade (...). Utilizamos termos específicos de estigma (...) sem pensar no seu

significado original. Tendemos a inferir uma série de imperfeições a partir da imperfeição original” (ibid, p.15).

A “resistência negra” é intrínseca ao racismo: desde o período colonial os africanos transportados e escravizados no Brasil e seus descendentes procuraram agrupar-se para, primeiro, preservar a vida e, junto com ela, suas crenças e costumes. O “movimento negro” como conhecemos hoje remonta a essa “tradição associativa” (MENDONÇA, 1996) que materializou-se em diversas formas, desde as religiões afro-brasileiras, as irmandades religiosas, passando pelos clubes recreativos, os jornais, até às escolas de samba, associações culturais e organizações políticas, entre outras.

Atualmente, o “movimento negro contemporâneo”, ou “moderno”, caracteriza-se por um conjunto heterogêneo de grupos organizados com objetivos culturais e políticos voltados à luta anti-racista. A ideologia da *negritude* é a contrapartida dos negros organizados para combaterem o racismo, e um de seus objetivos é a elaboração e fixação de uma identidade social e pessoal positivada, para os indivíduos considerados negros no Brasil. Esta ideologia tem como elementos de composição as idéias da “ancestralidade” africana (têm-se que “recuperar” e “preservar” uma história escondida e esquecida) e da população afro-descendente como presença fundamental na sociedade e cultura brasileiras, nas áreas do trabalho, religião, música, festas, culinária, arquitetura, entre tantas outras. Caracteriza-se pelo olhar crítico em relação à cultura ocidental e pela valorização dos sinais diacríticos da ascendência africana (cor da pele, textura dos cabelos, formato do nariz e da boca, etc.). A África ou uma idéia de África é um “banco de símbolos” para a vivência desta nova identidade negra, tanto pelo uso de artefatos culturais africanizados quanto pelo discurso que se fundamenta na busca das raízes africanas.

Esta pesquisa investiga como se realiza a vivência da *negritude* após a inserção no “movimento negro”, como se constrói uma nova identidade social, que mudanças acontecem na vida íntima e social dos indivíduos que ressignificam sua identidade social anteriormente deteriorada. Temos como universo de estudo o projeto educacional Universidade Livre, do Centro Ecumênico de Cultura Negra – CECUNE, uma entidade do “movimento negro” gaúcho.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

A relevância do estudo do “movimento negro” pode ser concluída através das palavras de Goffman:

“No estudo sociológico das pessoas estigmatizadas, o interesse está geralmente voltado para o tipo de vida coletiva, quando esta existe, que levam aqueles que pertencem a uma categoria particular. (...) Essas associações, são, quase sempre, o ponto máximo de anos de esforço por parte de pessoas e grupos situados em diversas posições e constituem um objeto de estudo exemplar enquanto movimentos sociais” (GOFFMAN, 1963, pp. 30-1).

É também objetivo desta pesquisa especular como uma ideologia se internaliza no indivíduo, alterando sua “visão de mundo”, sua identidade pessoal, sua auto-estima. Percorre o caminho que vai do social ao individual, investigando como que determinadas crenças *coletivas* precedem e informam o pensamento *individual*. Busca compreender como algo que é socializado, explicitado, compartilhado, no caso a ideologia da negritude, interfere nas emoções, discursos e ações de um indivíduo em particular.

O projeto Universidade Livre compreende as diversas atividades de caráter educacional promovidas pelo Centro Ecumênico de Cultura Negra, tais como cursos, palestras, seminários, todos voltados a questões relativas ao negro no Brasil e no mundo. No curso mais abrangente oferecido pelo projeto Universidade Livre, a proposta pedagógica é diferenciada: o curso, com uma carga horária de 120h/a, é dividido em módulos temáticos, cada módulo se estendendo por um final de semana (de sexta-feira à noite ao domingo), no qual os alunos ficam isolados em uma casa de retiro, para conviverem durante esses três dias. No Universidade Livre, são chamados pelo CECUNE sociólogos, historiadores, artistas e outros profissionais ativistas do “movimento negro”, para ministrarem as aulas, cujos conteúdos abrangem história da África e dos grupos étnicos africanos transportados para o Brasil, história do “movimento negro”, perspectiva sociológica sobre racismo e intolerância, políticas públicas de ações afirmativas, localização social e cultural do negro no Brasil, entre outros temas. A proposta do Centro Ecumênico de Cultura Negra com o Universidade Livre é formar “agentes multiplicadores de *consciência negra*”, nas palavras de seus coordenadores. Por “consciência negra” os idealizadores do CECUNE entendem a capacidade do sujeito afro-descendente compreender a histórica situação de

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

exclusão social a que estão submetidos os negros no Brasil e ter meios de lidar com esta situação e transformá-la.

Os problemas levantados pela pesquisa podem ser delimitados por meio das seguintes questões: a vivência neste projeto acarreta uma ressignificação da identidade negra de e para seus participantes? O projeto Universidade Livre realiza seus objetivos, de formar “consciências negras” e compor o discurso e a prática de seus alunos? Se realiza, como o faz? A participação no Universidade Livre molda e/ou transforma a percepção da *questão negra* no Brasil e a vivência da identidade “étnico-racial”? Existem contradições decorrentes desse suposto processo de reelaboração de percepções e atitudes? Quais são as tensões presentes nesses processos? Uma “identidade negra” comporta heterogeneidades?

Por *questões negras brasileiras* (aqui enquadra-se também a expressão *temática negra*, utilizada pelos organizadores do CECUNE) entende-se a situação social dos negros no Brasil – os fenômenos da escravidão e do racismo, o mito da democracia racial, o preconceito racial experimentado no cotidiano e os índices de qualidade de vida sempre inferiores aos índices da população fenotipicamente clara – e a questão cultural – as (re)criações da cultura afro-brasileira e sua presença na cultura nacional-popular. Como afirma Daisy Barcellos:

“Existem aspectos da realidade que por suas características, permitem penetrar de modo mais abrangente nas estruturas da sociedade. O campo das relações raciais e da inserção do meio negro na sociedade brasileira constitui um deles. Isso é devido ao modo como esse campo se relaciona com os níveis mais estruturais da formação histórica do país e das ideologias que compõem a sua construção como nação e como povo” (BARCELLOS, 1996, p. 20).

Esmiuçar as estratégias de reconstrução da identidade negra esclarece o modo de como essas comunidades lidam com o estigma e como vêm transformando os parâmetros de inferioridade. Pesquiso especificamente a “negritude” em um estado – Rio Grande do Sul – que se mostra através da presença das culturas italiana e alemã, negando até mesmo em sua historiografia a influência negra (OLIVEN, 1996).

Tomo como hipótese que, mesmo que a negritude proclamada pelos movimentos negros tenha um molde de apresentação (a grosso modo, um negro de cabelo trançado, praticante da capoeira e olhos voltados para a

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

África), o que se encontra quando se recorta um grupo participante de atividades do “movimento negro”, é multiplicidade em relação a todas as suas características pessoais e sociais. Pressuponho que os participantes do Universidade Livre apresentam uma amplitude maior do que as características formadoras da ideologia da negritude, em relação aos usos do corpo, à religião praticada, às representações sobre África, etc. Sendo a negritude ideologia, ela pode comportar heterogeneidade interna pois, “identidade” não é “mesmidade”.

O meu primeiro contato com o CECUNE, para fins de pesquisa, deu-se em novembro de 2002, quando iniciei o trabalho de campo que resultaria na monografia realizada como conclusão do curso de Ciências Sociais (CIRNE, 2004). São então cinco anos de contato com os coordenadores da entidade e com seus integrantes, que resultaram em uma boa aceitação no grupo. Para este trabalho, obtive com os coordenadores do Centro todos os dados disponíveis sobre os alunos que participaram das quatro edições do projeto Universidade Livre, em 1996, 1999, 2001 e 2003. Em 2003 acompanhei as “aulas abertas” do Universidade Livre, realizadas nas sextas-feiras prévias aos finais de semana de retiro. Estas aulas, abertas ao público em geral, continham palestras dos professores que estariam coordenando o grupo naquele módulo, além de alguma atividade artística.

O segundo semestre de 2006 foi o período destinado à coleta de dados com os alunos. Um roteiro de entrevista foi previamente elaborado, dividido em três partes. A primeira visava coletar aspectos da trajetória de vida de cada um, como em que tipo de estabelecimento de ensino estudaram, que bairros moraram, se foi e como foi tratada na família a questão de ser negro, a educação religiosa recebida através dos pais e como chegaram até o “movimento negro”. A segunda parte da entrevista era reservada a puxar pela memória dos alunos suas lembranças e impressões da experiência no Universidade Livre: que professores e conteúdos destacavam, como avaliavam a metodologia do curso, se tinham e mantinham amizades feitas com colegas, e especialmente se notavam mudanças pessoais a partir desta experiência. Por fim, questionava-os para apreender suas representações sobre cultura e identidade negra. A partir de uma lista com nomes e



endereços, fornecida pelo CECUNE, passei a contatá-los, e as entrevistas foram realizadas de setembro a novembro de 2006.

A metodologia da pesquisa baseia-se então no estudo das teorias sobre os assuntos abordados; no exame das entrevistas realizadas com os coordenadores do CECUNE, nos primeiros anos de contato com a entidade; na análise das entrevistas feitas com os ex-alunos do projeto; e também na minha experiência de cinco anos de relação com o Centro.

O primeiro capítulo desta dissertação discute os temas que perpassam a pesquisa, por meio do levantamento e exame de bibliografia. O entendimento sobre o que é o racismo constitui a porta de entrada deste trabalho, pois é o fenômeno que precede as classificações de “negro” e “branco” e é contra ele que se dirigem as lutas do “movimento negro”. A seguir, analisa o conceito de cultura de acordo com a disciplina antropológica e alguns de seus teóricos. O exame do tema da identidade é central para a pesquisa, e a análise baseia-se fundamentalmente nas perspectivas teóricas de Stuart Hall, para quem a identidade é uma construção social e, portanto, devemos entendê-la através da ordem das relações entre os grupos sociais. Hall traz o conceito de performatividade de Judith Butler, o que nos permite entender como novas identidades são formadas. Este autor também atenta para o processo de *identificação*, de como os indivíduos aderem a determinada identidade e, nesse sentido, aproxima-se das teorias psicanalíticas para entender a formação da subjetividade. A última seção do capítulo 1 discute a etnicidade e as críticas de alguns autores ao conceito de etnia. Nas definições da identidade étnica aparece preponderantemente a questão do *sentimento* do grupo sobre sua história cultural. Esta seção também define os conceitos de negro, negritude e ideologia.

O segundo capítulo trata sobre o “movimento negro” no Brasil. Inicia com uma sucinta retrospectiva, que o localiza originalmente nas primeiras ações de resistência e combate à escravização. As primeiras e também as mais marcantes organizações negras do pós-abolição são lembradas nessa seção, que finaliza com o recorte do “movimento negro” específico que é o alvo do estudo, aquele que surge a partir da década de 70 do século passado. A segunda seção discute as estratégias do movimento para a fixação de uma identidade positiva para os negros, o criticado culturalismo, os

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

usos do corpo e de uma idéia de África. A última seção deste capítulo levanta algumas questões sobre o “movimento negro” no Rio Grande do Sul e apresenta o Centro Ecumênico de Cultura Negra – CECUNE, o processo de formação e objetivos da entidade.

O terceiro e último capítulo condensa os dados empíricos da pesquisa. Nele são descritos os propósitos do projeto Universidade Livre e o formato, metodologia e conteúdos de suas quatro edições. Este capítulo também esmiúça os métodos utilizados especificamente na coleta dos dados empíricos. Apresenta os dados referentes aos alunos pesquisados e em seguida passa a análise de suas narrativas sobre os temas abordados nas entrevistas.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

# 1. CLASSIFICAÇÕES RACIAIS, CULTURA, IDENTIDADE E ETNICIDADE: o que apresentam os teóricos.

“A intimidade e a distância criam uma situação privilegiada. Ambas são necessárias.” Juan Goytisolo (in BAUMAN, 2005).

O objetivo deste primeiro capítulo é introduzir os debates teóricos, apresentar o que traz a literatura, sobre os temas que transpassam este estudo.

Ao discutir a questão da “identidade étnica” construída ou reconstruída através do “movimento negro”, é importante destacar o fenômeno complexo que antecede essas classificações de “negro” e “étnico”: o racismo.

## 1.1 Racismo: a mistura da natureza com a cultura nas relações de poder

Afirmam os antropólogos estruturalistas que o processo de classificação é central na vida social: é um ato de significação através do qual dividimos e ordenamos o mundo. Onde há um grupo humano, encontra-se separações e classificações. A antropóloga Mary Douglas já afirmou que a marcação da diferença é a base da cultura, e o lingüista Ferdinand de Saussure demonstrou como a linguagem é, fundamentalmente, um sistema de diferenças (SILVA, 2000). Voltaremos a discutir a noção de diferença adiante, quando examinarmos a problemática da identidade.

O grande problema do racismo é que ele caminha em duas direções erradas. Primeiro, ao dividir a humanidade em raças distintas. Estudos na área da genética já eliminaram o conceito de raça no seu uso biológico, afirmando que não existe mais de uma raça humana. O segundo erro do racismo é transpor a aparência física (cor da pele, textura do cabelo, traços faciais) para o mundo da cultura, afirmando que determinadas características fenotípicas definem características morais, culturais e sociais, de pessoas e grupos.

O conceito de raça, entretanto, ainda segue usado no sentido físico, indicando cor da pele, aparência ou ancestralidade. Embora as conclusões das pesquisas brasileiras de genética indiquem que não há correspondência entre as características fenotípicas e as características genômicas, ou seja, a cor, no Brasil, não seria indicador de determinada ancestralidade, o conceito de raça segue sendo usado social e politicamente. Na definição de Stuart Hall:

“a raça é uma categoria *discursiva* e não biológica. É a categoria organizadora das formas de falar, dos sistemas de representação e práticas sociais (discursos) que utilizam um conjunto frouxo, frequentemente pouco específico, de diferenças em termos de características físicas – cor da pele, textura do cabelo, etc. – como *marcas simbólicas*.” (HALL, 1999, p. 63).

Alguns setores do “movimento negro”, na luta contra o racismo, empenham-se para reforçar o uso do termo no cotidiano dos brasileiros. Encontra-se no Estatuto da Igualdade Racial, de autoria do Senador Paulo Paim, do PT do Rio Grande do Sul, que desde 2003 aguarda votação, o seguinte texto:

“Art. 4o A participação dos afro-brasileiros, em condições de igualdade de oportunidades, na vida econômica, social, política e cultural do País será promovida, prioritariamente, por meio de: (...) V – eliminação dos obstáculos históricos, socioculturais e institucionais que impedem a representação da diversidade racial nas esferas pública e privada.” (PAIM, 2003).

Todos os capítulos e áreas sobre as quais o estatuto legisla ordenam a identificação de cor/raça dos brasileiros, desde a certidão de nascimento até documentos de seguridade social, atendimento médico, trabalho, etc. Os termos raça, cor e etnia encontram-se emparelhados na redação do estatuto, sem uma distinção discriminada. A identificação dos “afro-brasileiros” é feita por auto-classificação. Está no parágrafo 3º do artigo 1º: “Para efeito deste Estatuto, consideram-se afro-brasileiros as pessoas que se classificam como tais e/ou como negros, pretos, pardos ou definição análoga”. A identificação pretende-se como uma contrapartida à ideologia da democracia racial, que na sua origem negava a existência de racismo no Brasil.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

Giralda Seyferth afirma em “O beneplácito da desigualdade” que “os sentimentos e práticas próprias do etnocentrismo e do racismo configuraram-se no pensamento ocidental muito antes da invenção do conceito de raça e do evolucionismo cultural no século XIX” (SEYFERTH, 2002). Ou seja, é do racismo que originou-se a “raça”, e é por esta razão que me coloco ao lado de autores como Frantz Fanon, Paul Gilroy e Patrícia Pinho, que condenam o uso biológico e social desta categoria. Como pautar a luta *anti-racista* baseada na categoria social da “raça”? Soa ilógico. Patrícia Pinho faz uma pergunta no mesmo sentido:

“Será que a estratégia mais eficiente para combater o racismo e todos os males cometidos em nome da ‘raça’ não seria através da superação deste termo? (...) O discurso que prega a defesa da expressão ‘raça’ justificando-a pelo fato de que os negros foram vitimizados em nome da ‘raça’ e que, portanto, é este signo que deve também servir para libertá-los, torna impossível pensar numa forma alternativa de modernidade. (...) O humanismo não-racial radical exige que, mais do que a auto-estima, busquemos resgatar a dignidade humana.” (PINHO, 2004, pp. 183-6).

O professor Oliveira Silveira, ativista do “movimento negro” gaúcho e criador do mote do vinte de novembro como dia nacional da consciência negra, afirmou, em entrevista<sup>1</sup>, exatamente o que critica Patrícia Pinho: que, sendo a partir desta categoria da raça que foi realizada a discriminação e a subordinação dos negros pelos brancos, é também a partir dela que o grupo negro deve reivindicar seus direitos na sociedade. Mas, mesmo que os intelectuais ativistas negros tantas vezes reiterem um discurso “racial” e não consigam trabalhar com a idéia e a realidade da mestiçagem, são eles os que mais se ocupam dos estudos e denúncia do racismo, portanto, não há como não referenciá-los.

Mas como se deu o surgimento e desenvolvimento do racismo? Giralda Seyferth faz uma sucinta historiogênese do fenômeno, buscando na Grécia Antiga suas raízes, expressas na noção de *barbarismo*. A princípio usado para designar o *outro*, o termo bárbaro logo tornou-se sinônimo de irracionalidade e desigualdade cultural, pondo em dúvida a unidade da espécie humana. As idéias etnocêntricas perpetuaram-se durante a Idade Média e a “descoberta” da América trouxe consigo o impacto do contato com

<sup>1</sup> Entrevista realizada em 1º de setembro de 2006.

povos mais distantes, diferentes, estranhos. “Tratar todos os novos povos descobertos (...) como seres pouco humanos, [era] uma doutrina conveniente que implicava que eram objetos legítimos para escravatura, exploração e extermínio”, conforme Leach, apud Seyferth, 2002. Nesse momento, configuram-se as primeiras clivagens da humanidade baseadas no fenótipo. A categoria “raça”, entretanto, só começa a ser utilizada no século XVIII, através das classificações sistemáticas realizadas por cientistas, sobre as “variedades” da espécie humana. No século XIX, torna-se o paradigma absoluto, quando as desigualdades sociais adquirem uma explicação “natural”, originadas pelas diferenças “raciais”. Este é o princípio que rege o determinismo biológico: “a hierarquia segue os desígnios da natureza; como conseqüência, as próprias classes sociais e a divisão de gênero são conformadas pela anatomia” (SEYFERTH, 2002). Giralda Seyferth afirma que o racismo é um fenômeno antigo na história, mas que no século XIX tomou força, em grande parte como reação das elites liberais que temiam “as massas”, os pobres trabalhadores urbanos europeus e também os colonizados, organizados em movimentos políticos e lutas pela independência. O que é a explicação pela “raça”? “É tomar como ponto de partida (e de finalização) a aparência física elevada à condição de elemento determinante da cultura e da civilização” (SEYFERTH, 2002).

A autora destaca que os mestiços eram um entrave à perfeição classificatória, aos pressupostos racializados-racistas. A mestiçagem era imaginada como causa de decadência das civilizações e seu caráter degenerativo tornou-se um dos temas predominantes do racismo. Os principais dogmas do racismo científico são a inferioridade das “raças” não-brancas, a natureza racial das diferenças de classe e a degeneração racial atribuída à mestiçagem.

“Conforme Banton, o próprio termo ‘racismo’ surgiu na década de 1930 para condenar as doutrinas que dizem que a raça determina a cultura – o chamado ‘racismo científico’; como conceito, racismo diz respeito às práticas que usam a idéia de raça com o propósito de desqualificar socialmente e subordinar indivíduos ou grupos, influenciando as relações sociais” (ibid).

A antropologia cultural, desde Franz Boas, passando por Gilberto Freyre e Arthur Ramos, mostrou algumas falácias do racismo, mas não

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

condenou a idéia de raça. O sociólogo brasileiro Guerreiro Ramos mostrou-se especialmente preocupado, no texto “O problema do negro na sociologia brasileira”, de 1957, com a adoção literal de categorias estrangeiras nos estudos sobre as relações raciais no Brasil. Afirma que “o trabalho científico está sempre, direta ou indiretamente, articulado com um projeto nacional de desenvolvimento, o que transparece nos objetos em que incide” (RAMOS, 1995, p. 164). O autor faz uma crítica incisiva à antropologia e juntamente com ela à noção de raça:

“a noção de raça assinalou, durante muito tempo, as implicações imperialistas da antropologia. Sob o signo desta categoria, fortemente impregnada de conotações depressivas, elaboram-se no Brasil alguns trabalhos considerados representativos de nossa antropologia, como os de Nina Rodrigues e Oliveira Viana. (...) Conceitos igualmente equívocos como o de ‘raça’ tornaram-se basilares no trabalho antropológico. Entre eles, os de estrutura social, o de aculturação, o de mudança social, os quais supõem uma concepção quietista da sociedade e, assim, contribuem para a ocultação da terapêutica decisiva dos problemas humanos em países subdesenvolvidos. Tal orientação, adotada literalmente pelos profissionais de países como o Brasil, constitui-se em poderoso fator de alienação” (ibid, pp. 165-6).

No Brasil, afirma Giralda Seyferth, preponderou a tese do branqueamento e a perspectiva assimilacionista: a imigração europeia do início do século XX foi pretendida também como forma de clarear o fenótipo da população, e a “massa de inferiores” tinha a missão de abrasileirá-los (culturalmente).

“A nação imaginada pelo nacionalismo racializado não tinha espaço para os negros, indígenas e mestiços. Entretanto, essa mesma nação podia incorporar aspectos significativos das culturas negras e indígenas, como expressões da cultura popular singular necessária ao princípio da nacionalidade” (SEYFERTH, 2002).

O governo de Getúlio Vargas concentrou-se na questão da identidade nacional, proibindo manifestações étnicas, confrontando-se com os movimentos negros que afirmavam-se na década de 30, representados especialmente pela Frente Negra Brasileira.

Todas as contradições presentes no pensamento brasileiro e nas práticas discriminatórias produziram, mesmo assim, uma versão positiva da mestiçagem, ligada ao caráter nacional, segundo Seyferth.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA



Foi por meio da *ideologia da mestiçagem*, que teve início a partir do final do século XIX, com vistas a criar ou encontrar uma identidade nacional que negava a pluralidade de etnias e culturas presentes nesta terra, que a elite brasileira conseguiu diminuir a força e a coesão dos negros, separando deles os mestiços, e imprimindo o ideário do branqueamento no imaginário nacional, conforme MUNANGA, 1999.

A categoria do *mulato* é central na diferenciação do racismo brasileiro. Se nos Estados Unidos impera a regra de “uma gota de sangue”, para a qual qualquer traço de ascendência africana faz com que a pessoa seja considerada negra, no Brasil a “raça” se confunde com a classe do indivíduo, fazendo com que um mestiço bem sucedido seja elevado à categoria de branco. Esse *preconceito de marca*<sup>2</sup> (contrastado com o *preconceito de origem* norte-americano) aliado à ideologia do branqueamento estabelece uma hierarquia das cores na sociedade brasileira, na qual o elemento branco é o padrão de “civilização” e os negros ocupam os lugares inferiores em qualquer classificação.

Lélia Gonzalez distingue dois tipos de táticas racistas, a que resulta no racismo aberto e a que resulta no racismo disfarçado. O racismo aberto é característico de sociedades colonizadas por ingleses, alemães e holandeses. Por causa da regra da “gota de sangue”, a miscigenação é impensável. Nas sociedades colonizadas por latinos, temos o racismo disfarçado, que a autora chama de racismo por denegação. Prevaecem as teorias da miscigenação, da assimilação e da democracia racial, e a ideologia do branqueamento exerce um papel fundamental. As idéias expostas por Lélia Gonzalez assemelham-se ao pensamento de Kabengele Munanga, no livro “Rediscutindo a mestiçagem no Brasil” (MUNANGA, 1999). A autora julga a segunda tática como uma “forma mais eficaz de alienação dos discriminados” do que a primeira, e faz uma retrospectiva histórica da formação dos Estados português e espanhol para justificar seu racismo mais ardiloso. Gonzalez afirma que as sociedades ibéricas estruturaram-se a partir de um modelo rigidamente hierárquico, onde todos tinham seu lugar bem determinado e, então, as sociedades que constituíram a América Latina foram herdeiras desse sistema de classificação social, racial e sexual.

---

<sup>2</sup> Usando o clássico conceito de Oracy Nogueira (1998).



Racialmente estratificadas, dispensaram formas abertas de segregação. “O racismo latino-americano é suficientemente sofisticado”, afirma a autora (GONZALEZ, 1988).

“O mito da superioridade branca demonstra sua eficácia pelos efeitos de estilhaçamento, de fragmentação da identidade racial que ele produz: o desejo de embranquecer é internalizado, com a simultânea negação da própria raça, da própria cultura. (...) Retomando a outra forma de racismo, a de segregação explícita, constata-se que seus efeitos sobre os grupos discriminados reforça a identidade racial dos mesmos. (...) É justamente a consciência objetiva deste racismo sem disfarces (...) que despertam esse empenho, no sentido de resgate e afirmação da humanidade e competência de todo um grupo étnico considerado ‘inferior’” (ibid, p. 74).

Abdias do Nascimento cita Franz Fanon, em uma passagem que assemelha-se às idéias de Lélia Gonzalez sobre as artimanhas do racismo brasileiro:

“a verdade é que o rigor do sistema torna supérflua a afirmação diária duma superioridade. A necessidade de apelar para vários graus de apoio e aprovação, para a cooperação dos nativos, modificou as relações numa direção menos crua, mais sutil, mais ‘cultivada’. Não é raro, de fato, ver nesta etapa uma ideologia ‘democrática e humana’. O empreendimento comercial da escravidão, da destruição cultural, progressivamente dá caminho à mistificação verbal” (Fanon, apud NASCIMENTO, 2002, p. 176).

Abdias do Nascimento concorda que o racismo brasileiro “caracteriza-se por uma aparência mutável, polivalente, que o torna único; entretanto, para enfrentá-lo, faz-se necessário travar a luta característica de todo e qualquer combate anti-racista e anti-genocida” (ibid, p. 197). Esta afirmação do pensador e militante coloca-se, atualmente, como um argumento contra a posição daqueles que se mostram desfavoráveis às políticas de ações afirmativas por supor que não se deve “copiar” o modelo de luta por direitos civis estadunidenses. Abdias critica a idéia do sincretismo religioso brasileiro, pois, para ele, a fusão entre as religiões de origem africana e o catolicismo se insere na ideologia assimilacionista, e o discurso do sincretismo propaga a idéia de que ambas as religiões se misturaram num mesmo plano de igualdade, o que não ocorreu de fato. A religião dos escravos era perseguida e “até destituída da sua qualidade fundamental de religião” (ibid, p. 162). O autor também realiza uma crítica à comercialização

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

da arte religiosa negra que nos remete às idéias de Bell Hooks (1996) em relação à compensação imaginada/sentida pelos brancos quando consomem a cultura/corpo negros: “triste ironia e paradoxo: a recente materialização e comercialização da teogonia afro-brasileira (...) são utilizadas para demonstrar a validade daquela mesma conclusão sobre uma sociedade ‘aberta a todas as influências sem distinções!’” (NASCIMENTO, 2002, p. 176).

Nesse sentido, é adequada aqui a crítica de Giralda Seyferth ao multiculturalismo, que, para ela, afasta a idéia da universalidade humana, mais uma vez. A noção de igualdade dá lugar à tolerância, e o discurso multiculturalista também coloca cada grupo étnico e minorias num núcleo diferente e separado, o que, segundo o argumento de Seyferth, talvez não seja a forma mais simples e eficiente de resolver o racismo. “A desigualdade concedida como beneplácito é a própria essência do racismo”, afirma a autora.

Lélia González cita M. K. Asante, para ressaltar que “toda linguagem é epistêmica. Nossa linguagem deve contribuir para o entendimento de nossa realidade. Uma linguagem revolucionária não deve embriagar, não pode levar à confusão” (GONZALEZ, 1988, p. 78). Esclarecer, iluminar, elucidar, entre outros, termos usados comumente na sociedade brasileira e freqüentemente em ambientes acadêmicos, são termos profundamente ligados à cultura ocidental que reserva o lugar da subalternidade ao negro e à mulher, e junto com eles às noções do breu, das trevas, do úmido, da lua, etc. (GRINKER, 1996; KOSS, 2004). Somos todos racistas – brancos, negros e indivíduos de todos os matizes – pois nossa linguagem é racista, e logo as palavras e categorias que coordenam nossos pensamentos, nossa lógica e nossa expressão verbal. Creio que só atingiremos um esboço do esgotamento do tema, e quem sabe do fenômeno em si, quando a interdisciplinariedade estiver realmente instalada. Vivemos em uma sociedade transpassada por um racismo às vezes muito sutil, contraditório, e sempre complexo. Um racismo que permite que um Guerreiro Ramos, ao comentar o trabalho do Teatro Experimental do Negro, escreva que eram eleitas misses de “cabelo duro”, que oferece espaço para que Alberto Torres afirme que a mestiçagem produz degeneração orgânica, quando Ramos declara que “a posição eventual de superioridade de certos

povos emana de uma seleção histórica, que obedece a fatores ou poderes tão artificiais quanto os que selecionam os indivíduos.” (RAMOS, 1995, p. 177).

Temos que relacionar questões como a ideologia do branqueamento e o desejo pelo contato íntimo com os “outros mais morenos”. Temos que nos perguntar por que o bronzamento é tão desejado e cultivado no Brasil se a meta estética é europeizante. Concordando com Abdias do Nascimento, Lélia Gonzalez e Kabengele Munanga, este nosso racismo apresenta artimanhas muito sutis e poderosas. Temos que penetrar nas suas palavras, categorias e símbolos, para realizarmos um trabalho contínuo de denunciá-las para exorcizar-nos delas. Só atingiremos o fim do racismo, o fim do estigma, quando não se atribuir nenhum comportamento específico pela cor da pele, seja a negros, seja a brancos.

Citamos uma pequena frase de Guerreiro Ramos para lembrar de Paul Gilroy e tantos outros autores “contra a raça”: “esse grande mestiço – que é o brasileiro” (RAMOS, 1995, p. 204).

## 1.2. Cultura – dominação ou humanismo?

Para a antropóloga Mary Douglas, a cultura, no sentido dos valores públicos e padronizados de uma comunidade, serve de intermediação para as experiências dos indivíduos. A cultura englobaria os sistemas partilhados de significação de uma sociedade. Ela fornece, antecipadamente, um padrão positivo, as categorias básicas através das quais as idéias são ordenadas. “E, sobretudo, elas têm autoridade, uma vez que cada um é induzido a concordar por causa da concordância dos outros”, ressalta Douglas (citado em WOODWARD, 2000, p. 42). Hans Vermeulen apresenta uma definição de cultura no mesmo sentido: para este autor, a cultura é “o mundo partilhado de experiências, valores e conhecimentos que marca uma determinada unidade social” (VERMEULEN, 2001, p. 49).

Adam Kuper descreve um traçado histórico da idéia de cultura, recordando que as discussões sobre o tema afluíram durante uma explosão de teorização cultural que ocorreu entre as décadas de 20 e 50, e dividiram-se seguindo duas tradições filosóficas centrais. A tradição francesa, de

acordo com as elaborações dos iluministas, formuladas na segunda metade do século XVIII em oposição aos dogmas da igreja católica e do antigo regime, apresenta a civilização como seu valor supremo. A civilização é uma conquista progressiva e essencialmente humana, que se revela através do dom da razão, sendo a ciência a sua mais alta expressão (KUPER, 2002).

A tradição romântica alemã, em contraposição ideológica à tradição francesa, foi instituída por pensadores preocupados com o futuro da nação frente às influências estrangeiras, e impunha os valores espirituais frente ao materialismo, as artes e os trabalhos manuais frente à ciência e à tecnologia, as emoções frente à razão árida, a *cultura* frente à civilização. De acordo com esta filosofia, a sabedoria da cultura é subjetiva, e suas reflexões mais profundas são relativas, não universais.

Com o advento das teorias de Darwin, na segunda metade do século XIX, os padrões de comportamento humano eram agora explicados pela biologia. A cultura seguia leis naturais. O darwinismo deu origem ao evolucionismo e ao racismo, mas também sob sua influência, nasceu uma nova concepção de cultura, considerada o oposto da biologia. A cultura não é herdada biologicamente, e sim adquirida, assimilada. Também apresenta-se neste período a idéia de cultura como redentora da natureza humana, com os tabus e leis se opondo aos instintos incontrolados.

Patologistas berlinenses, e pensadores de antropologia, Virchow e Bastian opuseram-se fortemente ao racismo desenvolvido após as teorias darwinistas. Bastian, já no século XIX, falava em hibridismo cultural. Ele afirma, nas palavras de Kuper: “Toda cultura recorre a diversas fontes, depende de empréstimos e está em constante mudança. O *empréstimo* é o mecanismo primário da mudança cultural” (ibid, p. 34, grifo meu).

Em seu sentido mais amplo, cultura é uma forma de se falar sobre identidades coletivas, mas também tem o sentido de gosto refinado, erudição. Para os marxistas, a cultura tem seu lugar numa luta de classes mais ampla: “A alta cultura disfarça as extorsões dos ricos. A cultura de massa confunde os pobres. Apenas as tradições culturais populares podem contrapor-se à corrupção da cultura de massa”, de acordo com as palavras de Kuper, citando o pensamento de tradição marxista, que revela uma postura um tanto quanto sectária (ibid, p. 25).

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

Os antropólogos da geração dos anos 70 questionaram-se sobre como proceder na investigação em cultura. O modelo da hermenêutica de Clifford Geertz ensina que devemos explorar com simpatia a visão de mundo do nativo, traduzí-la e interpretá-la. Geertz chegou à conclusão que a cultura não pode ser explicada nem justificada, não conta com leis gerais nem interculturais. Em contrapartida, a vertente estruturalista, originada em Levi-Strauss, auxilia-se na lingüística para descobrir as leis universais da cultura. Os geertzianos rejeitam qualquer afirmação de que pode haver uma ciência da cultura: seu modelo de cultura é o de texto; portanto recorriam à teoria literária, não à lingüística. Os antropólogos pós-modernistas, ainda geertzianos, são sobretudo relativistas. Afirmam que a cultura pode ser um texto, mas é um texto fabricado, uma ficção escrita pelo etnógrafo: os atores são dirigidos e a história é moldada – talvez inconscientemente – pelas idéias (ibid).

Adam Kuper manifesta suas ressalvas em relação ao conceito e à idéia disseminada de cultura neste livro (“Cultura – a visão dos antropólogos”), no qual ele objetiva avaliar o projeto central da escola estadunidense de antropologia que, entre as décadas de 50 e 60, apropriou-se do termo cultura como seu tema exclusivo e transformou-se em *ciência*. Foi nesse período que o termo cultura ligou-se inexoravelmente aos antropólogos. O autor afirma que uma antropologia que se define como o estudo da cultura desprezará fatores sociais, políticos, econômicos, biológicos. Critica os apelos exagerados à idéia de cultura como explicação para tudo, sobre o que leva as pessoas a pensarem e agirem de determinada forma e o que as faz mudarem seu jeito de ser. A corrente européia da antropologia, da qual provém o autor, sempre teve muita cautela em reivindicar cultura como seu tema exclusivo.

Kuper revela que seu pensamento vem de sua história pessoal, de sua vivência na África do Sul do apartheid. Ele afirma: “Teorias culturais geralmente trazem em seu bojo uma carga política, justificando uma crítica política” (ibid, p. 14). O apartheid foi fundamentado em uma teoria antropológica, pois as doutrinas oficiais sobre raça e cultura invocavam autoridade científica. Os intelectuais africânders rejeitavam o pensamento racista popular: para eles, não era a raça, e sim a cultura que constituía a

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

diferença; e as diferenças culturais deveriam ser preservadas. Kuper lembra que Radcliffe-Brown lecionou na África do Sul e também ficou com reservas em relação à noção de cultura. No discurso popular, a idéia de cultura pode, paradoxalmente, reforçar uma teoria racial da diferença – cultura pode ser um eufemismo para raça. As pessoas costumam pensar em cultura como algo inato, estimulando um discurso sobre idéias raciais ao mesmo tempo que renegam o racismo. Convivemos com esta confusão até hoje.

O autor se confessa: “Não tenho muita simpatia pelos movimentos sociais fundamentados em nacionalismo, identidade étnica ou religião, movimentos que exibem maior tendência de invocar a cultura para motivar ação política” (ibid, p. 13). Kuper cita Samuel Huntington para reforçar seu argumento sobre o abuso do tema cultura experimentado atualmente: “Nesse novo mundo, a política local é a política da etnicidade; a política global é a política de civilizações. A rivalidade das superpotências é substituída pelo choque de civilizações” (ibid, p. 23). Hoje, os próprios “nativos” falam sobre suas culturas, como afirma Kuper citando Marshall Sahlins: “A consciência cultural que se desenvolveu entre as antigas vítimas do imperialismo, no final do século XX, constitui um dos fenômenos mais notáveis da história mundial” (ibid, p. 22).

Em contrapartida, Hans Vermeulen analisa o conceito de cultura no livro “Imigração, integração e a dimensão política da cultura”, e para este autor, o conceito exerce uma função nas lutas anti-racistas,

“porque enfatiza o fato de o comportamento ser aprendido e não inato. Nesse sentido, ‘cultura’ é um conceito humanista, associado ao interesse e ao respeito por outras sociedades, por outros modos de vida, e a uma posição crítica em relação às nossas próprias interpretações e normas” (VERMEULEN, 2001, p. 45).

Vermeulen chama a atenção, contudo, para o perigo de se essencializar a cultura, e denomina de deturpação culturalista a tendência que, entre outras características, faz com que os indivíduos sejam encarados como “portadores” passivos de cultura. Esta reificação torna exótica a cultura das minorias étnicas, desracionalizando-as. “Não basta, porém, tornar compreensíveis certos comportamentos ou concepções; é necessário questionar o porquê de tais concepções, isto é, traçar a gênese das noções culturais”, afirma o autor (ibid, p. 49).

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA



Vermeulen disserta sobre as fronteiras culturais lembrando que as sociedades e as culturas já foram entendidas como sendo territoriais, claramente delineáveis, o que hoje não é mais possível em função do fenômeno da globalização. Não atentar para as diferenças no interior de uma mesma cultura é outra das características da deturpação culturalista, e o autor afirma serem as culturas “unidades” de fronteiras vagas e heterogeneidade interna. Neste sentido, Vermeulen aponta a necessidade de entender a cultura nas circunstâncias sociais nas quais ela é produzida e reproduzida. Ele destaca as inter-relações entre fatores culturais e materiais, ressaltando a necessidade de se relacionarem os processos culturais com os processos políticos e econômicos, enfoque este que exige um conhecimento do desenvolvimento histórico das culturas.

O autor problematiza a crença na transmissão da cultura através das gerações, que nega os elementos de descontinuidade e invenção:

“ainda hoje, a cultura parece ser mais freqüentemente associada à continuidade do que à criatividade e à mudança. Uma das conseqüências dessa concepção é a idéia de que a continuidade é natural e a mudança anti-natural, de que a continuidade não requer explicação, mas a mudança sim. Ora, em vez de supor uma continuidade ao longo das gerações, temos de a problematizar” (ibid, p. 48).

### **1.3. Identidade: o vir a ser – como e por quê**

Zigmunt Bauman, no livro “Identidade”, atesta que até o século XVIII, a “sociedade”, para a maioria das pessoas, era igual à vizinhança. Nessa rede de familiaridade, “o lugar de cada pessoa era evidente demais para ser avaliado, que dirá negociado” (BAUMAN, 2005, p. 24). Com o crescimento do poder estatal e a revolução dos transportes, em união com a decorrente desintegração da força das comunidades locais, a identidade nasceu “como problema e como tarefa”. Nesse primeiro momento, a *identidade nacional* era a questão preeminente, e o Iluminismo legou uma visão unificada de homem, aquele que é dotado pela razão. O indivíduo da sociedade moderna ainda contava com uma identidade bem definida e localizada (HALL, 1999).

Atualmente, o fenômeno que conhecemos pelo nome genérico de globalização acarretou o afrouxamento das fronteiras nacionais, cedendo lugar a uma transnacionalização da vida econômica e cultural, através de uma maior interligação das pessoas e eventos, por meio das novas tecnologias de comunicação, revolucionando as noções de tempo e espaço na contemporaneidade. A modernidade tardia, como Stuart Hall denomina a contemporaneidade, é por definição uma sociedade de mudança constante.

As instituições da família, da religião, do trabalho, que outrora funcionavam como quadros de referência, assim como o estado-nação, também foram abaladas. Com o colapso das antigas estruturas em que as identidades eram comumente inscritas, discute-se a “crise da identidade”, e a fragmentação do indivíduo pós-moderno.

As identidades são agora localizadas e múltiplas; não existe mais uma identidade “mestra”, como já foi, por exemplo, a classe social, que abrangia e alinhava em seu torno diferentes posições e características. Hall afirma que a globalização tem um efeito pluralizante sobre as identidades, tornando-as mais posicionais, mais políticas. Bauman ainda assevera que, segundo as nossas condições modernas, “a escolha não é só uma possibilidade, mas uma realidade a que é difícil escapar. Os indivíduos modernos estão ‘sentenciados’ a uma existência de escolha” (BAUMAN, 1998, p. 234).

O tema da identidade tornou-se, então, central no debate das ciências sociais nas últimas décadas. Mas o que é a identidade, afinal? Como a definem os teóricos contemporâneos?

A primeira característica a ser ressaltada é que a identidade depende da diferença: uma coisa é o que é porque não é todas as *outras* coisas. Nesse sentido, a identidade é *relacional*, depende de algo fora dela. Identidade e diferença são mutuamente determinadas. A identidade é, assim, marcada pela diferença; e a diferença é mantida pela exclusão. “Toda identidade tem necessidade daquilo que lhe falta”, atesta Stuart Hall (HALL, 2000, p. 110). Conforme também aponta o etnólogo francês Denys Cuche, “não há identidade em si, nem mesmo unicamente para si. A identidade existe sempre em relação a uma outra. Ou seja, identidade e alteridade são ligadas e estão em uma relação dialética” (CUCHE, 1999, p.183).

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA



Afirma Tomaz Tadeu da Silva, de acordo com as escolas estruturalista e funcionalista de antropologia, que “o processo de classificação é central na vida social. [É] um ato de significação pelo qual dividimos e ordenamos o mundo social” (SILVA, 2000, p. 82). Kathryn Woodward, remetendo-se a Mary Douglas, no mesmo sentido argumenta que “a marcação da diferença é a base da cultura porque as coisas - e as pessoas - ganham sentido por meio da atribuição de diferentes posições em um sistema classificatório” (WOODWARD, 2000, p. 39). Como a identidade e a diferença são também atos lingüísticos, de denominação, as teorias do lingüista Ferdinand de Saussure corroboram para pensarmos-nas como interligadas, pois a linguagem é, segundo Saussure, fundamentalmente um sistema de diferenças. A noção de diferença é a operação ou o processo básico de funcionamento da língua, do mesmo modo como opera a identidade: novamente, uma coisa é o que é porque *não* é todas as outras coisas (e é assim que apreendemos o seu significado, por exclusão de todos os outros). Saussure, como teórico estruturalista, apresenta esse jogo classificatório da linguagem através das oposições binárias, a forma mais extrema de marcar a diferença. Mas, enquanto para os estruturalistas o binarismo está ligado à lógica subjacente da linguagem, para outros autores “a força psíquica dessa duradoura estrutura de pensamento deriva de uma rede histórica de determinações culturais”, conforme aponta Woodward.

Na discussão sobre o tema da identidade, as diversas perspectivas podem ser divididas em dois grandes blocos: as denominadas “essencialistas” e as “não-essencialistas”. Na visão que entende a identidade como tendo um núcleo essencial, os argumentos se baseiam na biologia, através das noções da raça e das relações de parentesco, e também na história, na reivindicação da herança de um passado comum que se torna uma verdade imutável, a “origem” ou “ancestralidade”. Woodward afirma que

“em uma política de identidade, o projeto político deve ser reforçado por um apelo à solidariedade daqueles que ‘pertencem’ a um grupo oprimido. A biologia oferece uma das fontes dessa solidariedade; a busca de raízes e laços culturais fornece outra” (ibid, p. 38).

Michel Agier, em um artigo no qual versa sobre as atuais relações entre identidade e cultura em tempos de globalização, afirma que toda declaração identitária é “múltipla, inacabada, instável, sempre experimentada

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

mais como uma busca que como um fato.” (AGIER, 2001, p. 10). Entretanto, o grupo constrói sua identidade afirmando-a como absoluta, autêntica e atemporal; é assim que estabelecem tal identidade. Agier comenta as atitudes tomadas pelos grupos que se fundam em uma busca identitária: atitudes que “dão o ar de retornos (‘retorno à etnia’) ou de recolhimento (busca de ‘raízes’);” entretanto, escreve o autor, “ao decodificar os processos e resultados de sua busca, descobrimos antes inovações, invenções, mestiçagens e uma grande abertura para o mundo presente” (ibid).

O autor faz uma crítica da noção de “identidade cultural”, tornada “lugar-comum das novas formas do político, fonte de mobilização popular em zonas rurais e urbanas”. Afirma que para as novas etnicidades “o espetáculo da diferença cultural se torna não somente um objeto identitário, mas também um recurso político ou econômico para indivíduos e redes à procura de um lugar na modernidade”. Os movimentos identitários “expõem sua ‘identidade cultural’ como fonte de legitimação em face dos outros ou do Estado”, mostrando sua cultura como tradicional e atemporal; no entanto, esta foi fabricada em cima de fragmentos múltiplos, ação essa que favorece a dinâmica cultural, a transforma. “Esse é o paradoxo permanente da relação entre identidade e cultura – uma relação problemática, conflituosa, ou seja, o contrário absoluto da transparência suposta pelo qualificativo de ‘identidade cultural’” (ibid, pp. 21-2).

Bauman, em um artigo do livro *O mal estar da pós-modernidade*, critica a visão de identidade unificada e permanente dos “comunitários”. Analisando as divergências entre pensadores liberais e comunitários, especialmente sobre a questão da diferença, afirma que “a ‘diferença’ liberal representa a liberdade individual, ao passo que a ‘diferença’ comunitária representa o poder do grupo para *limitar* a liberdade individual” (BAUMAN, 1998, p. 233, grifo do autor). Ainda argumenta Bauman:

“os comunitários querem que o resultado da escolha seja estabelecido antes que o ato de escolher comece: para uma mentalidade comunitária, uma boa escolha é uma escolha do que já está dado – a descoberta e concessão de expressão consciente à ‘identidade histórica’ transmitida pelo nascimento. (...) Teoricamente, a liberdade deveria ser empregada exclusivamente para escolher a falta de liberdade; a voluntariedade, aí, significa utilizar a volição individual para se abster de exercer o livre-arbítrio. A verdadeira escolha foi feita e assinalada antes do nascimento

do indivíduo. A vida que se segue ao nascimento é (ou deveria ser) dedicada a descobrir qual foi essa escolha e comportar-se de acordo com isso” (ibid, p. 234).

Bell Hooks, por sua vez, no artigo “Devorar o outro”, no qual analisa as relações sexuais e amorosas entre “brancos” e “negros”, critica a denominação do essencialismo negro apontada pelos teóricos, e ao mesmo tempo sinaliza que este essencialismo é estimulado pelos “brancos”:

“Os intelectuais brancos progressistas, que criticam, sobretudo, as noções ‘essencialistas’ de identidade quando escrevem sobre a cultura de massas, raça e gênero, ainda não dirigiram suas críticas até a identidade branca e à maneira como o essencialismo informa as representações do branco. (...) Poucos intelectuais brancos tem chamado a atenção sobre a maneira como a obsessão contemporânea com o consumo do Outro moreno por parte do branco tem servido como catalisador para o ressurgimento do nacionalismo negro e étnico baseado no essencialismo. (...) a maioria dos intelectuais brancos que escrevem críticas a respeito da cultura negra não vêem as dimensões construtivas do nacionalismo negro, tendem a vê-lo como um essencialismo ingênuo, arraigado em noções de pureza étnica semelhantes às suposições racistas dos brancos. (...) Dado este contexto cultural, o nacionalismo negro é mais um gesto de impotência do que um sinal de resistência crítica” (HOOKS, 1996, pp. 27-31).

As perspectivas que se contrapõem às visões essencialistas encaram a identidade fundamentalmente como uma questão de *tornar-se*, ou seja, a identidade é uma *construção* social, um processo discursivo ao mesmo tempo que formador de subjetividades. Como afirma Bauman, “a ‘identidade’ só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto” (BAUMAN, 2005, p. 21). A concepção trabalhada por Stuart Hall compreende que

“as identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação” (HALL, 2000, p.108).

A identidade não é, pois, um dado ou um fato – seja da natureza, seja da cultura; não é estável nem permanente, tampouco homogênea. Ainda afirma Stuart Hall que as identidades

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

“têm a ver não tanto com as questões ‘quem nós somos’ ou ‘de onde nós viemos’, mas muito mais com as questões ‘quem nós podemos nos tornar’, ‘como nós temos sido representados’ e ‘como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios’” (ibid, p. 109).

Compreender a identidade como uma questão de tornar-se, não significa negar que a identidade tenha um passado, “mas reconhecer que, ao reivindicá-la, nós a reconstruímos e que, além disso, o passado sofre uma constante transformação” (WOODWARD, 2000, p. 28).

Denys Cuche insere a perspectiva relacional no debate, para a qual “a construção da identidade se faz no interior de contextos sociais que determinam a posição dos agentes e por isso mesmo orientam suas representações e suas escolhas” (CUCHE, 1999, p.182). O autor introduz o pensamento de Fredrik Barth, ressaltando que “para Barth, deve-se tentar entender o fenômeno da identidade através da ordem das relações entre os grupos sociais” (ibid). Este enfoque é essencial para o estudo da identidade negra no Brasil, pois foi através do sistema escravista gerido pelos homens brancos que instituiu-se a imagem do sujeito e da cultura negra no interior da nossa sociedade e, em contrapartida, a “negritude” proclamada pelos movimentos negros. A construção da identidade é tanto simbólica quanto social: “a identidade é a intersecção de nossas vidas cotidianas com as relações econômicas e políticas de subordinação e dominação”, afirma Kathryn Woodward (WOODWARD, 2000, p. 19).

“A identidade é então o que está em jogo nas lutas sociais. (...) Na medida em que ela é um motivo de lutas sociais de classificação que buscam a reprodução ou a reviravolta das relações de dominação, a identidade se constrói através das estratégias dos atores sociais” (CUCHE, 1999, p.196).

Michel Agier também apresenta em seu texto as diferentes abordagens que constituíram a “antropologia das identidades”. De acordo com a abordagem construtivista, da qual Barth é a principal referência, “a realidade é ‘construída’ pelas representações dos atores, e essa construção *subjetiva* faz parte ela própria da realidade que o olhar do observador deve levar em consideração” (AGIER, 2001, p. 11, grifo meu). A abordagem situacional, por sua vez, indica-nos que “a atenção principal do observador deve se colocar antes sobre as interações e as situações reais nas quais os atores se engajam, do que nas representações formuladas *a priori* das

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

culturas, tradições ou figura ancestrais em nome das quais se supõe que eles agem” (ibid, p. 12).

Stuart Hall denomina de “Tradição” (seguindo Robins) o movimento das identidades que tentam “recuperar” uma suposta pureza, através de asserções que são sua verdade absoluta. “Outras aceitam que as identidades estão sujeitas ao plano da história, da política, da representação e, assim, é improvável que sejam unitárias ou ‘puras’; essas gravitam ao redor daquilo que Robins (seguindo Homi Bhabha) chama de ‘Tradução” (HALL, 1999, p. 87).

As teorias pós-estruturalistas e sua crítica à idéia clássica de *representação*, contribuem para entendermos as identidades como fluidas e mutantes. Representar é significar, preencher o mundo com sentidos, e a linguagem é um sistema de significação por excelência. Para os pós-estruturalistas, a linguagem é instável e permite deslizamentos, pois os signos eternamente adiam a presença da “coisa” em si – os objetos ou conceitos – e dependem de uma operação de diferença, em relação aos outros signos (duas características sintetizadas no conceito de *différance* de Derrida). Depreende-se que o processo de significação (a linguagem) é “fundamentalmente indeterminado, sempre incerto e vacilante” (SILVA, 2000, p. 80). O trabalho de Derrida também questiona as oposições binárias, pois para ele as dicotomias são uma forma de tentar fixar o significado, e não inerentes à lógica do pensamento, como apontam os estruturalistas.

“Na perspectiva pós-estruturalista, o conceito de representação incorpora todas as características de indeterminação, ambigüidade e instabilidade atribuídas à linguagem. (...) Aqui, a representação não aloja a presença do ‘real’ ou do significado. A representação não é simplesmente um meio transparente de expressão de algum suposto referente. Em vez disso, a representação é, como qualquer sistema de significação, uma forma de atribuição de sentido. Como tal, a representação é um sistema lingüístico e cultural: arbitrário, indeterminado e ligado a relações de poder” (SILVA, 2000, p. 91).

Todas as práticas que produzem significados envolvem relações de poder, assim, quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade. “A identidade e a diferença têm a ver com a atribuição de sentido ao mundo social e com disputa e luta em torno dessa

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

atribuição.” (ibid, p. 96). Stuart Hall afirma que, como produtos de relações desiguais de poder, as identidades são

“mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída, de uma ‘identidade’ em seu significado tradicional – isto é, uma mesmidade que tudo inclui, uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação interna” (HALL, 2000, p. 109).

No processo de constituição das identidades estão presentes os atos que envolvem disputa: diferenciar, classificar, excluir, hierarquizar, normalizar. Nas classificações binárias, nos opostos que muitas vezes estabelecem as identidades, existe uma violenta hierarquia entre os dois pólos, onde o superior recebe a designação de identidade “normal” – é a identidade, e não *uma* identidade – e, paradoxalmente, são as outras identidades que são marcadas como tais. Como atesta Tomaz Tadeu da Silva:

“A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. (...) Numa sociedade em que impera a supremacia branca, ‘ser branco’ não é considerado uma identidade étnica ou racial. (...) A força homogeneizadora da identidade normal é diretamente proporcional à sua invisibilidade” (SILVA, 2000, p. 83).

Este autor traz o conceito de *performatividade*, da teórica Judith Butler, para melhor entendermos a questão da identidade como movimento e transformação, e assim compreender também como novas identidades podem ser formadas. Este conceito “desloca a ênfase na identidade como descrição, como aquilo que é – uma ênfase que é, de certa forma, mantida pelo conceito de representação – para a idéia de ‘tornar-se’” (ibid, p. 92). Butler entende que a maior parte do que dizemos são proposições descritivas, mas ressalta o fato que muitas sentenças descritivas acabam funcionando como performativas. No exemplo de Tomaz da Silva, a repetida enunciação de uma sentença como “João é pouco inteligente” pode acabar produzindo o fato que supostamente apenas deveria descrever. Como assevera Stuart Hall, falar uma língua “significa ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossos sistemas culturais” (HALL, 1999, p. 40). Dessa forma, o que dizemos pode contribuir para reforçar os

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA



padrões já existentes. Mas também, como aponta o mesmo autor, as palavras

“sempre carregam ecos de outros significados que elas colocam em movimento, apesar de nossos esforços para cerrar o significado. (...) Tudo que dizemos tem um ‘antes’ e um ‘depois’ – uma ‘margem’ na qual outras pessoas podem escrever” (ibid, p. 41).

É assim que, segundo Butler, “a mesma repetibilidade que garante a eficácia dos atos performativos que reforçam as identidades existentes pode significar também a possibilidade da interrupção das identidades hegemônicas” e a produção de novas e renovadas identidades (SILVA, 2000, p. 95). Identidades que se baseiam em movimentos de hibridismo cultural não são mais inteiramente nenhuma das identidades originais, mesmo guardando traços delas. “Ao confundir a estabilidade da identidade, a hibridização, de alguma forma, também afeta o poder.” (ibid, p. 87).

Mas de que forma explicar como e por que os indivíduos aderem a determinadas identidades? Stuart Hall é um dos pensadores que mais se ocupam desta questão, e, nesse sentido, defende a utilização do conceito de *identificação*, ao invés de identidade, para melhor ressaltar a idéia de processo formador de subjetividades. Este conceito tem origem na psicanálise, e Hall afirma que não devemos nos abster de buscar compreensões no repertório psicanalítico, no intuito de pensarmos como se vinculam as realidades social e psíquica. A abordagem de Hall vê a identificação como algo sempre em processo: “se pode, sempre, ‘ganhá-la’ ou ‘perdê-la’; no sentido de que *ela pode ser, sempre, sustentada ou abandonada*” (HALL, 2000, p. 106, grifo meu). Hall cita Freud, que chama a identificação de

“a mais remota expressão de *um laço emocional* com outra pessoa” (Freud, 1921, grifo meu). No contexto do complexo de Édipo, o conceito toma, entretanto, as figuras do pai e da mãe tanto como objetos de amor quanto como objetos de competição, inserindo, assim, a ambivalência no centro mesmo do processo. ‘A identificação, na verdade, é ambivalente desde o início’ (Freud, 1921)” (HALL, 2000, p. 107).

A identificação “está fundada na fantasia, na projeção e na idealização”, afirma Hall. O autor ainda argumenta, sobre a mesma idéia:

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

“Uma vez assegurada, ela não anulará a diferença. A fusão total entre o ‘mesmo’ e o ‘outro’ que ela sugere é, na verdade, uma fantasia de incorporação. (...) Há sempre ‘demasiado’ ou ‘muito pouco’ – uma sobredeterminação ou uma falta, mas nunca um ajuste completo, uma totalidade. (...) ela envolve um trabalho discursivo, o fechamento e a marcação de fronteiras simbólicas” (ibid, p. 106).

Mas Hall também afirma, mais adiante no texto, que “a natureza necessariamente ficcional desse processo não diminui, de forma alguma, sua eficácia discursiva, material ou política” (ibid, p. 109).

O autor entende a identidade como o “ponto de sutura” entre os discursos que convocam o sujeito e os processos que constroem subjetividades. Argumenta Hall:

“Uma teoria da ideologia deve começar não pelo sujeito, mas por uma descrição dos efeitos de sutura, por uma descrição da efetivação da junção do sujeito às estruturas de significação. (...) Se uma suturação eficaz do sujeito a uma posição-de-sujeito exige não apenas que o sujeito seja ‘convocado’, mas que o sujeito invista naquela posição, então a suturação tem que ser pensada como uma *articulação* e não como um processo unilateral. Isto coloca com toda a força a *identificação*, se não as identidades, na pauta teórica” (ibid, p. 112).

Reafirma a autoridade da psicanálise no entendimento sobre a identidade, quando cita Jacqueline Rose, que assevera que “se a ideologia é eficaz é porque ela age nos níveis mais rudimentares da identidade e dos impulsos psíquicos” (Rose apud HALL, 2000, p. 113), mas assegura que é somente na articulação deste campo de estudo com a sociologia que podemos ter uma real compreensão do tema. Stuart Hall está preocupado em “diminuir o fosso” entre os domínios das análises das práticas discursivas e do entendimento sobre a formação de subjetividades; demanda uma teoria para entender os mecanismos que fazem os indivíduos se identificar com as “posições” para as quais são convocados, para entender

“de que forma eles moldam, estilizam, produzem e ‘exercem’ essas posições; que explique por que eles não o fazem completamente, de uma só vez e por todo o tempo, e por que alguns nunca o fazem, ou estão em um processo constante, agonístico, de luta com as regras normativas ou regulativas com as quais se confrontam e pelas quais regulam a si mesmos – fazendo-lhes resistência, negociando-as ou acomodando-as” (ibid, p. 126).



Kathryn Woodward é uma teórica que, assim como Hall, parte da perspectiva dos Estudos Culturais para pensar o tema da identidade. Esta autora traz para a discussão o conceito da subjetividade, que

“envolve as emoções e os pensamentos conscientes e inconscientes que constituem nossas concepções sobre ‘quem nós somos’. Entretanto, nós vivemos nossa subjetividade em um contexto social no qual a linguagem e a cultura dão significado à experiência que temos de nós mesmos e no qual adotamos uma identidade” (WOODWARD, 2000, p. 55).

Ao incluir a dimensão inconsciente, necessariamente depara-se com a existência de contradições, assegura a autora. Na mesma direção de Stuart Hall, Kathryn Woodward é favorável ao desenvolvimento do conceito da subjetividade, pois ele “permite uma exploração dos *sentimentos* que estão envolvidos no processo de produção da identidade e do investimento pessoal que fazemos em posições específicas de identidade” (ibid, grifo meu).

Bauman lembra-nos que o anseio por “identidade” vem do desejo de *segurança*, em contraposição às experiências em um mundo que é marcado pela fragmentação e incerteza; e é provavelmente por este motivo que se empregue a linguagem das raízes e do passado nas políticas identitárias, porque é preciso “validar” as escolhas. É também por esta razão que “a verdade sobre a condição precária e eternamente inconclusa da identidade deva e tenda a ser laboriosamente oculta” (BAUMAN, 2005, p. 21). No mesmo sentido, Woodward apresenta um questionamento muito importante: “vê-las [as identidades] como fluidas e mutantes é compatível com a sustentação de um projeto político?” (WOODWARD, 2000, p. 16).

Os autores aqui citados sinalizam, com maior ou menor veemência, para os perigos de uma noção de identidade estática, que não compreenda as diferenças internas ao grupo. Stuart Hall, lembrando a crítica interna de Judith Butler ao movimento feminista, afirma que as políticas identitárias, ao unificar um grupo sob um rótulo, por exemplo, “negros”, presume a sua “unidade” e exclui todos os negros diferentes, como as mulheres e os homossexuais, entre outros. “Essa ‘unidade’ é uma ‘unidade fictícia’, produzida e constrangida pelas mesmas ‘estruturas de poder por

meio das quais a emancipação é buscada”, reafirma Hall (HALL, 2000, p. 130).

Bauman também critica a luta por “identidade” que pode aprisionar quando pretende o seu oposto, mas reflete sobre a promessa capitalista inconclusa, em um trecho que nos faz pensar no fim da escravidão no Brasil:

“O dever da liberdade sem os recursos que permitem uma escolha verdadeiramente livre é, para muitos, uma receita para a vida sem dignidade, preenchida, em vez disso, com humilhação e autodepreciação. (...) [Os lemas comunitários] têm todo o direito de importunar a complacência liberal, uma vez que procedem das camadas excluídas (...) e uma vez que esses lemas são empregados como advertência de que a obra de promoção da liberdade está longe de completa, e que a sua conclusão exigirá fazer algo para retificar a atual distribuição de recursos (...). [Porém,] esses lemas trazem consigo uma proposta que, se aceita acriticamente, terá exatamente o efeito oposto: a saber, a redução dessa liberdade” (BAUMAN, 1998, pp. 243-4).

Tomaz Tadeu da Silva adverte ainda que, no chamado multiculturalismo, o movimento pelo reconhecimento das diferenças, a noção da *diversidade* é problemática, pois, através dela, a diferença e a identidade tendem a ser naturalizadas, cristalizadas. O respeito e a tolerância são insuficientes quando não se entendem essas questões por meio de uma crítica política. Nesse sentido, Silva propõe que se aproxime a diferença do *múltiplo*, e não do diverso. O múltiplo liga-se à idéia de processo ativo; não é uma diferença entre duas identidades, mas sim uma diferença *da* identidade, da “mesmidade”. Não é uma outridade “relativamente a mim’ ou ‘relativamente ao mesmo’, mas é absolutamente diferente, sem relação alguma com a identidade” (Pardo, citado em SILVA, 2000, p. 101).

Já Patrícia Pinho apresenta uma reflexão divergente sobre a noção da diferença:

“O senso comum intelectualizado, ao pensar que o racismo se reduz a uma heterofobia (aversão ao diferente), abraça a causa da diferença como algo anti-racista, humanitário, de esquerda. No entanto, com isso, deixa-se de perceber que o racismo é (como o são os direitos de todos os tipos) uma celebração da *certeza das diferenças*. (...) A defesa das diferenças tem em seu bojo ‘um temor da perda das identidades coletivas’, como se houvesse culturas fixas e cristalizadas que se quebrariam através da mistura entre os povos” (PINHO, 2004, pp. 190-1).

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

As idéias apresentadas nesta seção demonstram que as contradições estão presentes no tema da “identidade social”. Vimos que ela é uma construção social, mas como funciona para dar segurança e coesão aos grupos que a utilizam, é referenciada nas idéias de um passado e cultura comuns, que têm de ser, no discurso desses grupos, “resgatados” e “preservados”. Esta perspectiva não compreende a idéia de que a cultura está em um processo constante de transformação.

Para discutirmos especificamente a política de identidade negra, devemos entrar no campo da “etnicidade”.

#### 1.4. Etnicidade - a “negritude”

Na definição de Stuart Hall, a “etnia” “é o termo que utilizamos para nos referirmos às características culturais – língua, religião, costume, tradições, sentimento de ‘lugar’ – que são partilhadas por um povo” (HALL, 1999, p. 62).

Já Giralda Seyferth aponta para a origem “problemática” do termo “étnico”. A autora revela que o conceito grego de *ethnos* era empregado na era medieval para “distinguir grupos que partilhavam características culturais e/ou biológicas – numa dicotomia entre um nós não-étnico e outros étnicos” (SEYFERTH, 2002). Entretanto, mais tarde, no texto, citando Banton, Seyferth sinaliza que a abordagem etnológica no estudo do homem afirma que a natureza física do homem e sua cultura demandam explicações distintas.

Conforme a perspectiva clássica de Fredrik Barth, a “identidade étnica” se constitui através de categorias de atribuição de diferenças culturais, dadas pelos próprios atores sociais, demarcando as fronteiras entre o *nós* e o *eles* (BARTH, 1998). Segundo Barth, os conteúdos culturais dos grupos étnicos se apresentam através dos *sinais manifestos* que os indivíduos exibem para ostentar sua identidade (vestuário, língua, modo de vida, etc.) e também através de *orientações de valores* fundamentais (moralidade).

Manuela Carneiro da Cunha, dissertando especificamente sobre a “identidade étnica negra”, afirma que “não se levam para a diáspora todos os

seus pertences. Manda-se buscar o que é operativo para servir ao contraste” (CARNEIRO DA CUNHA, 1987, p. 101). Esta autora lembra-nos que Max Weber foi o primeiro a afirmar que comunidades étnicas são formas de organização política, eficientes para resistência ou conquista de espaços. Antropólogos interacionistas, como Moerman e Barth, definem identidade étnica “em termos de adscrição: é índio quem se considera e é considerado índio” (ibid, p. 101). “A etnicidade não seria uma categoria analítica, mas uma categoria ‘nativa’, usada por agentes sociais para os quais ela é relevante, e creio ter sido um equívoco reificá-la como tem sido feito”, adverte Manuela (ibid, p. 107).

Michel Agier também declara que a etnia é “uma noção imprecisa na definição de seus conteúdos e de seus limites, (...) noção por demais abstrata e simplificadora”. Afirma que costumamos pensar a etnia como um modelo preexistente, no entanto, “os movimentos que designamos por essa expressão, se os apreendemos em suas lógicas particulares e atuais, são freqüentemente *inovações* culturais e identitárias” (AGIER, 2001, p. 13, grifo meu).

Denys Cuche afirma que, segundo uma concepção subjetivista, a identidade “etnocultural” [sic] é “um *sentimento* de vinculação ou uma identificação a uma coletividade imaginária em menor ou maior grau.” (CUCHE, 1999, p.181, grifo meu). No mesmo sentido, Daisy Barcellos declara que “a questão étnica envolve um aspecto emocional ativo” e “seu poder como princípio organizador é forte” (BARCELLOS, 1996, p. 96).

Hans Vermeulen também relaciona algumas linhas de entendimento sobre os grupos étnicos e afirma que a abordagem situacional tem como critério de pertença, como outros autores também apontaram, especialmente Barth, não características culturais objetivas, mas sim em que medida uma pessoa se vê e é visto pelos outros como pertencendo a um grupo à parte. A etnicidade (sinônimo de identidade étnica) é, novamente, um *sentimento* de unidade e solidariedade resultante de uma cultura ou de uma história comuns. Esse sentimento e a percepção da diferença para com os forasteiros não é o resultado simples e direto da existência de diferenças culturais, portanto, o conceito de “identidade cultural” não é adequado como

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

ponto de partida para a investigação, afirma Vermeulen (VERMEULEN, 2001).

“A identidade étnica diferencia-se das outras identidades sociais pela convicção de que as pessoas têm em comum uma origem, uma história e uma herança cultural – como, por exemplo, língua e religião. É, sobretudo, através da crença numa origem e ascendência comuns que um grupo étnico se distingue de outros grupos sociais. O conceito de etnicidade não passa, assim, por diferenças culturais ou raciais objetivas, mas pelo conteúdo e significado que os indivíduos lhes atribuem” (ibid, p. 132).

Este autor categoriza a identidade étnica em suas dimensões “objetiva” e “subjativa”. A dimensão objetiva da etnicidade são as interações intra e inter-étnica; já a dimensão subjativa Vermeulen denomina de “consciência étnica”, dividindo-a em três níveis, que contêm a formação de imagem (as características e valores atribuídos aos grupos), a identificação (nós X eles) e a ideologia (uma visão mais ou menos coerente do passado, presente e futuro de um grupo étnico particular, em relação a outros grupos).

Para Vermeulen os fatores de formação da identidade étnica são de ordem cultural e simbólica, e sócio-econômica. A abordagem que privilegia os fatores sócio-econômicos foca a atenção nas relações de poder e nos conflitos de interesse entre os grupos étnicos. Sem privilegiar uma ou outra abordagem, apenas ressaltamos que ao estudar hierarquias raciais estamos tratando essencialmente de relações de poder.

Por fim, quando Vermeulen afirma que

“ser considerado como membro de um grupo étnico é, muitas vezes, um fardo para os membros de uma minoria que ocupa uma posição socioeconômica baixa, e traduz-se, sobretudo, numa redução das possibilidades de escolha, em parte como consequência da exclusão e da discriminação” (ibid, p. 139),

eu relaciono tal pensamento com a frase de Adam Kuper:

“Os imigrantes do Ocidente também podem estar incomodados com a exortação para alimentar e desenvolver suas diferenças, quando eles talvez quisessem ter a oportunidade de ser tornar cidadãos não hifenizados” (KUPER, 2002, p. 284),

e ainda com as idéias de Livio Sansone sobre a vivência da negritude sem a ativação da etnicidade visando fins políticos (num sentido estrito do termo), especialmente na geração atual (SANSONE, 2003). De acordo com estes pensamentos, eu lembro do caso do Quilombo do Areal, em Porto Alegre.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

Este quilombo é um dos novos quilombos urbanos reconhecidos pela Fundação Cultural Palmares, do Ministério da Cultura, na esteira do caso emblemático do quilombo da Família Silva, da mesma cidade. Quando, em 2004, funcionários da Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre iniciaram um trabalho com a comunidade do Quilombo do Areal, que é um beco localizado no interior de um bairro de classe média alta, o momento de estender uma faixa no início da vila, onde se lia em letras garrafais “Quilombo do Areal”, foi percebido por alguns moradores como uma afronta. Não reconheceram tal atribuição de identidade e a maioria deles resistiu ao projeto de “resgate” da identidade étnica tentado pelos funcionários da Secretaria da Cultura. Conforme veremos nos próximos capítulos, esses sentimentos e ações são diferentes dos apresentados pelos “ativistas negros” (no universo de estudo desta pesquisa, participantes ocasionais de atividades do “movimento negro” e/ou militantes ligados há mais tempo e com maior intensidade às associações e atividades do mesmo), inclusive por uma questão de classe econômica-social.

Definindo outras categorias recorrentes neste estudo, “negro” é a denominação atualmente mais usada na auto-identificação dos indivíduos de ascendência africana que participam do “movimento negro”; e no seu uso mais amplo, pelo grosso da população, é essencialmente ligada à cor da pele. Este termo sofreu uma ressemantização no decorrer do século XX no Brasil, pois por volta da década de 30 ainda era empregado com uma valoração depreciativa. Começa a adquirir uma conotação positiva a partir do seu uso feito por pesquisadores da “cultura negra” no Brasil – Arthur Ramos, Édson Carneiro, Gilberto Freyre, entre outros.

“Esses estudiosos utilizaram o termo *negro*, assim como *afro-brasileiro*, para definir a cultura dos negros, com o que pretendiam transmitir a idéia de que se tratava, na verdade, do componente da cultura (popular) brasileira de influência africana. A popularização desse termo deveu-se principalmente à Frente Negra Brasileira (...). A partir de então, várias organizações negras incorporaram o termo *Negro* em seu nome” (SANSONE, 2003, p. 73).

Atualmente, negro é a categoria sócio-política mais utilizada pelas entidades que compõem o “movimento negro contemporâneo”, ao lado de afro-descendente, termo que vem adquirindo popularidade nos anos mais recentes, com vistas a reforçar na população negra a identificação com a

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA



ascendência africana. Os dois termos são usados pelos representantes do CECUNE.

Patrícia Pinho define a “negritude” como “o conjunto de características relacionadas ao processo de ser, sentir-se e tornar-se negro, referindo portanto à sua construção social e histórica” (PINHO, 2004, p. 24). Assim como negro, é um termo conseqüente da diáspora africana e da colonização européia na África. Também pode ser considerada como a “expressão ideológica da etnicidade negra”, segundo BARCELLOS (1996, p. 286). Livio Sansone, ao criticar o uso excessivo e por vezes ineficiente da “eticidade”, por parte dos pesquisadores, da mídia e dos agentes do movimento social negro, aponta para a necessidade de se ressaltar a negritude enquanto *um processo* de identificação, *um constructo social* que aciona formas diversas de culturas negras, estas por sua vez sendo sempre categorias nativas (SANSONE, 2003). Tais culturas e processos de identificação étnica devem ser explicitados pelo estudioso em seu contexto de pesquisa, e não tomados como um conceito fechado. Entretanto, podemos apontar algumas características que formam e informam o conjunto das culturas negras, como “uma memória da escravidão, um legado de africanismos, o efeito do racismo e das discriminações raciais” (PINHO, 2004, p. 24) e os usos estratégicos do corpo.

Lélia Gonzalez afirma que, no Brasil, “a força do cultural apresenta-se como a melhor forma de resistência [ao racismo]” (GONZALEZ, 1998, p. 70). A autora comenta sobre as manifestações culturais de origem africana presentes em todo o continente americano: “tudo isso é encoberto pelo véu ideológico do branqueamento, é recalcado por classificações eurocêntricas do tipo ‘cultura popular’, ‘folclore nacional’, etc., que minimizam a importância da contribuição negra” (ibid, p. 70). Lélia cria então a categoria da amefricanidade:

“para além do seu caráter puramente geográfico, a categoria de *Amefricanidade* incorpora todo um processo histórico de intensa dinâmica cultural. (...) Em conseqüência, ela nos encaminha no sentido da construção de toda uma identidade étnica. (...) Seu valor metodológico, ao meu ver, está no fato de permitir a possibilidade de resgatar uma unidade específica, historicamente forjada no interior de diferentes sociedades que se formaram numa determinada parte do mundo. (...) Embora pertençamos a diferentes sociedades do continente, sabemos que o sistema de dominação é o

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

mesmo em todas elas, ou seja: o *racismo*" (ibid, pp. 76-7, grifos da autora).

Lélia Gonzalez em 1988 cria uma categoria para expressar as recriações culturais e sociais dos descendentes de africanos no Novo Mundo, como faz Paul Gilroy na década de 90 com o Atlântico Negro, com a diferença que este inclui os continentes africano e europeu para expressar os trânsitos da cultura negra global. Declara a autora sobre a *amefricanidade*: "reconhecê-la é, em última instância, reconhecer um gigantesco trabalho de dinâmica cultural que não nos leva para o lado do Atlântico, mas que nos traz de lá e nos transforma no que somos hoje: *amefricanos*" (ibid, p. 79).

Paul Gilroy, por sua vez, é um combatente ferrenho do modo como se apresenta atualmente a "cultura política negra". Gilroy definiu o "atlântico negro" como as "estruturas de sentimento, produção, comunicação e memória" dos negros descendentes do fenômeno diaspórico (GILROY, 2001, p. 35). A negritude, ou as "culturas construídas pelos escravos e seus descendentes", é caracterizada por uma combinação de dor e prazer, e mediam o sofrimento através de "veículos de consolação", que para Gilroy são representados especialmente pela música produzida nesse processo histórico. Afirma o autor que "o dinâmico trabalho de memória que é estabelecido e moralizado na edificação da intercultura da diáspora construiu a coletividade e legou tanto uma política como uma hermenêutica aos seus membros contemporâneos" (ibid, p.17). Entretanto, Gilroy alerta que esta política está carregada de um "absolutismo étnico", que apaga a herança intelectual do iluminismo europeu de que são também signatários os negros do ocidente, e justamente por ter apreendido as noções redutoras de cultura e etnia de um modo de pensar ocidental. Afirma o autor: "marcada por suas origens européias, a cultura política negra moderna sempre esteve mais interessada na relação de identidade com as raízes e o enraizamento do que em ver a identidade como um processo de movimento e mediação" (ibid, p. 65).

Gilroy entende os fenômenos caracterizados por mestiçagem e hibridez como "processos de mutação cultural e inquieta (des)continuidade que ultrapassam o discurso racial", e, para ele, "a sobrevivência negra depende da invenção de novos meios para formar alianças acima e além de

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA



questões menores como língua, religião, cor da pele” (ibid, pp. 35 e 81). Atenta para as diferenças sociais e políticas internas à questão negra e para os perigos de apenas se inverter a valoração dos pólos branco/negro. Alerta para o “elo embaraçoso entre os negros que compreendem a política racial por meio deste ponto de vista e as atividades de seus oponentes repudiados, os absolutistas étnicos da direita racista” (ibid, p. 90). Nesse sentido, faz a intrigante pergunta: “será esse impulso em direção do protecionismo cultural o truque mais cruel que o ocidente pode praticar sobre seus filiados dissidentes?” (ibid, p. 89).

Para finalizar a discussão dos problemas de que se cerca este estudo, declaro que entendo a “ideologia” no seu sentido filosófico, como “conjunto articulado de idéias, valores e crenças que expressam e reforçam as relações que conferem unidade a determinado grupo social, *seja qual for o grau de consciência que disso tenham seus portadores*” (FERREIRA, 1999, grifo meu) e também no seu sentido político, como “sistema de idéias dogmaticamente organizado como um instrumento de luta política” (ibid). Olivier Reboul, em um livro no qual discute a doutrinação presente no processo de ensino, define a ideologia como

“um complexo de crenças coletivas que precede todo pensamento individual e faz com que o pensamento individual se situe sempre num ‘já pensado’, o qual determina a linguagem e as categorias de que ele se serve, os problemas que a si mesmo se propõe, ou não se propõe, as experiências que integra e aquelas que rejeita” (REBOUL, 1980, p. 47).

O próximo capítulo será destinado ao debate da história do “movimento negro” no Brasil e à apresentação da entidade que constitui o universo de estudo deste trabalho, o CECUNE – Centro Ecumênico de Cultura Negra.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

## 2. O “MOVIMENTO NEGRO” – resistências, ideologias e identidades

“O sentido da política é a liberdade.” Hannah Arendt (1999).

### 2.1 Historiando

“Movimento negro” é ação de resistência, no sentido primordial da expressão. É reação de negros defendendo-se da escravização e aniquilação cultural e, no decorrer da história, é movimento de negros opondo-se à discriminação “racial”. Dessa forma, a minha definição de “movimento negro” concorda com a de Jorge Adão, que o entende como “toda ação, organização, articulação e resistência que os descendentes de africanos imprimiram em sua *práxis*, desde sua chegada em nosso país” (ADÃO, 2002, p. 72). Joel Rufino dos Santos em 1985 cunhou as expressões “movimento negro em sentido amplo” e “movimento negro em sentido estrito”. No sentido amplo, “movimento negro” são “todas as entidades, de qualquer natureza, e todas as ações, de qualquer tempo, aí compreendidas mesmo aquelas que visavam à auto-defesa física e cultural dos negros”<sup>3</sup>. Já o “movimento negro em sentido estrito” é o conjunto de entidades e ações que se configuraram a partir da década de 30, dedicadas explicitamente à luta contra o racismo (PEREIRA, 2004). Há ainda o chamado “movimento negro contemporâneo” (ou “moderno”), que constitui o universo de estudo específico desta pesquisa, caracterizado pelo complexo de entidades, grande parte delas com caráter de organizações não-governamentais<sup>4</sup>, constituídas a partir da década de 70, e inseridas no levante de movimentos sociais ocorrido a partir desses anos no Brasil, período final dos governos ditatoriais.

Alguns pesquisadores e/ou militantes entendem também que, mais do que apenas resistência, o “movimento negro” funda-se na busca por uma construção de *autonomia*, desvinculada dos padrões simbólicos e sociais da sociedade racista dominante (ibid).

No sentido amplo, como o definimos, o “movimento negro” contempla muitas associações e ações distintas e, destarte, entende-se que

<sup>3</sup> Joel Rufino dos Santos em “O Movimento Negro e a crise brasileira” (Revista Política e Administração, vol. 2, jul/set, 1985, RJ: FESP), citado em PEREIRA, 2004.

<sup>4</sup> “ONGs”: “organizações de direito privado, sem fins lucrativos, não-corporativas e não-partidárias, que realizam objetivos sociais variados” (HERINGER, 2000).

o termo correto seria “movimentos negros”, para designar um conjunto heterogêneo de ações políticas, culturais e/ou religiosas. Optamos por utilizar a expressão no singular, para facilitar a leitura, mas sempre entre aspas, para destacarmos que o conceito “movimento negro” compreende um conjunto de ações, organizações, perspectivas discursivas e políticas múltiplas, e até mesmo contraditórias, como é característico de qualquer movimento político. Quando o texto permite ou exige, utilizamos a expressão no plural.

Dissertando sobre o período escravocata, Marcos Cardoso denomina de “resistência negra” “a reação individual e coletiva ao ato cruel de negação física e cultural da humanidade de homens e mulheres negras” (CARDOSO, 2002, p. 26), através das práticas realizadas pelos negros escravizados que confrontavam a situação imposta pelos senhores escravistas: o banzo (espécie de greve de fome), o aborto voluntário das mulheres negras, o suicídio, a fuga individual e coletiva com a conseqüente formação de quilombos, o assassinato do senhor de escravos, a organização de confrarias religiosas, as insurreições urbanas e a manutenção das religiões africanas. O fim da escravidão no Brasil, para além das causas econômicas, foi também resultado de um longo movimento abolicionista, que teve ícones como José do Patrocínio, Luis Gama e Joaquim Nabuco.

Nas primeiras décadas após a abolição, as associações recreativas, os clubes e as irmandades religiosas “buscavam a integração do negro na sociedade e propunham uma estrutura organizativa para a comunidade, construindo as suas sedes com base nos sistema de ajuda mútua e cooperação” (ibid, p. 28). Esse período marca também o início da chamada “imprensa negra”, uma série de jornais produzidos principalmente no estado de São Paulo, mas há registros também em outros estados do país, desde o início do século XX. Segundo Antônio Sérgio Guimarães, remetendo a estudo de Roger Bastide, os objetivos das associações e da imprensa negra nesta época eram

“promover a vida social negra, através da atribuição e reconhecimento da honra e do prestígio sociais distribuídos em diversos espaços de sociabilidade, como os clubes e os bailes; liderar um processo de reeducação da massa negra, no sentido de sua completa aculturação e distanciamento de suas origens africanas; liderar a luta contra o preconceito de cor e o seu correlato, o sentimento de inferioridade” (GUIMARÃES, 2002, p. 91).

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

Nesse sentido, as lideranças negras da época acabavam por reproduzir os estereótipos vigentes contra os negros, nos seus esforços por assimilação na sociedade.

A criação da Frente Negra Brasileira, em 1931, marca o início do “movimento negro em sentido estrito”, conforme Rufino dos Santos. A Frente Negra foi a primeira organização negra em nível nacional, e a primeira também a atuar no campo político. De caráter conservador, majoritariamente de direita, seus objetivos ainda eram educar e integrar socialmente os negros, negando qualquer vestígio de “herança africana”. Recrutava seus membros por meio da cor e da raça e não pela cultura ou tradições. É o ápice da busca por “aparência de moralidade”, segundo Antônio Sérgio Guimarães. Denunciava a discriminação que afastava os negros do mercado de trabalho, em favor dos imigrantes; e conseguiu resposta popular, pois contava com 30 mil filiados, concentrados particularmente em São Paulo (PEREIRA, 2002). Transformada em partido político em 1936, foi dissolvido pelo golpe getulista que instaurou o Estado Novo no Brasil, no ano seguinte. Na análise de Abdias do Nascimento, “tratava-se de uma consciência e uma luta de caráter integracionista, à procura de um lugar na sociedade ‘brasileira’, sem questionar os parâmetros euro-ocidentais dessa sociedade nem reclamar uma identidade específica cultural, social ou étnica” (NASCIMENTO e NASCIMENTO, 2000, p. 206).

É o mesmo Abdias do Nascimento quem vai fundar, em 1944, no Rio de Janeiro, um movimento pela busca da “especificidade afro-brasileira”. O Teatro Experimental do Negro, outro grande marco na história do “movimento negro” no Brasil, a princípio tinha por objetivo descerrar as cortinas teatrais à protagonização negra. Promovendo também cursos de alfabetização e concursos de beleza e artes plásticas, marcou sua época por trabalhar a imagem e a auto-estima negras. Abdias afirma que

“o TEN continuava a tradição de protesto e organização político-social, mas integrava a essa dimensão a reivindicação da diferença: o negro não procurava apenas integrar-se à sociedade ‘branca’ dominante, assumindo como sua aquela bagagem cultural européia que se impunha como ‘universal’. Ao contrário, o TEN reivindicava o reconhecimento do valor civilizatório da herança africana (...). Assumia e trabalhava a sua identidade específica, exigindo

que a diferença deixasse de ser transformada em desigualdade” (ibid, p. 207).

Já Antônio Sérgio Guimarães avalia que, especialmente pela presença intelectual de Guerreiro Ramos, a ideologia do TEN esteve “em sintonia com a política nacionalista e populista da época, cuja expressão maior foi o trabalhismo de Vargas” (GUIMARÃES, 2002, p. 89). “Para Guerreiro Ramos, negro era o povo brasileiro, não fazendo sentido falar em uma ‘questão negra’” (ibid). Dessa forma, “negros” eram também os mulatos e os pardos, que em conjunto formavam a maioria da população brasileira: maioria explorada, e não uma minoria estrangeira e oprimida.

Os estudos históricos e sociológicos sobre o “movimento negro” anterior à década de 70 ainda são incipientes, entretanto, destacamos a pesquisa de doutorado de Joselina da Silva, sobre a União dos Homens de Cor, organização fundada em 1943, em Porto Alegre, e que, em cinco anos, espalhou-se por onze estados da federação. O objetivo da pesquisa é analisar a construção de e “uma identidade racial negra no Brasil, entre os anos 40 e 50” (SILVA, 2003, p. 215). Neste sentido, a autora consegue relacionar também diversas outras entidades do período, como, por exemplo, em São Paulo, a Associação José do Patrocínio, o Centro de Cultura Luiz Gama e a Associação do Negro Brasileiro; no Rio de Janeiro, a União Cultural dos Homens de Cor e o Teatro Popular Brasileiro. A década de 40 ainda vê a criação do Comitê Democrático Afro-Brasileiro e a realização de uma Convenção (1945), uma Conferência (1949) e um Congresso Nacional do Negro (1950), todos promovidos pelo TEN.

Elisa e Abdias do Nascimento comentam a escassez de estudos acadêmicos que analisem as primeiras organizações negras:

“A precariedade do registro decorre da própria trajetória de uma comunidade destituída de poder econômico e político (...). Graças a essa precariedade, prevalece ainda a afirmação de que a comunidade afro-brasileira tem pouca tradição de luta, partindo não apenas dos porta-vozes da desmoralizada teoria de democracia racial, como também, de outra forma, de setores do movimento negro convencidos de que a militância afro-brasileira deste século começou a partir dos anos 70” (NASCIMENTO E NASCIMENTO, 2000, pp. 203-4).

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

Depois de um certo arrefecimento nas décadas de 50 e 60, nas quais o Brasil passou pelo suicídio de Getúlio Vargas e pelo golpe que instalou a ditadura militar, o “movimento negro” é marcado na década de 70 pela formação de vários grupos ao longo do país: em 1971, o Grupo Palmares, em Porto Alegre; em 1972, o CECAN – Centro de Cultura e Arte Negra, em São Paulo; em 1974, o SINBA – Sociedade de Intercâmbio Brasil-África, no Rio de Janeiro; e em 1975, o Bloco Afro Ilê Ayê, em Salvador. Em 1978 é criado o Movimento Negro Unificado (MNU), que assinala o início do “movimento negro moderno”. Nas palavras de Abdias do Nascimento, “foi ao mesmo tempo um início e um momento culminante, pois a fundação do MNU deu expressão a toda uma nova militância negra, que vinha se firmando através da década de 1970” (ibid, p. 219).

O MNU é marcado em sua fundação pelo ato público que promoveu nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo, no mês de julho, protestando contra o assassinato do jovem Róbson Luís pela polícia e também contra o Clube de Regatas Tietê, que impediu quatro adolescentes negros de treinar volêi nas suas dependências. Receberia o nome de Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial (MNUCDR), abreviado posteriormente no seu I Congresso Nacional, realizado no Rio de Janeiro em 1979.

O MNU apresenta um “perfil radicalmente diferente de seus antecessores. Politicamente, alinha-se à esquerda revolucionária; ideologicamente, assume, pela primeira vez no país, um racionalismo radical” (GUIMARÃES, 2002, p. 90). Na análise de Antônio Sérgio Guimarães, foi a teoria do “preconceito de cor”, de Florestan Fernandes, que possibilitou essa virada no perfil político das entidades do “movimento negro”. Florestan revelou, ainda nos anos 50, que, no Brasil, o branco não reconhece no negro que ele discrimina um competidor, igual em direitos, como nos Estados Unidos, mas sim *um subalterno deslocado de lugar*.

“A potencialidade revolucionária dos negros estaria justamente em livrar a sociedade burguesa emergente das amarras dos privilégios e das desigualdades da ordem patrimonial. (...) Florestan possibilita, assim, a renovação da linha política dos movimentos negros, que deixarão, no futuro, de lutar apenas pela integração na vida nacional, preferindo a construção de uma sociedade mais justa e



igualitária. O ideal socialista contaminará, durante a década de 1960 e seguintes, muitos militantes negros” (ibid, p. 97).

Outra fonte de influências, além da crítica de Florestan Fernandes à “ordem racial de origem escravocata, que a burguesia brasileira mantivera intacta” (ibid), proveio da conjuntura internacional das lutas negras. O movimento dos negros estadunidenses pelos direitos civis e o desenvolvimento de um nacionalismo negro neste país, juntamente com a luta pela descolonização dos países africanos, especialmente Moçambique, Angola e África do Sul, ofereceram novas perspectivas aos negros militantes no Brasil. A indústria cultural, que alastrava pelo continente americano a nova estética do *black power* e da *soul music*, também cumpriu papel fundamental.

O MNU sempre foi um movimento “explicitamente político e fundamentalmente urbano” (FRANCISCO, 1987, p. 211). Nasceu a partir de um sentimento de “necessidade de organização de um movimento negro político, reivindicativo e de oposição, que não se prendesse tão somente à questão cultural” (CARDOSO, 2002, p. 37). Se para alguns autores, como Marcos Cardoso, o MNU teve e tem um papel importantíssimo no contexto das lutas negras, por seu caráter denunciativo e reivindicatório, para outros, como Dalmir Francisco, cometeu erro em não se aproximar das camadas negras populares, organizadas em comunidades religiosas, por exemplo.

O MNU realizou um forte trabalho de elaboração teórica e formação política de seus militantes; divulgou idéias para mobilização da população negra, como a da *consciência negra*<sup>5</sup>; realizou debates, seminários temáticos, encontros regionais, congressos nacionais. “Potencializou, através de instrumentos denunciativos, o recrudescimento das polêmicas no campo das desigualdades sociais, desmontando, com isso, o mito da democracia racial brasileira” (RIBEIRO, 1995, p. 62). Orientava sua luta pela idéia básica que o racismo servia à sociedade capitalista dominante, predominantemente branca e, portanto, o processo de verdadeira integração do negro na sociedade brasileira estaria vinculado a uma transformação maior desta sociedade nos rumos da socialização. A articulação teórica no interior do MNU procurava combinar a luta contra o racismo com a luta de

---

<sup>5</sup> “Segundo o Movimento, era necessário a construção de um mote, de uma palavra que pudesse centralizar e mobilizar pessoas, que chamasse a atenção da população negra, que expressasse o conteúdo histórico das lutas por si mesma” (CARDOSO, 2002, p. 48).

classes, porque compreendia o racismo como um discurso do poder hegemônico, operando como instrumento de dominação e manutenção dos privilégios raciais e sociais no Brasil. Nesse sentido, Antônio Sérgio Guimarães avalia a racialização empregada pelo MNU, por meio da dicotomia negro/branco, da seguinte forma:

“a adoção de uma classificação racial bipolar (brancos e negros, abolindo as categorias intermediárias de ‘pardo’ ou ‘moreno’), parece, portanto, ter uma motivação claramente política. Longe de ser produto de mentes ‘colonizadas’ pelo imperialismo cultural americano ou presas a um racismo arcaico, foi a escolha de um movimento que optou por uma luta em que o negro pudesse ser assimilado à classe trabalhadora explorada e não a uma minoria apenas oprimida” (GUIMARÃES, 2002, p. 101).

Por sua vez, Dalmir Francisco critica o MNU por sua ação distanciada das camadas populares, por não ouvir e não deixar falar a “comunidade negra”. Segundo ele,

“o negro não é reconhecido, pelo MNU, enquanto integrante de comunidades negras culturalmente organizadas – da comunidade-terreiro à escola de samba (...). O destinatário da mensagem deixa de ser a comunidade negra e suas diversas organizações, para ser o cidadão individual (...). Dirigindo-se ao negro enquanto pobre e oprimido, o MNU não se dirige às comunidades negras organizadas – nem às suas lideranças e dirigentes, verdadeiros intelectuais orgânicos do povo negro, portador de cultura. Assim, o discurso libertário da coletividade negra se transforma num instrumento de afirmação e ascensão social individual” (FRANCISCO, 1987, pp. 213-4).

Neste momento histórico, final da década de 70 e durante os anos 1980, a ditadura militar estava chegando ao fim e o país vivia a expectativa da redemocratização, período que foi marcado pelo surgimento ou ressurgimento de movimentos sociais variados, os chamados “novos movimentos sociais”. Os “movimentos negros” fazem parte desse processo, que manteve a sociedade mobilizada durante toda a década de 80 e que irá reconfigurar o espaço público no Brasil, através da criação das “organizações não-governamentais”, durante os anos 1980 e 1990. Há uma mudança de perspectiva também na academia brasileira, especialmente por meio dos estudos sociológicos de Carlos Hasenbalg (1979; 1992) e Néelson do Valle e Silva, que mostram como a discriminação racial é parte constituinte do



capitalismo moderno, e a “raça”, categoria que determina outros indicadores sociais, como escolaridade e renda.

Atualmente o “movimento negro” se configura especialmente por meio de uma rede de entidades, muitas com caráter de organizações não-governamentais, trabalhando com questões culturais, educacionais, de saúde e assistência jurídica, entre outras. Destaca-se igualmente o movimento de mulheres negras, que possuem muitas organizações específicas por todo o Brasil. As conquistas das décadas de 90 e 2000 são expressivas, como por exemplo: a legalização do racismo como crime inafiançável e imprescritível; a criação de delegacias especiais de combate ao racismo, conselhos estaduais da comunidade negra e secretarias governamentais específicas; a mudança do treze de maio (abolição da escravidão) para o vinte de novembro (aniversário da morte do líder Zumbi) como data comemorativa para a população negra; a criação da lei 10.639/03, que torna obrigatória em todos os níveis de ensino a presença da história e da cultura afro-brasileira nos currículos; a legalização das terras de remanescentes de quilombos; e a política de cotas para negros, no serviço e nas universidades públicas. Especialmente estas duas últimas permitem-nos enxergar uma mudança na inclinação do eixo das lutas do “movimento negro”, das políticas de reconhecimento (políticas de identidade) para as políticas de redistribuição de bens e recursos no interior da sociedade capitalista. O próprio projeto Universidade Livre passou por esse processo, como veremos no capítulo seguinte.

## 2.2 Ideologias e Identidades

O “movimento negro” organizado, desde a criação da Frente Negra, sempre foi um movimento de negros de classe média (PEREIRA, 2002). Esta é uma categoria bastante aberta, englobando grupos heterogêneos, mas é exatamente por esta razão que podemos fazer tal afirmação. Segundo Daisy Barcellos, “as classes médias se situam, na sua base, próximas das rendas mais baixas e alcançam os que estão no topo da pirâmide social” (BARCELLOS, 1996, p. 105). Um grau mínimo de

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

escolarização também é constituinte desta classificação das “classes médias”.

Essa característica, aliada à ideologia da identidade nacional que nega o racismo e prega o “caldeamento das raças”, sempre tornou bastante difícil a comunicação do “movimento negro” com a maioria da população negra, historicamente pobre. Também as disputas internas do “movimento negro” dificultam a legitimação da representação negra. Amauri Mendes Pereira e Edna Roland são dois militantes e pesquisadores do “movimento negro” que não deixam de realizar críticas ao mesmo, apontando suas falhas e dificuldades (PEREIRA, 2004; ROLAND, 2000). Pereira sinaliza para as competições de lideranças no interior do movimento, questionando quem tem o poder de representar e determinar o que é a “cultura negra”, na disputa por visibilidade. Critica a idealização do “passado negro” e reclama por um maior respeito “às diferenças de concepção e expressão internas ao ‘meio negro’”. Edna Roland aponta as disputas pela hegemonia política no movimento, afirmando que também as associações de mulheres negras acabam reproduzindo uma concepção “vertical e centralizadora” de organização, do “movimento negro” como um todo. Igualmente esta autora sinaliza que o movimento “não tem sido capaz de processar suas diferenças internas de modo a contar com espaços legítimos de representação” (ibid, p. 253), e sua demanda é que o “movimento negro” estabeleça “as alianças possíveis entre todas as forças políticas existentes”.

Paulo Neves, em um artigo no qual discute as políticas de reconhecimento e redistribuição, afirma que “a prioridade dada às políticas de cotas mostra que uma parte importante do “movimento negro” reduziu suas expectativas à criação de uma classe média negra” (NEVES, 2005, p. 91). O autor justifica esta tendência remetendo-se às idéias de Nancy Fraser, afirmando que

“a depreciação do ideal socialista teve como consequência a redução do apelo mobilizador das lutas redistributivas. Assim, os valores individualistas de uma sociedade de mercado tornaram-se o referencial não só dos governos, como também de muitos movimentos sociais.” (ibid).

Neves refere-se à experiência da política de cotas nos Estados Unidos para atestar que “a criação de uma classe média negra não significa necessariamente uma ação dessa classe em favor dos negros mais pobres”.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

O autor afirma, no entanto, que a política de cotas é importante no aumento da auto-estima da população negra, porque engaja o Estado no combate à discriminação racial e especialmente porque provoca o debate nacional sobre as desigualdades sociais de origem racial. Neves, e também Amauri Pereira, apontam para o “papel pedagógico” dos movimentos sociais, e especificamente do “movimento negro”, que contribuem para mudar as representações dominantes na sociedade, e a “reformulação do pensamento do povo brasileiro sobre si próprio” (PEREIRA, 2004).

### 2.2.1 O “culturalismo”

O cientista político estadunidense Michael Hanchard instaurou uma polêmica nos meios acadêmico e militante ao pesquisar o “movimento negro” no Rio de Janeiro e em São Paulo, da década de 40 até final dos anos 80, e apontar o seu “culturalismo” como sendo um dos responsáveis pelo atraso nas reivindicações mais objetivas. O “culturalismo” acontece quando são ocultados os aspectos normativos e políticos do processo cultural, quando são reificados os artefatos afro-brasileiros e ainda quando a “cultura torna-se um repertório inerte e não algo enraizado em processos culturais dinâmicos e em ambientes sociais desiguais” (PINHO, 2002, p. 416). Hanchard faz uma análise bastante crítica do “movimento negro” brasileiro, quando afirma que

“o movimento negro é, na verdade, uma série de movimentos com compromissos ideológicos e estratégias políticas diferentes. É também um movimento de grupos com pouca coerência política ou poucas relações entre si. Seja como movimento, seja como série de movimentos, ele não tem direção. (...) As inúmeras facções e grupos das duas cidades tanto refletem a falta de uma formulação de estratégias concretas e de construções de coalizões quanto sugerem iniciativas individuais” (HANCHARD, 2001, p. 121).

Sobre as “iniciativas individuais”, Daisy Barcellos já havia apontado, em seus estudos sobre as classes médias negras (BARCELLOS 1996; 2004), o lugar da família negra como privilegiado para a reprodução da solidariedade étnica e que as diversas entidades que compõem o “movimento negro” contemporâneo têm na família um núcleo de formação e sustentação. Assim é o caso do CECUNE.

Michael Hanchard categoriza tipos de consciência e identificação racial, em semelhanças fracas e fortes (níveis de solidariedade racial), sublinhando a dificuldade de se conciliarem, no caso brasileiro, “raça”, cor, gênero e classe. Também aponta para a falta de clareza ideológica no “movimento negro” que, ao não assumir uma postura política entre a esquerda e a direita, dificulta os debates e as tomadas de decisões, que podem inconscientemente repetir o discurso dominante:

“embora a longa independência do movimento em relação aos partidos políticos tenha sido a fonte de sua vitalidade, foi também uma incubadora de tendências regressivas. Sem um conjunto rival de crenças, valores e ideologias para servir de mediador nas relações entre os esquerdistas e os conservadores, aumenta a probabilidade de os ativistas empregarem uma compreensão da raça e da política pautada no senso comum, que é compatível com as interpretações dominantes dessas questões, às quais eles reclamam opor-se” (HANCHARD, 2001, p. 111).

Michael Hanchard alinha-se com outros pesquisadores das relações raciais no Brasil, como Kabengele Munanga e Lélia Gonzalez, quando afirma que a ideologia da democracia racial, que é a política racial hegemônica no país, “desestimula o essencialismo intrínseco da politização da consciência étnica ou racial, [e] transformou a maioria dos marcadores afro-brasileiros da cultura brasileira em símbolos nacionais genéricos.” (ibid, p. 103). Este autor aponta um dado significativo, quando afirma que os movimentos sociais afro-brasileiros posteriores à década de 1940 surgiram da academia, e não dos subúrbios ou favelas.

A crítica que o pesquisador recebeu sinalizou que sua perspectiva é centrada na experiência estadunidense, não considerando as especificidades da realidade brasileira (BAIRROS, 1996). Aqui a via cultural foi a estratégia encontrada pelo “movimento negro” para combater o racismo e intervir nos espaços de poder. Nesse sentido, Joel Rufino dos Santos aponta para a “chantagem do maquiavelismo ocidental, que, hierarquizando as ações sociais, estigmatiza como alienadas e inferiores as não explicitamente políticas e como inconseqüentes as que parecem não acumular energia política” (citado em PEREIRA, 2004).

Mesmo com a crítica ao culturalismo, Hanchard consegue destacar alguns projetos que se diferenciam entre as atividades do “movimento negro”.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

Assim ele avalia o Grupo Evolução, formado em 1971 na cidade de Campinas, interior de São Paulo:

“sua utilização da cultura, especialmente das manifestações artísticas, como recursos pedagógicos e políticos para educar os afro-brasileiros teve grande influência nos futuros líderes do MNU, (...) que viam essas práticas como distinções poderosas entre o culturalismo que afligira o movimento negro até aquele momento e as práticas culturais ligadas à política partidária ou organizacional” (HANCHARD, 2001, p. 143).

A discussão sobre se o “movimento negro” é radical ou insuficiente, ou as duas coisas juntas, ainda perdura no meio acadêmico. De um lado, há a justificativa da falta de comunicação deste “movimento negro” promovido por negros de classe média com a maioria da população afro-descendente, por meio da ideologia da democracia racial que indiferenciou os marcadores culturais que poderiam servir a uma etnicização maior desta população, como afirmou Hanchard acima. Também a mestiçagem é vista por alguns autores como fazendo parte da ideologia da democracia racial, funcionando para separar a população afro-descendente entre os indivíduos de tez mais clara dos indivíduos de pele mais escura. Por outro lado, autores como Paul Gilroy, Livio Sansone e Patrícia Pinho afirmam que não podemos esquecer a mestiçagem quando nos referimos à negritude, e que a superação dos usos da “raça” é primordial para a vitória da luta anti-racista. Talvez desse mais um passo adiante o “movimento negro” que conseguisse fluir entre sua própria ideologia e os matizes da população brasileira, que por vezes fechasse os olhos para a cor, no sentido de abarcar mais voluntários, mesmo sabendo que é esta fisiológica cor o primeiro sinal estigmatizado.

### *2.2.2 Usos do corpo e abusos da África*

Em quaisquer de suas fases ou formas, o “movimento negro” fundamenta-se pela contraposição à ideologia racista dominante, mesmo que quase sempre não consiga escapar do “racialismo”. A elaboração e fixação de uma identidade positiva é seu objetivo, pelo qual o corpo assume um papel central, lado a lado com o discurso. No período que se seguiu à abolição da escravatura, almejava-se a integração dos negros à nova

sociedade de classes, de inspiração européia. Os “bons costumes” implicavam à adesão a determinados tipos de comportamentos e vestimentas. A ideologia do branqueamento, empregada especialmente pelos intelectuais da época, preconizava que o país clarear-se-ia de geração em geração, até definitivamente tornar-se um país branco. Os traços de ascendência africana deveriam ser escondidos. Isso definiu, por exemplo, certos usos do cabelo feitos pela população negra: bem curtos para os homens, alisados a ferro para as mulheres.

Mas a partir da década de 70 os negros brasileiros começam a receber influência dos movimentos vindos dos Estados Unidos e Jamaica, como o *Black Power* e o rastafarianismo. A perspectiva inverte-se e ao invés da assimilação, agora a *diferença* é o mote da identidade negra. Nesse sentido, a identidade étnica atualmente ostentada pelos ativistas negros tem na África uma fonte de recursos para se fazer visível. São as cores do pan-africanismo (verde, vermelho, amarelo, preto), são adereços para a cabeça e roupas com estampas que lembrem uma idéia de África, ou ainda o nome do continente e de seus países que são usados explicitamente para marcar a negritude.

A África, desde a gênese das ciências sociais no Brasil, é um tema carregado de alta potencialidade de manipulação ideológica, nos mostra VILHENA (1997). Os estudos sobre o negro constituíram-se em objeto privilegiado das análises destas ciências, imbricados que estão com a busca de uma identidade e um rumo para a nação, busca essa realizada pelos intelectuais brasileiros especialmente a partir do século XIX. Como lidar com o elemento negro, que se fazia tão presente no país, através do enorme contingente numérico, ou “que espécie de cultura/crenças/comportamento são esses que trouxeram do outro lado do Atlântico?” são as questões mais candentes que se faziam os intelectuais que se encarregaram de pensar o Brasil e os brasileiros. Assim, as origens dos negros brasileiros constituíram-se em um tema de especial interesse para antropólogos e sociólogos, e a “África” ou a idéia de África que se formou no Brasil tornou-se um objeto de especulação para todos os envolvidos – estudiosos, Estado, vivenciadores da cultura negra (DANTAS, 1988).

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA



Beatriz Góis Dantas, em seu livro “Vovó Nagô e Papai Branco”, explana sobre o movimento, liderado por intelectuais, de valorização das características ditas africanas na cultura nordestina, a partir dos anos 30 do século passado. Ela sustenta que esse movimento surgiu quase como uma imposição, dada pelo enorme contingente de negros presentes nessa região, e um contraponto ao sul e sudeste do país, que se pretendia cada vez mais branco e europeu. A “pureza” africana se fazia especialmente presente na religião, especificamente no candomblé. Entretanto, a valorização dessa cultura dita primitiva africana se dava concomitantemente com a preocupação com a maneira como o elemento negro “atrasado” poderia limitar o desenvolvimento brasileiro, preocupação que resultou na ideologia do branqueamento. Esse duplo movimento pôde ocorrer porque a África ainda se fazia distante, e o “africano” era um estrangeiro carregado de exotismo, ao contrário dos negros, os brasileiros mais empobrecidos da nação.

Já no sul e sudeste do país a presença africana foi negada ou escondida. Isso pode ser visto através da umbanda, que através do sincretismo livrou-se dos ritos “africanos”, tornando-se “limpa” e “branca”, “apta, pois, a ter uma aceitação social mais ampla” (ibid, p. 209). Enquanto no candomblé mitifica-se a África, na umbanda incorpora-se a figura do “preto velho”, identificando o negro ao escravo.

“Em suma, num mesmo campo simbólico – o da religião – a África é exaltada no Nordeste e negada no Sudeste. (...) essa inversão valorativa da África afigura-se interessante para pensá-la em correlação com o modo específico de inserção do negro na estrutura das diferentes regiões” (ibid, p. 210).

No caso do sul do país esta situação é ainda mais acentuada. Ruben Oliven (1996) nos mostra que até mesmo a historiografia oficial do Rio Grande do Sul subestima a presença negra na composição deste estado.

Atualmente, e mais significativamente para o sul e sudeste do Brasil, o que vemos é um forte movimento de valorização da ascendência africana, especialmente por parte dos ativistas negros. No Brasil, a constituição de uma identidade negra “consciente” está vinculada também ao uso de artefatos culturais negros estadunidenses ou africanizados. Lívio Sansone (2000), ao estudar a nova cultura negra baiana, ligada à ascensão de uma classe média negra e ao consumo, mostra-nos que um dos domínios por meio do qual essa cultura negra moderna se torna visível é a moda, pela

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

qual o visual dos ativistas negros “incorpora um conjunto heterogêneo de atributos afro e ‘africanos’”. O corpo é usado para ostentar a identidade negra: o cabelo é manipulado de diferentes formas (rastafáris, tranças, cortes quadrados para homens, etc.), roupas e ornamentos pessoais são objetos de consumo que marcam a negritude. Podemos perceber uma ânsia por visibilidade, pelo reconhecimento da negritude e pela ativação da etnicidade negra. Estes elementos simbólicos de africanidade compõem uma estética e têm uma conexão ideacional com a sociedade em que se apresentam (GEERTZ, 2000), qual seja, a luta pela transformação do padrão histórico que aos negros impõe um lugar subalterno na sociedade.

A ideologia racista relaciona fatores biológicos – a cor da pele e os sinais diacríticos da ascendência africana – com atributos morais que inferiorizam os negros enquanto grupo social. De acordo com Erving Goffman, os afro-descendentes brasileiros possuem um *estigma*, pelo fato de serem “negros”. O corpo negro estigmatizado se sobressai quando em público, quando em contato com os “brancos”, não-estigmatizados, “destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus” (GOFFMAN, 1963, p.14). A história da escravidão no nosso país, a não-inserção real e adequada dos negros no Brasil republicano e principalmente a ideologia racista que persiste até os nossos tempos causaram e continuam causando sérios danos na constituição individual e social de cada homem e mulher negros.

O racismo acontece primeiramente no corpo e através do corpo negro. São os sinais diacríticos da ascendência africana – a cor da pele, o nariz, a boca, o cabelo – que recebem a designação da feiúra e do estranhamento e é o corpo negro que é relacionado com a sujeira e o mau odor. Nilma Lino Gomes, em sua etnografia realizada nos salões de beleza étnicos de Belo Horizonte, explana sobre a origem do estereótipo que relaciona o corpo negro à sujeira:

“Quanto mais próximo do centro de poder, mais distante da poluição; quanto mais periférico em relação ao centro de poder, tanto mais íntimo da sujeira e do lixo. Sob o nosso culto à limpeza e a separação dos restos existe uma dimensão política que com frequência desdenhamos. (...) Uma sociedade asseptizada é automaticamente uma sociedade hierarquizada. Essa hierarquia invade até a esfera mais íntima do indivíduo. A poluição e a sujeira, nessa

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA



perspectiva, podem ser associadas ao pecado, à 'falta' de moralidade, à classe, à raça. (...) A relação negro = sujeira é a expressão de relações raciais e de poder assimétricas. Aquele que acusa o outro de impureza, quer seja social ou racial, está reivindicando para si próprio a idéia de superioridade e pureza" (GOMES, 2002, pp. 196-8).

O racismo à *brasileira* (DA MATTA, 1981) acontece na área das relações pessoais, na esfera privada, não atingida pelas leis. Não é público, não é abertamente propagado. O preconceito racial atua nas áreas internas do sistema social, e o corpo é uma delas.

Os estudos de Nilma Lino Gomes e Neusa Santos Souza (1983) mostram como a discriminação racial interfere na constituição da identidade negra, conformando a subjetividade desses indivíduos. A idéia defendida pelas autoras é a de que os negros, pretendendo livrar-se da determinação histórica e social que os vê enquanto seres inferiores, mas não tendo nenhuma referência positiva de si mesmo, são obrigados a tomar o branco como modelo de identidade. Entretanto, este processo é incompatível com o sistema de classificação racial vigente. "Nessa perspectiva, o racismo leva o negro a projetar a sua identidade em conflito na relação com o seu corpo" (GOMES, 2002, p. 208).

A etnografia desta autora mostra como a manipulação do cabelo negro, realizada nos salões étnicos, literalmente toca em um ponto mais profundo e complexo: a afirmação ou rejeição da identidade negra. O racismo, um fenômeno social, penetra na relação de cada homem e mulher negros com o seu próprio corpo.

Guerreiro Ramos já na década de 50 discutiu essas mesmas questões. Examinando os temas da estética e padrões de beleza, acertou no alvo sobre o racismo brasileiro: "a *cor da pele* do negro parece constituir o obstáculo, a anormalidade a sanar" (RAMOS, 1995, p. 192, grifo meu). Mais adiante, Ramos afirma que "as categorias da estética social nas culturas autênticas são sempre locais" e que no Brasil "existe uma patologia cultural no campo da estética social" (ibid, p. 194).

"Ora, a alienação estética é da mesma espécie da alienação lingüística. Ambas resultam de uma falta de suficiência da comunidade, do auto-desprezo, de um sentimento coletivo de inferioridade, da renúncia a critérios naturais de vida, em benefício de critérios artificiais, dogmáticos ou abstratos. A mim parece necessário seguir esta pista na análise do nosso

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

'problema do negro', negligenciando mesmo os seus aspectos econômicos. O que nos interessa aqui é focalizar a questão do ângulo psicológico, enquanto socialmente condicionado. (...) A condição do negro no Brasil só é sociologicamente problemática em decorrência da alienação estética do próprio negro e da hipercorreção estética do branco brasileiro, ávido de identificação com o europeu" (ibid, p. 196-200).

Dentro dos estudos antropológicos sobre o corpo, a perspectiva do *embodiment* nos mostra que o corpo não é simples instrumento ou objeto a serviço da cultura. Ele é também *produtor* de sentido, "fundamento de nossa experiência no mundo, dimensão mesma de nosso ser. (...) É a partir da perspectiva que o corpo fornece que nos orientamos no espaço (ou melhor, que somos no espaço)" (RABELO e ALVES, 2001, p. 5). Os estudos sobre corpo e experiência feitos por esta perspectiva criticam a noção das representações como mediação na relação do homem com o mundo. O entendimento de cada sociedade sobre o mundo é encarnado nos corpos de seus indivíduos, através das técnicas corporais, das "formas específicas de mobilização dos corpos" (conforme Csordas, in RABELO e ALVES, 2001, p. 6). "Esse decentramento (*do sujeito*) tem como contrapartida uma ênfase na sociabilidade, tomada como fundante de qualquer processo de subjetivação: o resgate do corpo é também o resgate do outro" (ibid, p. 8).

Nilma Lino Gomes analisa as práticas de manipulação dos ícones corporais negros, principalmente o alisamento do cabelo, como incorporação do ideal branco de beleza e tentativa de se aproximar desse pólo identitário. O que vemos por parte dos integrantes do "movimento negro" é a estratégia inversa: o apelo à "naturalização" do corpo e do cabelo negro e a busca de supostas referências africanas para marcar um padrão estético negro africanizado. O uso do cabelo crespo solto e natural, o uso de rastafáris e tranças marcam a visibilidade dos ativistas negros como uma forma de afirmação da identidade negra. Tanto a ideologia racista como a sua contraposição captam dados da natureza e os significam culturalmente. Mais uma vez o corpo é objeto e sujeito da cultura, porque é através dele que se realiza esta luta cultural de imposição e recriação de padrões estéticos.

Se a ideologia racista se dá marcando o corpo negro de forma negativa, impondo a ele as categorias da feiúra, do mau odor e da sujeira, é através da criação de uma outra ideologia, que recria padrões estéticos e

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

imprime ao corpo negro a marca da beleza, que pode ser revertido o fenômeno do racismo. Seguindo a perspectiva que dá primazia ao corpo enquanto lugar que *compreende* o mundo, que crê no *corpo vivido*, se é o corpo negro o alvo do racismo, é a ressignificação deste corpo negro que pretendem as lutas do “movimento negro”.

“Em uma dimensão macro-social e histórica temos que este é um processo de racionalização que transforma um *ethos* – enquanto sistema de disposições operantes em estado prático – em *ética* – enquanto teoria articulada e legitimadora de uma certa configuração de sentido” (RABELO e ALVES, 2001, p. 8).

Neste caso, o que quer o “movimento negro” (ética), pode ser o que o corpo permite.

Entretanto, esta mesma ideologia que se pretende como uma contraposição ao imaginário racista, também pode aprisionar, quando entende que uma identidade negra positivamente afirmada é aquela que necessariamente se liga à ascendência africana, ao cabelo trançado ou ao uso das cores do pan-africanismo. É o que atenta Patrícia Pinho, no livro “Reinvenções da África na Bahia”, no qual analisa esta identidade negra baseada no mito da Mãe África, e tem como universo de estudo os blocos afros da Bahia, como o Ilê Ayê e o Olodum. A autora também ressalta o perigo que se encontra numa afirmação da identidade negra que apenas inverte os pólos (negativo, positivo) de uma crença que está na origem do racismo: a convicção de que existem características hereditárias que seriam transmitidas *através do sangue* de cada descendente de africano.

“Ao considerar o desempenho dos jovens para a dança e para a música como sendo ‘tendências naturais’ do negro, termina-se por repetir as mesmas crenças defendidas pelas teorias raciais do século 19, que consideravam que, entre os brancos, a cultura estaria *em oposição* à natureza, e que, entre os negros, a cultura *coincidiria* com a natureza. (...) Assim, indivíduos que nascem pretos tornam-se negros, mas não se libertam das crenças essencialistas de que existiriam tendências escondidas atrás da cor da pele. (...) A poderosa noção que é preciso ‘tornar-se negro’, tão cara ao movimento social anti-racista, é ameaçada pela contradição da crença de que é preciso ‘recuperar’ tendências que estariam ‘inscritas no corpo’.” (PINHO, 2004, pp. 152-161).

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

É no entrelaçamento entre identidade, cultura e biologia; é em não entender o corpo como receptor e produtor de cultura, mas sim como portador inato de cultura que reside o perigo.

“Afirmando que a marca racial teria se incorporado à pele, movimentos negros de diversas partes da diáspora passaram a considerar o corpo negro como o *locus* da identidade e a arena de luta e constestação. Embora isso tenha possibilitado conquistas no plano da estética e da auto-estima, por outro lado, contribui para reforçar a crença nos atributos naturais e a conseqüente postura de definir negritude a partir das características biológicas, tornando-se uma referência comum para o movimento negro brasileiro de um modo geral” (ibid, p. 167).

Para lutar contra isso, é necessário ir além do investimento em uma forma única e normativa de educação do negro, afirma a autora, e ir de encontro a noções estreitas de negritude.

Como foi assinalado anteriormente, Patrícia Pinho critica a condenação da miscigenação feita por setores do “movimento negro”, afirmando que os negros na diáspora são também produtos da fusão das culturas africanas, européias e americanas. A negritude é ocidental por origem. Nesta busca pela “pureza negra” talvez resida também o fato do “movimento negro” não conseguir dialogar com um número grande de indivíduos.

“O que deve estar em jogo nas culturas de resistência não é a expressão de alguma origem perdida ou uma suposta essência não contaminada, mas a adoção de uma voz crítica que promova a conscientização da fusão das culturas e histórias que constituem as nossas condições de existência” (ibid, p. 172).

## 2.3 O CECUNE no “movimento negro” do Rio Grande do Sul

### 2.3.1 O movimento

Mesmo que oficialmente o Rio Grande do Sul se mostre e seja reconhecido nacionalmente através da identidade do homem trabalhador da região da Campanha, o “gaúcho”, e ainda pela colonização italiana e alemã

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

(AZEVEDO, 1981), a história dos negros neste estado apresenta muitas peculiaridades. Vejamos.

O Rio Grande do Sul foi o terceiro estado brasileiro, depois do Ceará e do Amazonas, a abolir a escravatura, em 1884, antes da oficialização nacional (MONTI, 1985). Clubes abolicionistas foram criados por quase todo o interior do estado e, em Porto Alegre, a campanha abolicionista culminou com a escolha da data de sete de setembro para sancionar e festejar a extinção da escravidão na capital. Na mesma data, o antigo “Campo da Várzea” (hoje adjacente ao Centro da cidade) recebeu o nome de “Campo da Redenção”, para celebrar a libertação dos escravos. Em 1935, a Câmara Municipal mais uma vez troca seu nome, para “Parque Farroupilha”, em função do centenário da Revolução Farroupilha. Permanece até hoje como o nome oficial, mas no cotidiano dos gaúchos, simplesmente “a Redenção” é o parque mais popular e freqüentado de Porto Alegre, e um de seus principais pontos turísticos.

A chamada “imprensa negra” também é destaque no Rio Grande do Sul. Há registro de um jornal intitulado “A voz do escravo”, que funcionou em Pelotas<sup>6</sup> em 1881 (ibid). Na mesma cidade, são mais conhecidos “A Cruzada”, de 1905, e “A Alvorada”, de 1907. Este último existiu até 1965, tornando-se o mais duradouro jornal da imprensa negra no Brasil (MELLO, 1995). Em Porto Alegre, “O Exemplo” teve sua primeira edição em 1892. Com algumas interrupções, foi editado pela última vez em 1930. Marco Antônio Lírio de Mello registra também os jornais “A Navalha”, de Santana do Livramento, em 1931, e “A Revolta”, de Bagé, em 1925, referindo-se apenas àqueles criados até a primeira metade do século XX.

As associações culturais e beneficentes negras também se fizeram presentes no estado. As duas mais conhecidas, que existem até os dias de hoje, são a Sociedade Beneficente e Cultural Floresta Aurora, fundada em 1872 por escravos alforriados, e a Associação Satélite Prontidão, de 1902. losvaldyr Bittencourt Jr. revela que, em 53 edições do jornal O Exemplo, entre 1909 a 1913, registrou-se 62 clubes e associações negras de caráter recreativo e de mútua ajuda, comprovando uma ampla rede de sociabilidade negra urbana (BITTENCOURT JR, 2005).

<sup>6</sup> Pelotas é uma das cidades que mais reuniu escravos em todo o sul do Brasil, localizada ao sul do estado, área na qual predominaram as charqueadas.

O “dia nacional da consciência negra”, em 20 de novembro, foi instituído pelo Movimento Negro Unificado, mas a idéia de abolir o 13 de maio como data comemorativa da população negra brasileira e festejar a data da morte de Zumbi, chefe do quilombo de Palmares, partiu do grupo Palmares, criado em Porto Alegre em 1971, com o poeta Oliveira Silveira como principal liderança (SILVEIRA, 2006).

Em 1986, depois de vencer o concurso Rainha das Piscinas do Rio Grande do Sul em 1984, Deise Nunes de Souza é eleita Miss Brasil, a primeira – e única – mulher negra a conquistar esse título. Em 1990, Alceu de Deus Collares, do PDT, torna-se, através do Rio Grande do Sul, o primeiro governador negro eleito no Brasil.

O Censo Demográfico Brasileiro de 2000, realizado pelo IBGE, apurou que o Rio Grande do Sul, proporcionalmente, é o estado que mais concentra adeptos das religiões de matriz africana, especialmente a umbanda e o batuque. Segundo levantamento da seção gaúcha da Associação de Cultos Afro-brasileiros (Afrobras), existem cerca de 50 mil estabelecimentos voltados para a prática de religiões afro-brasileiras no estado. Ari Oro, pesquisando nos fichários das quatro federações de religiões afro-brasileiras existentes atualmente no estado, apresenta números menores, mas não menos expressivos. Segundo ele, no final da década de 80 havia aproximadamente 2.500 casas de culto em Porto Alegre, 4.000 nas outras cidades da região metropolitana e 5.800 no interior, somando 11.800 estabelecimentos no Rio Grande do Sul (OLIVEN, 1996).

Em 2003 a Fundação Cultural Palmares reconheceu o Quilombo da Família Silva, localizado em um bairro nobre de Porto Alegre, como o primeiro quilombo urbano do país.

Em 2007, por fim, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul aprova a implantação de cotas raciais e sociais no seu vestibular (15% para estudantes de escolas públicas e mais 15% para estudantes de escolas públicas que tenham se declarados negros na inscrição do concurso).

Dentre as entidades que compõem o “movimento negro gaúcho” atualmente, destacamos: Instituto Cultural Afro-Sul, criado em 1974; Fundação Léopold Sedar Senghor, de 1984; Maria Mulher – Organização de Mulheres Negras, criada em 1987; Centro Pedagógico de Retorrialização e



Cidadania Negra – GRIÔ, de 1991; União de Negros pela Igualdade – UNEGRO, de 1993; Instituto Brasil-África – IBÁ, de 1998; Associação Cultural de Mulheres Negras – ACMUN, criada em 1989; Africanamente – Centro de Pesquisa, Resgate e Preservação de Tradições, de 2001; além, é claro, do CECUNE e MNU.

### 2.3.2 O Centro

O Centro Ecumênico de Cultura Negra – CECUNE é uma organização não-governamental (ou “associação sem fins econômicos”, conforme o seu estatuto) localizada em Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul, e é uma das entidades que compõem o “movimento negro gaúcho”.

O CECUNE foi criado em 1987 com os objetivos de “desenvolver o estudo e a compreensão da história do povo negro, bem como a assessoria a pessoas e entidades, no sentido de recuperar, preservar e cultivar os valores da raça negra”<sup>7</sup>. A formação do CECUNE na segunda metade da década de 80 teve também o intuito, segundo seus coordenadores, de ser uma alternativa ao estado então vigente no “movimento negro” organizado, que não era visto com bons olhos pela maioria da sociedade e também não oferecia espaço aos negros não acostumados aos meandros da política. Assim afirma Suzana Ribeiro, funcionária pública aposentada e coordenadora financeira da entidade:

“na tentativa de resposta ao excesso de segmentação observado nos movimentos atuantes à época, onde a diversidade encontrava muitos entraves – eram movimentos só de homens de meia idade, ou só de adeptos de um mesmo partido político, ou que não aceitavam negros cristãos ou que proibiam o acesso a negros policiais, por exemplo. Este grupo pensou que deveria criar um espaço onde a diversidade pudesse ser agregada – gênero, geração, escolaridade, profissão, opção política, opção religiosa, etc.” (LIRA, 2006).

Segundo o coordenador-geral Juarez Ribeiro, marido de Suzana, o Centro foi fruto do desejo de participantes do “movimento negro” de formar uma entidade que trabalhasse para melhorar a imagem do negro e das lutas

<sup>7</sup> Estatuto do CECUNE, aprovado em 13 de outubro de 1992.

negras na sociedade, vinculada à divulgação da cultura negra; uma entidade que se afirmasse dentro do “movimento negro” baseada numa ação mais “culturalista” do que exclusivamente política. É interessante notar que a crítica de Michael Hanchard, ao analisar o “movimento negro” dos anos 40 até a década de 80, incidiu justamente sobre o assim chamado “culturalismo”, mas foi o “culturalismo”, agora denominado pelo ativista Juarez Ribeiro, a “saída”, digamos assim, encontrada por quem se achava no meio das lutas negras, para escapar da ilha que era o movimento com moldes de partido político.

O CECUNE foi fundado por um grupo de dez a doze pessoas que se reuniam, no seu início, em todas sextas-feiras à noite, em um salão da Igreja Metodista Central de Porto Alegre. Dos fundadores, participam atualmente da entidade o casal Juarez e Suzana Ribeiro, e Wilson e Jorge de Souza, irmãos, que na época de sua criação eram vinculados à Pastoral do Negro, ramo da Igreja Católica ligado à Teologia da Libertação. Nas palavras de Juarez:

“nós passamos a refletir sobre a necessidade de ter uma entidade que pudesse trabalhar, ter uma atuação mais qualificada, fazer um trabalho de resgate, sobretudo da imagem, da questão cultural, da divulgação cultural, difusão da cultura negra. Então o CECUNE é o resultado um pouco desse cenário bastante confuso que a gente vivia, falar do movimento negro os caras não acreditavam muito. Aí a nossa ação se deu em cima da necessidade de juntar um grupo de pessoas insatisfeitas com aquela situação, com aquele momento que as organizações viviam; pessoas que atuavam na sociedade civil, prestavam algum serviço profissional pra sociedade civil com competência e convidá-los pra montar uma entidade que pudesse dar uma contribuição pro movimento negro, como uma forma de militância, aí que surge o CECUNE.” (Juarez Ribeiro, 53 anos)<sup>8</sup>.

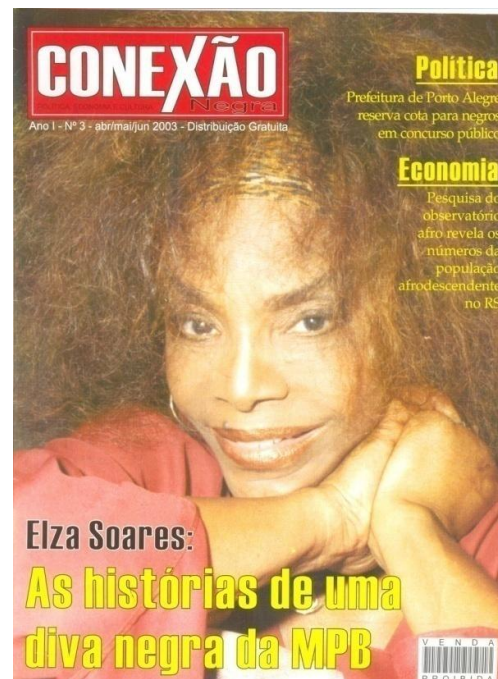
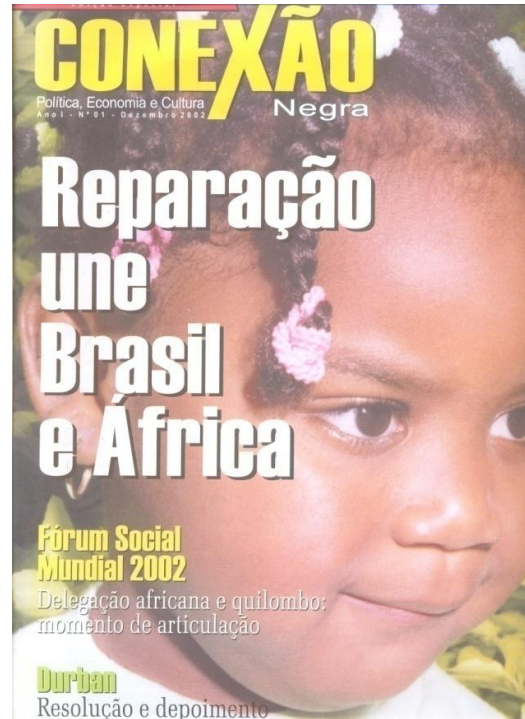
O CECUNE se caracteriza por promover atividades culturais e educacionais referentes à “temática negra”. São seminários, palestras, mostras de cinema e vídeo, lançamento de livros, entre outras atividades, que sejam produção “negra” e/ou que tragam questões pertinentes à população afro-descendente, como relações e desigualdades raciais no Brasil, ações afirmativas, história do continente africano, etc. De produção do próprio CECUNE, destacamos o jornal “Como É”, publicado pela primeira vez em

---

<sup>8</sup> Entrevista realizada em 30 de novembro de 2002.



1994, com tiragem de 20 mil exemplares e distribuição gratuita, e que depois de oito números espaçados foi editado pela última vez em 2004, com o valor simbólico de 75 centavos. E também a revista “Conexão Negra”, com três números, de dezembro de 2002 a junho de 2003, sempre com distribuição gratuita.



pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Get yours now!

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

## Ilustração 1 – Publicações do CECUNE.

Dalmir Francisco define três linhas políticas que perpassam os grupos que constituíam o “movimento negro” na década de 80. A primeira ele chama de discurso negro-tradicional, de corte racial, que busca um melhor padrão sócio-econômico para as famílias negras; a segunda é o discurso negro de raça e classe, que aponta a transformação socialista como a saída para a superação do racismo e da opressão de classe, o qual estaria representado pelo MNU; e, finalmente, a terceira linha seria o discurso político-cultural, “que vê na organização cultural comunitária do negro a base do possível exercício de sua cidadania e de sua insurgência como sujeito político coletivo, parceiro do debate e da construção de uma nova ordem social, democrática e plural” (FRANCISCO, 1987, p. 224), para a qual a superação do racismo dependeria primeiro do fortalecimento da “identidade cultural negra”. O CECUNE se enquadra nesta última linha de discurso. A idéia do Centro é que a conquista de uma “consciência negra” se faz “trabalhando com os elementos que fazem parte do universo do negro, não apenas convidando-o para participar de alguma organização política”<sup>9</sup>. Juarez tece um comentário interessante sobre a comunicação entre os “intelectuais” do “movimento negro” e a maioria da população:

“justamente, essa intelectualidade tinha idéia que o movimento negro tinha que ser um movimento político para transformar a sociedade. Eles nunca pensaram quem transformava a sociedade. A ação da transformação se dá através do povo, né? Se esse movimento nunca atingiu o povo, como é que ele ia se consagrar? E ele só não atingia o povo porque ele não tinha ações culturais, artísticas sobretudo, que pudesse identificar, ou seja, elegendo as coisas da comunidade pra botar essas coisas a disposição da luta racial”.

A criação do CECUNE é conseqüência também da história pessoal de seus fundadores. Suzana Ribeiro freqüentava a Igreja Metodista desde pequena, junto com os pais, e sempre participou ativamente das atividades sociais desta igreja. Ela conta que na década de 80 iniciou-se um movimento de negros metodistas de reflexão sobre as questões negras, deflagrado por uma religiosa estadunidense:

<sup>9</sup> Juarez Ribeiro, na entrevista citada.

“ela buscou recursos com a Igreja Metodista americana pra tentar reunir um pouco o pessoal negro metodista pra pensar algumas coisas, fazer uma proposta de abordagem e enfrentamento disto dentro da própria igreja. (...) eles subsidiaram pra gente fazer encontros regionais, cada região arregimentar e fazer algum foco de discussão. Aí a gente organizou um encontro aqui grande, que foi lá no IPA (*Instituto Porto-Alegrense, na época uma faculdade de cunho metodista*). Ali já era um embrião do que veio a ser o CECUNE. Tinha uma porção de gente, todos metodistas” (Suzana Ribeiro, 52 anos)<sup>10</sup>.



Ilustração 2 – Foto de Suzana.

O adjetivo “ecumênico” no nome da entidade tem uma inspiração religiosa, por meio da vivência dos fundadores, mas todos ressaltam que buscaram na etimologia o sentido para o “CECUNE”: Juarez afirma que o significado da palavra é reunião dos diferentes. Segundo ele, o Centro respeita as diferenças internas da cultura negra e pretende reunir uma variedade de perspectivas, até mesmo de outros movimentos sociais, como o de mulheres, índios, e outros. Diz ele: “O nosso conceito de ecumenismo não é um conceito religioso cristão. (...) Essa nossa idéia de ecumenismo é uma idéia cultural.” Suzana também afirma: “ecumênico na nomenclatura do CECUNE quer dizer o desejo da diversidade na identidade de ser negro e negra”. Ela também nos leva aos momentos iniciais da entidade, detalhando sua relação com as religiões católica e metodista:

“um pouco da metodologia desses grupos regionais metodistas era também se aliar com entidades ecumênicas e internacionais. Havia um grupo de jovens, um pessoal com

<sup>10</sup> Entrevista realizada em 17 de julho de 2003.

uma visão bem legal pra movimentos sociais<sup>11</sup> (...). Ficaram um bom tempo junto conosco quando o CECUNE nasceu. Nesse meio tempo a gente foi a alguns encontros em São Paulo, ecumênicos, então a gente encontrava pessoas de outras igrejas, outros grupos de fundo religioso mas essencialmente de movimento negro. (...) No final de 86 os Agentes de Pastoral Negros fizeram uma reunião em Santa Cruz, acho que umas 300 pessoas. Lá a gente conheceu o grupo que veio a fundar realmente o CECUNE. (...) E na volta disso a gente começou a se encontrar, num salão da Igreja Metodista central. Pedimos a sala, e começamos a nos encontrar ali, uma vez por semana. (...) E aí o pessoal vai peneirando, tem uns que ficaram desde sempre, e tem os que entram, saíram, questão de vida pessoal, definição, casou, mudou daqui... e muitos e todos já se licenciaram, pelo menos por um tempo, só nós que não. *(risos)* Tempo integral sempre, sem interrupção.”

Este nós a que Suzana se refere no final da fala, é ela e Juarez. Como Suzana diz, eles sempre estiveram à frente da entidade. Mesmo assim, o casal apresenta um forte discurso sobre o compartilhamento dos projetos por todos os envolvidos, que são voluntários que se disponibilizam para trabalhar junto com os coordenadores. O CECUNE não possui sede própria, e a “secretaria” da entidade funciona na casa do casal coordenador, e as instalações, quando necessárias para a realização das atividades, são cedidas por instituições parceiras. A entidade convida profissionais negros – sociólogos, economistas, psicólogos, juristas, cineastas, artistas – para proferir palestras ou ministrar cursos, inclusive de outros estados, o que faz com que o CECUNE seja hoje reconhecido também em âmbito nacional, pelos ativistas do “movimento negro”. Mas o planejamento e a coordenação dos projetos e atividades são sempre capitaneados pelo casal.

Juarez Ribeiro apresenta uma inserção no “movimento negro” antes da fundação do CECUNE. Ele inicia sua vida política ajudando a fundar o MNU em Porto Alegre, no final da década de 70, e um pouco mais tarde, em 1982, participa do processo de fundação do Partido dos Trabalhadores na capital. Antônio Sérgio Guimarães faz uma análise do MNU na qual se enquadra o caso de Juarez:

“o MNU dos anos 80 foi um movimento cindido. De um lado, lideranças de esquerda, geralmente jovens universitários, alguns deles sintonizados com a luta democrática que se organizava a partir das organizações socialistas, abrigados no PMDB; e, de outro, lideranças sintonizadas com a

<sup>11</sup> Este grupo que Suzana fala é a UBRAJE – União Brasileira de Juventude Ecumênica.



resistência cultural que espontaneamente se espalhava nos meios negros mais pobres, influenciados pela cultura de consumo de massa.” (GUIMARÃES, 2002, p. 99).



Ilustração 3 – Foto de Juarez.

Juarez é publicitário e imprimiu no CECUNE as marcas que compõem esta profissão: planejamento, estratégias, mercadologia; ou seja, alvo no público para quem se dirige as atividades.

“E sobretudo pelo trabalho que a gente desenvolveu nestes quinze anos, buscando, resgatando, difundindo as manifestações da cultura negra. Nós paramos e diagnosticamos o que precisava ser feito para redimensionar a luta, do ponto de vista de se criar um hábito, de se ter uma imagem, sobretudo dentro da comunidade, mais aceitável. E aí eu usei muita da minha formação de marqueteiro pra resgatar sobretudo essa questão da imagem do movimento negro, porque quando nós começamos, a idéia de movimento negro, aqui em Porto Alegre, era muito desgastada, estava muito associada à idéia de uma cultura marginal, porque era tradição da sociedade aristocrática de nos ver como elementos marginais. Então qualquer ação nossa era uma ação marginal, sobretudo uma ação que fosse uma ação mais crítica, de cobrança política, mais incisiva, ela reforçava muito essa idéia. Então uma das estratégias que nós montamos foi justamente essa: diagnosticamos o contexto social e político e constatamos que precisava de uma ação segmentada, ou seja, a gente não podia ser eminentemente questionador, a gente também tinha que ser culturalista. Sobretudo com uma ação ética muito bem montada, muito bem firme para resgatar a confiança... Nós dividimos as nossas ações políticas, de demandas de transformação da sociedade, cobrando políticas públicas da sociedade, de uma

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

ação cultural, onde nós pudéssemos envolver essa sociedade de uma maneira muito simpática, aí que nós começamos a programar eventos, seminários de reflexão; levamos essa discussão para dentro das escolas de 1º, 2º, 3º grau, pras universidades, fomos pra comunidade, aproximamos, fomos o primeiro grupo a quebrar essa barreira que o movimento negro tinha dentro de Porto Alegre. (...) A ação cultural pra nós foi assim um dos pontos fundamentais que em menos de um ano, dois anos, eu como marqueteiro sempre trabalhei com esses dados de maneira científica, tudo muito tabulado, tudo diagnosticado, aferindo sempre. Em menos de dois anos nós conseguimos transformar o CECUNE na entidade mais conhecida de Porto Alegre, e mais simpática” (Juarez).

Uma prática realizada através da estratégia de atrair a comunidade negra para a dimensão política das questões negras aliada aos próprios interesses e costumes da comunidade, era, por exemplo, na entrada de uma mostra de pagode<sup>12</sup> promovida pelo CECUNE, distribuir um folder (ANEXO 1) contando a história do samba, juntamente com uma parte destacável na qual a pessoa preenchia com seus dados pessoais para receber mais informações sobre os outros projetos do CECUNE, enviando esta parte destacável, que tinha o porte pré-pago, pelos Correios. Aliava-se então a diversão, a difusão da cultura, a divulgação da história das “tradições” e a propaganda da entidade. Esses projetos populares eram realizados preferencialmente nos dias de passe livre<sup>13</sup> nos ônibus de Porto Alegre, em lugares centrais, como o Centro Cultural da Usina do Gasômetro, de maneira a trazer a população das periferias para o Centro da cidade.

Atualmente, o *Canto Coral* e o *Universidade Livre* são os principais projetos da entidade. O Coral do CECUNE é a atividade que mais visibilidade dá ao Centro, fora do circuito do ativismo político negro. Mesmo os negros que não são integrantes de alguma organização negra e também a população branca de Porto Alegre e do estado, podem já ter assistido a uma apresentação do Coral, através do circuito cultural no qual o grupo costuma apresentar-se. Nos últimos anos, este Coral tem presença garantida nos principais eventos do estado, como a Feira do Livro de Porto Alegre, o Fórum Social Mundial, a Jornada Literária de Passo Fundo, além de ter

<sup>12</sup> O pagode que se conhece no Rio Grande do Sul é semelhante ao pagode tocado em São Paulo, representado por grupos como Fundo de Quintal, diferente do pagode baiano.

<sup>13</sup> Desde que o Partido dos Trabalhadores assumiu a prefeitura da capital gaúcha, em 1988, instituiu-se que o último domingo do mês teria passe livre nos ônibus da cidade. Essa prática mantém-se até hoje.

excursionado pelo interior do estado em 2002, onde também se apresenta regularmente. O Coral do CECUNE foi meu universo de estudo na monografia de conclusão do curso de Ciências Sociais (CIRNE, 2004).

O Coral do CECUNE é composto apenas por pessoas negras, de acordo com os critérios do grupo, e diferencia-se do padrão conhecido de grupos corais, além da etnicidade negra marcada, por três características em especial: pelo seu repertório musical, pelos figurinos dos cantores e pela banda que os acompanha. As músicas cantadas pelo Coral estão ligadas a uma determinada idéia de cultura negra. À medida que foi sendo construído seu repertório, as apresentações iam adquirindo uma forma que se baseava na idéia da diáspora negra pelas Américas: iniciam com músicas africanas (hinos, cantigas populares, canções religiosas) cantadas nas línguas originais, passam por versões de músicas estadunidenses, uruguaias, argentinas, cantadas em inglês e espanhol e finalizam com músicas brasileiras, de artistas ou temática negra. O Coral dá uma atenção especial às suas vestes: possuem algumas opções de figurinos, que são escolhidos de acordo com a ocasião e o motivo da apresentação. Suas vestimentas são caracterizadas por cores, estampas e adereços que remetem a uma idéia de África, ou então são versões das roupas dos corais religiosos negros dos Estados Unidos e de vestimentas tradicionais africanas. O Coral possui também um naipe de instrumentistas, que em sua versão completa é formado por violão, baixo, berimbau, cavaquinho e pandeiro.

Criado em 1994, foi pensado, em sua origem, como um espaço de integração e convívio para seus integrantes, mas sobretudo como uma forma de *marcar a presença* negra na sociedade, idéia esta ligada à questão da invisibilidade do negro, especialmente no sul do país.

“Nasceu da idéia de uma intervenção social negra, utilizando a arte como instrumento. É uma proposta diferenciada de canto coral construída a partir de matrizes culturais africanas e resgatando valores como a transmissão oral das tradições e costumes, a criatividade e a expressividade musical negras. Divulgar autores e obras cujo conteúdo manifeste elementos que contribuam para a difusão da cultura negra e para a superação de preconceitos de qualquer natureza e, em especial, para o combate ao racismo, constitui o OBJETIVO PRINCIPAL DO GRUPO” (História do Coral do CECUNE, CD-ROM, 2003).

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA



O grupo já contabilizou quase quarenta pessoas entre seus participantes. Atualmente são de quinze a vinte pessoas que freqüentam os ensaios e participam das apresentações. Diz Suzana Ribeiro:

“se a gente for olhar, cada um que vinha a gente preenchia uma ficha, deve tá guardada, eu acho que tem umas 150 fichas, ou mais, de pessoas que passaram ao longo desse tempo. Porque os seus objetivos eram os mais variados possíveis. Aí quem é que ficou? Quem veio construir o projeto, e aí esse projeto foi sendo delineado com essas pessoas”

Os integrantes do Coral, em sua grande maioria, não identificam-se como artistas, apesar de alguns tocarem instrumentos e comporem músicas. São, no máximo, artistas nas horas vagas, sem pertencerem ao campo profissional da arte. Algumas das mulheres são artesãs: confeccionam bonecas negras, imagens de orixás, colares étnicos, entre outros objetos.



Ilustração 4 – Foto do Coral do CECUNE

O projeto Universidade Livre é alvo de nossa análise no próximo capítulo.

Para finalizar a apresentação do Centro Ecumênico de Cultura Negra, reproduzimos um texto publicado na coluna de Luís Augusto Fischer, no Segundo Caderno do jornal Zero Hora, em 16 de setembro de 2003. Fischer é escritor e professor de literatura na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, bastante reconhecido no estado, e trabalha para o grupo de

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

comunicação RBS, que além de proprietário do jornal Zero Hora, o principal do Rio Grande do Sul, mantém emissoras filiadas à Rede Globo de Televisão.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

### 3. PROJETO UNIVERSIDADE LIVRE

“Com certeza uma coisa eu posso dizer,  
que esse curso mudou a vida de todo mundo,  
porque todo mundo que eu falo e encontro,  
todo mundo pensa isso aí.  
Pra mim aquilo ali mudou a minha vida”.  
Koyade, aluno em 2003.

“Na Universidade Livre nós estávamos falando pra nós.”  
Sílvia Prado, aluna em 96 e psicóloga atuante em 2003.

O “Universidade Livre” é um projeto educacional alternativo: constitui-se em um curso para “capacitação de agentes multiplicadores de *consciência negra*”, nas palavras de Juarez Ribeiro. O conteúdo programático abrange história da África, história dos afro-descendentes no Brasil, religião, saúde, políticas públicas, globalização, entre outros temas, “todos aqueles sobre os quais faltam informações na formação escolar na perspectiva da população negra”<sup>14</sup>. Foi pensado a partir do “II Fórum Afro-Americano e Caribenho”, promovido pelo CECUNE em 1994 em Porto Alegre, em parceria com o Olodum. Da reunião dos intelectuais presentes nesse evento, como Henrique Cunha Júnior, Petronilha Beatriz Gonçalves da Silva, Helena Theodoro e Marcos Rodrigues, surgiu a idéia de aproximar a intelectualidade negra das lideranças comunitárias, para “oferecer um espaço de formação e compartilhamento de informações e saberes que já eram do domínio desses intelectuais, mas que não chegavam à militância em geral”<sup>15</sup>. A intenção era mobilizar os “produtores de saberes” nesses dois campos, a universidade e o movimento social, e “capacitar a militância para intervenções mais qualificadas nos meios onde fossem atuar”. Assim está escrito sobre o Universidade Livre, em um texto produzido pelo CECUNE para apresentar a entidade e seus projetos:

“representa um estágio diferenciado de programas de capacitação, à medida que procura avançar sobre os resultados já colhidos de tantos seminários e palestras já realizados. Visa o projeto, igualmente, a criar um cenário específico para a construção de uma teoria do e para o negro, de modo a neutralizar, em algum nível, os paradigmas supostamente neutros da estrutura formal do ensino, no que

<sup>14</sup> Resposta de Juarez e Suzana Ribeiro ao questionário formulado para a pesquisa, no primeiro semestre de 2007.

<sup>15</sup> Idem.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

diz respeito a história, cultura e realidade sócio-econômica dos negros. Ademais, o CECUNE acredita que a releitura da história do negro necessariamente deverá ser realizada a partir da solidariedade das experiências específicas do conjunto da comunidade.”

A primeira edição deste curso ocorreu em 1996, seguido por outras edições em 1999, 2001 e 2003. Nessas quatro edições, o curso dividiu-se em módulos que ocorriam durante um final de semana, de quatro a seis vezes no ano. Os participantes encontravam-se nas sextas-feiras à noite e permaneciam até o domingo juntos, hospedados em uma casa de retiro, pois o curso também visa ser um espaço de convivência, onde todos possam trocar experiências.

Os professores escolhidos são militantes negros, vinculados ou não a alguma universidade, cuja produção teórica e/ou prática já era conhecida do CECUNE e que aceitaram a proposta do projeto, que incluía uma remuneração apenas simbólica. Todas as edições contaram também com a participação de uma psicóloga, que entre uma aula e outra tinha um espaço programado para trabalhar as subjetividades relacionadas a cada conteúdo. Assim respondem Juarez e Suzana Ribeiro quando perguntados sobre as razões para o acompanhamento de uma psicóloga:

“a percepção da necessidade de incorporar a psicologia na metodologia do projeto surgiu da observação geral da conduta militante nos momentos de encontro, quando afloram todos os aspectos psíquicos de fragilidade decorrentes da nossa interdição social histórica e que, se não reconhecidos e trabalhados, se tornam fatores de desagregação tanto social quanto individual. A intervenção da psicologia ajuda na percepção do mundo, da história e dos indivíduos acrescentando uma ação terapêutica que restabelece muito mais rápida e eficazmente o bem-estar dos indivíduos militantes e do grupo”.

Também os alunos foram selecionados para participar do curso. Os candidatos a alunos compõem o banco de dados da entidade, que mantém um cadastro das pessoas que participam dos eventos que promove. A partir de uma seleção prévia o CECUNE fazia o convite formal para a participação no projeto.

O financiamento do projeto se fez com recursos de agências financiadoras do terceiro setor, como o Conselho Mundial de Igrejas, ou, como ocorreu em 2003, através de um convênio com a Secretaria de Direitos

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

Humanos do Ministério da Justiça, pelo qual o CECUNE recebeu um valor aproximado de sessenta e cinco mil reais, o que lhe permitiu cobrar dez reais de cada aluno, por módulo. Na primeira edição, por exemplo, foi cobrado vinte e cinco reais para a inscrição em cada módulo.

Até 2001 o curso era aberto a negros e brancos, como me informou o coordenador-geral da entidade, entretanto, como verifiquei com a pesquisa de campo, apenas duas pessoas brancas passaram pelo Universidade Livre, uma professora do ensino fundamental e um professor de capoeira. Este último foi entrevistado por mim, mas a professora não foi possível localizar.

A edição do Universidade Livre de 2003 foi destinada a jovens negros, grande parte deles universitários, e intitulada “Egbé Omó” – reunião da descendência, em iorubá, segundo o CECUNE. Neste ano eu já havia iniciado a pesquisa com a entidade, ainda na graduação, mas como pela primeira vez o curso dirigia-se especificamente a jovens negros, a observação nos retiros, na condição de pesquisadora, não me foi permitida pelos coordenadores do curso, sob o argumento que os relatos apresentados pelos alunos tocam profundamente a intimidade de cada um, podendo a presença de uma pesquisadora branca interferir negativamente no andamento dos trabalhos. Eu acompanhei as *aulas abertas*, que aconteciam nas sextas-feiras à noite e consistiam em uma breve palestra dos professores que iriam guiar os alunos durante o final de semana, além de alguma apresentação artística. Por ter sido um curso específico para jovens em idade universitária, estavam lá presentes alguns colegas meus do curso de Ciências Sociais, conhecidos e amigos pessoais. Sentia-me estranha ao despedir-me deles sem poder acompanhá-los, e era exatamente esta a mensagem: naquela hora, eu estava do lado de fora dos limites do grupo.

A partir de 2004 o CECUNE estabeleceu uma parceria com o Centro Universitário IPA Metodista. O IPA – Instituto Porto-Alegrense anteriormente era uma faculdade que mantinha apenas os cursos de educação física, fisioterapia e fonoaudiologia, mas a partir de 2003 torna-se centro universitário, criando novos cursos (administração, direito, música, enfermagem, entre outros) e ampliando seu campus. Em 2004 o IPA estabelece cotas e passa a fornecer bolsas integrais para alunos afro-descendentes, e o CECUNE é a entidade aliada a este projeto, responsável

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

por fazer a seleção dos alunos e ministrar o curso “Cidadania e Reconstrução da Identidade Étnico-Racial” aos bolsistas. O projeto Universidade Livre assume outro formato e desde então está vinculado ao programa de bolsas do IPA. Nesta nova versão, ocorreram duas edições em 2004, uma em cada semestre, e uma edição no segundo semestre de 2006. Eu estava realizando a pesquisa de campo, em Porto Alegre, quando desta última edição, e pude desta vez acompanhá-la de perto. Entretanto, meus entrevistados foram os alunos das quatro primeiras edições do projeto Universidade Livre, e são estes alunos e a metodologia deste primeiro formato meu alvo nesta pesquisa.

A primeira edição do projeto Universidade Livre teve como título “Aspectos de africanidades brasileiras”, e o historiador mineiro Marcos Rodrigues era o coordenador do curso. A psicóloga presente era a carioca Conceição das Chagas, que permaneceria no projeto por mais duas edições. O primeiro módulo ocorreu no mês de maio de 1996, com o tema “História e cidadania”, e Edílson Nabarro, sociólogo gaúcho e Helena Theodoro, filósofa carioca, também estiveram presentes, como professores. O segundo módulo aconteceu em agosto do mesmo ano, com Luís Silva, o Cuti, escritor paulista, sob o tema “Vertente negra da literatura brasileira”. O terceiro módulo ocorreu apenas em junho de 1997. Esta primeira edição é assistemática, se comparada às outras três, tanto pela irregularidade do tempo entre os módulos quanto pela falta de materiais que aparecem nas edições seguintes, como a programação prévia, planejada para todo ano. Podemos afirmar que foi uma tentativa, um ensaio do que o projeto viria a ser. Esta primeira edição contou com um grupo de catorze alunos e o terceiro módulo teve como professor o cineasta Joel Zito Araújo, trabalhando “Mídia e identidade negra”. O quarto e último módulo ocorreu em outubro de 1997 sob o tema “Direitos humanos e saúde”, com os professores Evair Augusto Alves do Santos, de Brasília, e Berenice Kikuche, de São Paulo.

A segunda edição do curso ocorreu em 1999, também sob o título “Aspectos de africanidades brasileiras”. A partir deste ano o CECUNE acertou uma parceria com a UNISINOS – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, uma das principais universidades gaúchas, e o Universidade Livre tomou um caráter de curso de extensão universitária, com certificados emitidos pela

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA



UNISINOS. Os módulos ocorreram nos meses de maio, junho, agosto e outubro daquele ano, com os temas “História geral” (matrizes africanas da cultura brasileira), “História do Brasil” (o povo negro na história do Brasil), “Cidadania” (promoção da igualdade: políticas públicas, funções de estado e discriminação racial) e “O espaço da população negra frente às tendências da modernidade” (globalização X marginalização). Em todos os módulos aparece como abordagem, além das temáticas específicas, as “dinâmicas de grupo promovendo a integração dos conteúdos e propiciando auto-envolvimento e desenvolvimento da auto-estima”, realizadas pela psicóloga. Marcos Cardoso ainda é o coordenador do curso, e os novos professores são Clóvis Cabral, pedagogo baiano, e Dagoberto José Fonseca, antropólogo paulista, além dos professores da primeira edição. Desta edição participaram 32 alunos, 13 homens e 19 mulheres, e o CECUNE me disponibilizou seus dados de escolaridade:

Escolaridade dos alunos da edição 99 do Universidade Livre

Escolaridade	M	F	Total
1º Grau Incompleto	1	0	1
1º Grau Completo	2	1	3
2º Grau Incompleto	0	3	3
2º Grau Completo	1	0	1
Superior Incompleto	3	7	10
Superior Completo	3	2	5
Pós-Graduação Incompleto	2	0	2
Pós-Graduação Completo	1	6	7
Sub-totais	13	19	32

Em 2001 o curso recebe o título de “Cidadania e reconstrução da identidade étnica”, e desta vez conta com cinco módulos, em março, abril, maio, junho e julho, e, entre as abordagens, encontra-se: “Etnomusicalidade” – os sons da afro-descendência brasileira; “Ética e afro-descendência” – revisitando os valores éticos tradicionais dos povos africanos no Brasil – culturas jeje, bantu e nagô; “Afro-descendência na história do Brasil” – as construções e desconstruções da antropologia ao longo da história;



“Literatura infanto-juvenil e auto-estima”; “A negação do Brasil” – o negro na telenovela brasileira; “Aspectos da desigualdade racial no Brasil” – estatísticas; intervenção social – a construção de políticas públicas; “Cidadania e saúde da população afro-descendente”; “Ciclos históricos e discurso racial” – desafios da militância. Novos professores são Édson Cardoso Ribeiro Júnior, filósofo paulista; Carlos Alberto Santos de Paulo, mestre em Políticas Sociais e consultor da Fundação Palmares e Maria de Fátima Oliveira Ferreira, médica e conselheira do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher. Nesta edição o CECUNE não sistematizou os dados referentes aos alunos, mas a informação obtida é que 29 pessoas participaram.

Em 2003 a edição intitula-se “Cidadania e reconstrução da identidade étnica – Egbé Omó” e é destinada a jovens negros e negras. No folheto de divulgação do curso, lemos:

“Este projeto tem como objetivo contribuir para a construção da cidadania de jovens negros (em idade de cursar o ensino superior) e para a reconstrução de sua identidade étnica, através da releitura histórica, da re-significação da ética, da estética e da cultura negras, da análise crítica de informações relativas às limitações impostas pelo racismo na sociedade brasileira ao longo da história e da discussão acerca de caminhos que viabilizem a superação dessa exclusão.”

O CECUNE promoveu mais dois módulos além dos quatro programados, chamando todos os alunos das edições anteriores para participar, junto com os jovens de 2003. Os professores são, no módulo I, a historiadora paulista Gevanilda dos Santos e o cineasta também paulista Jéferson De, com as abordagens “Análise de uma linha do tempo da história da humanidade situando a construção do pensamento racista excludente” e “A presença da população negra nas produções audiovisuais no Brasil”. No segundo módulo, os professores são o historiador carioca Amauri Mendes Pereira, com “África: do pré-colonial ao colonialismo e da descolonização aos novos modelos de desenvolvimento” e Juarez Tadeu de Paula Xavier, jornalista paulista, com a abordagem “Identificação dos povos – nações africanas trazidas para o Brasil – a ética e a estética dos povos Nagô (Yorubá) e Bantu”. A abordagem do módulo III é “Dados da conjuntura nacional: análise dos índices de desenvolvimento humano (IDH) e o espaço

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

ocupado pela população negra”, com a psicóloga Edna Roland. No quarto módulo, a socióloga carioca Joselina da Silva apresenta o “Movimento negro brasileiro: história, tendências e perspectivas e desafios” e o mestre em políticas públicas Carlos Alberto Santos de Paulo aborda as “Ações afirmativas: políticas públicas, racismos e anti-racismos”. Oficinas são oferecidas em todos os módulos, como “Uma viagem pela zona flutuante da linguagem. A construção da identidade a partir da linguagem e da significação verbal”, “Criação literária – personagens de nossa infância” e “Um encontro com profissionais negros”.

Trinta e um alunos estiveram presentes no primeiro módulo, mas apenas vinte e três (17 mulheres e 6 homens) cumpriram 75% da carga horária do curso, o mínimo exigido para a obtenção dos certificados. Sobre estes alunos, temos os seguintes dados de escolaridade:

#### Escolaridade e Sexo – alunos da edição 2003

Escolaridade	F	M	Totais	%
2º Grau	2	1	3	13,04
Superior Incompleto (cursando)	11	5	16	69,56
Superior Completo	1	0	1	4,35
Pós-Graduação Incompleto	2	0	2	8,70
Pós-Graduação Completo	1	0	1	4,35
Totais	17	6	23	100

Dos vinte alunos que estavam cursando ou que cursaram o ensino superior, quinze deles (75%) estudaram em universidades privadas.



**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

Ilustração 5 – Frente de convite para aula aberta do Projeto Universidade Livre

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**  
**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

### 3.1 A metodologia da pesquisa e o trabalho de campo

Na primeira etapa de minha pesquisa com o CECUNE, ainda na graduação, entrevistei Juarez e Suzana Ribeiro, mapeando suas histórias de vida e as motivações da criação da Ong. No segundo semestre de 2006 estive em Porto Alegre para realizar o “trabalho de campo”, coletar os dados para a pesquisa do mestrado. Solicitei, nesse período, nova entrevista com o casal mantenedor da entidade, para aprofundar-me nas questões específicas do projeto Universidade Livre, mas eles não puderam me receber em função das atividades da “semana da consciência negra” e depois por problemas de saúde. Enviei-lhes então o questionário da entrevista, que foi respondido por escrito.

Em reunião com Suzana Ribeiro recebi uma listagem com os nomes e endereços de todos os alunos do Universidade Livre, e para contatá-los me vali desde o serviço da companhia telefônica até a intermediação de terceiros. Cada entrevistado me indicava outro, amigo, parente, colega de turma ou trabalho e assim fui mapeando uma rede de relações sociais, mas sempre buscando um equilíbrio por gênero e ano de curso. Obtive ainda, com os coordenadores do CECUNE, a programação de cada módulo das edições de 99, 2001 e 2003, e ainda dados de gênero e escolaridade dos alunos de 99 e 2003.

Foram quinze as entrevistas selecionadas para a análise neste trabalho, todas realizadas de setembro a novembro de 2006, com ex-alunos(as) do projeto Universidade Livre. Foram cinco entrevistas com alunos que cursaram em 1996, três alunos de 1999, três alunos da edição 2001 e quatro de 2003. As entrevistas foram de caráter semi-estruturado, pelo qual um roteiro (ANEXO 2) foi formulado para me guiar, mas cada entrevista fluía de acordo com o entrevistado e suas respostas.

O roteiro da entrevista foi pensado para estruturar a pesquisa em três partes, partindo da hipótese do estigma (GOFFMAN, 1963) presente na vida de cada indivíduo negro(a) e da re-elaboração da identidade de uma forma positiva a partir da vivência no “movimento negro”. A primeira parte da entrevista era então dedicada a percorrer a trajetória da vida de cada pesquisado, sem a intenção de realizar uma história de vida exaustiva.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

Coletava seus dados pessoais, sua trajetória habitacional e educacional; inquiria sobre a educação religiosa recebida pelos pais, como foi tratada na família a questão de ser negro, as experiências com a discriminação racial e a inserção no “movimento negro”. A segunda parte da entrevista era destinada a investigar a experiência no curso Universidade Livre: como conheceu o CECUNE, as motivações para participar, as lembranças sobre os temas, os professores e a metodologia, o trabalho da psicóloga, as amizades iniciadas no curso, uma avaliação do projeto e os resultados obtidos a partir desta vivência. A terceira abordagem, por fim, visava inquirir as representações de cada entrevistado sobre identidade e cultura negras, e as percepções sobre sua identidade negra antes e depois do curso.

As entrevistas tiveram em média a duração de uma hora e meia, gravadas em formato digital e posteriormente transcritas integralmente. Apresento a seguir alguns dados referentes aos alunos entrevistados:

#### Alunos entrevistados

<i>Turma 96</i>	<i>Turma 99</i>
Sílvia Maria Prado da Silva	Lúcia Regina Brito Pereira
Jorge Fróes	Rudnei Alves Pinto
Maria Aparecida da Silva (Cida)	Fábio Garcia
Varny Ferreira Fagundes	
Anselmo Accurso (Ratinho)	

<i>Turma 2001</i>	<i>Turma 2003</i>
Vera Regina Rodrigues da Silva	Anderson Moreira do Amaral
Eliane Maria Severo Gonçalves	Lessandro Braga (Koyade)
Maria Luísa Pereira de Oliveira	Jader Luís Nogueira da Fontoura
	Cristiane Vaz

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

### Alunos entrevistados – Idade e Profissão

	<i>Nome</i>	<i>Idade</i>	<i>Profissão</i>
1	Sílvia	39	Psicóloga
2	Jorge	43	Professor de literatura
3	Cida	49	Cozinheira
4	Varny	57	Contador
5	Ratinho	49	Professor de capoeira
6	Lúcia	48	Historiadora
7	Rudnei	33	Sociólogo
8	Fábio	28	Historiador
9	Vera	39	Antropóloga
10	Eliane	48	Bibliotecária
11	Maria Luísa	41	Psicóloga
12	Anderson	27	Administrador
13	Koyade	31	Rapper
14	Jader	35	Funcionário público
15	Cristiane	29	Pedagoga

Sobre a escolaridade dos alunos, com a exceção de Cida, que tem o primeiro grau, e Jader e Koyade, que não concluíram o ensino superior, todos os entrevistados são graduados, e seis deles têm pós-graduação. Os dados referentes aos entrevistados reafirmam o entendimento de que, do “movimento negro”, participam, em maioria, indivíduos pertencentes às classes médias.

Em relação à religião praticada pelos entrevistados, temos variadas perspectivas. Alguns foram educados no catolicismo pelos pais, e quando adultos abandonaram a religião, como Sílvia e Vera. Outros também são freqüentadores de terreiros e/ou adeptos da umbanda e batuque, como Sílvia, Ratinho, Fábio, Lúcia e Koyade. Anderson declarou não seguir nenhuma religião, enquanto Varny é budista e Rudnei frequenta a Igreja Universal do Reino de Deus.

É importante salientar que o perfil destes selecionados não se pretende fidedigno à totalidade dos alunos que participaram do Universidade Livre, já que não existem dados sobre esta totalidade. Como afirmei anteriormente, meus entrevistados foram as pessoas que *consegui* contatar, especialmente através de uma rede de afinidade e relações sociais, da qual

não me excluo. O que é relevante nesta pesquisa de caráter qualitativo é a análise das trajetórias de vida e do conteúdo das entrevistas. Cito Gilberto Velho para me expor como *pesquisadora-autora* deste estudo: “os cortes que faço, os indivíduos que privilegio, tudo isso delinea o âmbito de arbitrariedade em que se move o *pesquisador-autor*” (VELHO, 1986, p. 20).

Gilberto Velho apresenta um argumento do qual compartilho, para a velha discussão sobre a suposta neutralidade científica:

“Eu, o pesquisador, ao realizar entrevistas e recolher histórias de vida, estou aumentando diretamente o meu conhecimento sobre a minha sociedade e o meio social em que estou mais diretamente inserido, ou seja, claramente envolvido em um processo de auto-conhecimento. É importante salientar que este não é o objetivo principal de meu trabalho como antropólogo. No entanto, quando elegi a minha própria sociedade como objeto de pesquisa, assumi, desde o início, que fatalmente a minha subjetividade deveria ser, permanentemente, não só levada em consideração, mas incorporada ao processo de conhecimento desencadeado. Ou seja, deveria tentar não escamotear sua ‘interferência’ mas aprender a lidar com ela. Assim permaneci comprometido com a obtenção de um conhecimento mais objetivo, sem que isso significasse uma estéril tentativa de anulação ou neutralização de meus sentimentos, emoções, crenças. (...) O que importa é, sem ferir os padrões minimamente consensuais da atividade de pesquisa na nossa área de conhecimento, abrir espaço para investigações e trabalhos apoiados em mais liberdade, livres de certas camisas-de-força que cerceiam a criatividade” (ibid, pp. 17-8).

Ao mesmo tempo, tento, a seguir, privilegiar a fala de cada um dos entrevistados, na certeza que seus pensamentos e discursos constituem a parte mais marcante deste trabalho. Alio-me à perspectiva de James Clifford, para quem é importante que o “objeto” de pesquisa seja também sujeito da etnografia, por meio de um modo dialógico de escrita, no qual a etnografia se transforma em um “diálogo em que os interlocutores negociam ativamente uma visão compartilhada da realidade” (CLIFFORD, 1998, p. 45). Direciono-me também ao modo polifônico da escrita etnográfica, analisado dessa forma pelo autor:

“Se for concedido um espaço textual autônomo às afirmações nativas, se forem extensamente transcritas, elas farão sentido em termos distintos daqueles empregados pelo etnógrafo que as ordena. Isso sugere uma estratégia textual alternativa, a utopia de uma autoria plural” (James Clifford, apud RABINOW, 1999, p. 86).

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA



### 3.2 As histórias, os personagens: trajetórias de vida

Sílvia Prado é uma personagem importante nas tramas que estamos começando a narrar, pois foi aluna da primeira edição do Universidade Livre, em 1996, e foi a psicóloga que atuou junto com os jovens de 2003. Sílvia tem 39 anos e é formada em Psicologia pela Unisinos – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, que, depois da Federal e da Católica, é a universidade mais importante do Rio Grande do Sul. Como a quase totalidade de nossos pesquisados é graduada, o gosto por estudar e os estímulo dos pais aos estudos dos filhos é recorrente nas suas falas. Sílvia conta que após o seu ingresso nas atividades do “movimento negro”, seu pai a questionava sobre o porquê de ela estar se dirigindo para aquilo, pois “não ia mudar nada”; entretanto, ela reflete dessa maneira sobre sua condição de intelectual e militante:

“de certa forma ele me possibilitou a fazer essa trajetória que eu fiz, porque eu só estudava, eu comecei a trabalhar depois que eu me formei. Então eu tinha todo um tempo, e tinha toda uma sustentação financeira do meu pai pra ir, aonde eu quisesse ir. Eu podia comprar livros...”<sup>16</sup>

Rudnei Pinto, 33 anos, licenciado em Ciências Sociais pela Unisinos e cursando pós-graduação quando da entrevista, observa na sua trajetória que “o importante foi o gosto da leitura, do conhecimento, outro nível na verdade, de acesso, de amigos, as oportunidades”<sup>17</sup>. Eliane Gonçalves, bibliotecária formada pela Universidade Federal (UFRGS) e funcionária desta universidade, 48 anos, também lembra o apoio dos pais aos estudos dos filhos: “os meus pais sempre enfatizaram o estudo, eles não nos permitiram trabalhar até concluir o segundo grau”<sup>18</sup>.

Nenhum dos pais de todos os entrevistados cursou uma graduação, e grande parte deles também não concluiu o segundo grau. O que se apresenta aqui é um *projeto* – conforme o conceito de Gilberto Velho (1997) – para a ascensão social dos filhos, através do estudo, por parte desses pais.

<sup>16</sup> Entrevista realizada em 30 de setembro de 2006.

<sup>17</sup> Entrevista realizada em 07 de novembro de 2006.

<sup>18</sup> Entrevista realizada em 20 de outubro de 2006.

Erving Goffman (1963) afirma que o indivíduo estigmatizado “pode tentar corrigir sua condição de maneira indireta” tendo um grande destaque em outras áreas, como o estudo, por exemplo. Uma outra maneira de “corrigir” o estigma é através do “bom comportamento”, da inserção social pelos “bons modos” valorizados pela cultura dominante, o que foi predominante nas ações sociais dos indivíduos e grupos negros até a virada dos anos 70, como vimos no capítulo anterior. A questão do “bom comportamento” aparece na fala de muitos dos entrevistados, relacionada também ao gosto e ao estímulo para estudar. Está explicitado na fala de Vera Rodrigues, mestre em Antropologia pela UFRGS, de 39 anos, quando considera a postura de sua mãe:

“ela sempre pontuava a necessidade de a gente estudar, de ter um bom trabalho, de andar direitinho. A preocupação de manter uma conduta que não deixasse margens pra que a gente sofresse qualquer espécie de estigma por conta disso”.<sup>19</sup>

Sílvia e a historiadora Lúcia Brito, de 48 anos, refletem sobre a mesma questão:

“nunca na minha família ninguém discutiu questão racial, nunca. E pelo fato de eu e meu irmão termos estudado em escola particular, eminentemente branca, a gente tinha algumas orientações, a gente tava sempre muito bonito, nós dois éramos sempre muito comportados, éramos extremamente inteligentes, eram alunos que não incomodavam” Sílvia.

“na minha família não se tinha uma fala militante, mas era sempre a história assim ó: anda direitinho, senta direito, sabe aquelas coisas, tem que andar bonitinha. A gente tinha que ter um comportamento diferenciado porque nós éramos negras. Eu sempre tive certeza disso. (...) tem que andar *mais* quieta, *mais* arrumada, *mais* educada...” Lúcia.<sup>20</sup>

Florestan Fernandes e Roger Bastide analisaram o que denominaram de “puritanismo peculiar”, comportamento característico do negro de classe média, adquirido no processo de ascensão social. Florestan Fernandes o define como “a associação entre a dignidade da pessoa e a maneira mais ou menos íntegra de pôr em prática os valores sociais da ordem estabelecida” (Fernandes apud BARCELLOS, 1996, p. 111). Daisy Barcellos comenta Roger Bastide:

<sup>19</sup> Entrevista realizada em 19 de outubro de 2006.

<sup>20</sup> Entrevista realizada em 10 de novembro de 2006.

“diz Bastide que a ‘aparição de semelhante mentalidade é um fato sociológico que se relaciona com a formação da família burguesa. Compreende-se pois, que a ascensão social do preto trilhará forçosamente este caminho: o puritanismo será o sinal aparente, a manifestação exterior de tal ascensão...’. Este autor considera que a ascensão implica a adoção da moral burguesa, daí que no Brasil, a ‘luta racial assumiu o aspecto de uma oposição entre duas morais, ou entre a moral e a imoralidade” (ibid, pp. 54-5).

A afirmação de Varny Fagundes, 57 anos, que foi agricultor até os 18 anos, cursou o ensino primário e médio por meio de supletivo, depois graduou-se em Ciências Contábeis pela UFRGS e ainda pós-graduou-se em Comércio Internacional pela Fundação Getúlio Vargas, exemplifica a análise dos autores citados:

“pessoalmente eu provei pra mim e pra algumas pessoas, pros parentes, que é possível, um negro conseguir as coisas, estudar, ter um bom emprego, ter uma vida decente. E no CECUNE nós tínhamos vários exemplos”.<sup>21</sup>

Varny afirma também que “como eu sempre gostei muito de estudar, eu sempre tava em locais onde não tinham negros. Foi um grande problema pra mim”, o que nos lembra o conceito de performatividade de Judith Butler: o estereótipo que localiza os indivíduos negros apenas nos campos do esporte e da música termina por produzir o que retrata, afastando-os em geral da esfera da intelectualidade. O grupo pesquisado torna-se então, uma exceção no interior do meio negro. Ressaltado por muitos dos entrevistados foi o fato de serem únicos ou quase únicos na universidade, como diz Lúcia: “eu entrei e éramos três negros no curso, e ali nós ficamos bem amigos. (...) Do meu núcleo familiar eu fui a única que entrou na universidade”; e também Sílvia: “só o fato de tu te perceber único, ou pouco ali, já é um sofrimento”.

No texto “Intelectuais Negras”, Bell Hooks faz uma avaliação das dificuldades enfrentadas pelas mulheres negras que aspiram tornar-se intelectuais. Hooks comenta a opção consciente por tornar-se intelectual:

“Confirmou desde o início o que líderes negros do século XIX bem sabiam – o trabalho intelectual é uma parte necessária da luta pela libertação, fundamental para os esforços de todas as pessoas oprimidas e/ou exploradas, que passariam de objeto a sujeito, que descolonizariam e libertariam suas mentes. (...) Intelectual é alguém que lida com idéias transgredindo fronteiras discursivas, porque ele ou ela vê a

<sup>21</sup> Entrevista realizada em 09 de novembro de 2006.

necessidade de fazê-lo. Intelectual é alguém que lida com idéias em sua vital relação com uma cultura política mais ampla. (...) Temos de ser capazes de afirmar que o trabalho que fazemos é valioso mesmo que não seja julgado assim dentro de estruturas socialmente legitimadas” (HOOKS, pp. 466-474).

Maria Luiza, 41 anos, mestre em saúde coletiva, revela as razões de seu trabalho voluntário como psicóloga na ong Maria Mulher, atendendo crianças e adolescentes que sofreram violência sexual: “na medida em que é muito difícil para as mulheres negras ter acesso à escolaridade que eu tinha; e fiquei achando que tinha obrigação de dar uma resposta, nesse sentido.”<sup>22</sup>

Cornel West afirma, em “O dilema do intelectual negro”, num sentido similar à crítica de Paul Gilroy ao “essencialismo negro”, que as relações do intelectual negro são ambivalentes, porque de um lado têm o aparato cultural e as estruturas de poder branco, de outro as realidades do mundo negro. Intelectuais negros e brancos partilham um mesmo mundo e a mesma “estrutura de poder branco”, a diferença é o lugar ocupado dentro desta estrutura. Citando Harold Cruse, West adverte que a especificidade do intelectual negro “requer não estar separado do mundo negro tampouco do mundo branco” (WEST, 1999). Para West, a escolha de tornar-se um intelectual negro implica a auto-imposição de marginalidade: é marginal em relação à maioria da sociedade e também em relação à maioria da comunidade negra.

Jader Fontoura tem 35 anos e trabalha em cargo de confiança na prefeitura de Viamão, município adjacente a Porto Alegre, administrada pelo PT. Ele observa um fato que o localiza enquanto negro no Rio Grande do Sul: “na realidade a maioria dos meus amigos eram brancos... quando criança sempre gostava de uma menina branca... porque todas as minhas relações eram essas”<sup>23</sup>.

Lessandro Braga, 31 anos, que adotou o nome Koyade a partir da religião que pratica, o batuque, relata suas experiências com o estigma imposto aos indivíduos negros:

“lembro que antigamente eu me identificava com jogadores de futebol porque era os caras que não são bandido, né. (...) bah, eu tenho a cara de marginal. Depois que fui ver, não é

<sup>22</sup> Entrevista realizada em 23 de outubro de 2006.

<sup>23</sup> Entrevista realizada em 21 de setembro de 2006.

que eu tenho uma cara de marginal, mas é que por muito tempo a estética negra foi ligada ao banditismo, porque tu só via na mídia o negro na página policial. Então eu pensava, bah, tenho cara de marginal, isso aí te afeta direto na auto-estima, né. Acho que tem um momento que a tua identidade é negativa, bah, eu sou parecido com os caras que fazem o mal”<sup>24</sup>.

Daisy Barcellos (2004), em um artigo no qual analisa casos de violência para pensar sobre os lugares de negros e índios no imaginário social brasileiro, afirma que os indivíduos negros são marcados pela cor da pele, que indica a raça e a suspeição que ela implica. O historiador Fábio Garcia, 27 anos, também fala sobre o estigma: “sempre os meus traços negros eram ressaltados na hora de me depreciar. Você não pediu pra nascer, você nasce, e aí você se vê carregado de características que são reprováveis pela sociedade”.

Sílvia relata sobre suas reflexões no seu próprio processo de tratamento psicanalítico: “aí tu começa a te dar por conta que tu deseja ser uma outra pessoa, que por muito tempo da tua vida tu queria ser uma outra pessoa, ter um cabelo liso”; o que lembra-nos os estudos de Neusa Santos Souza (1983) e Nilma Lino Gomes (2002), sobre como o racismo conforma a subjetividade dos indivíduos negros e os obriga a tomar o branco como modelo de identidade positiva.

Em relação ao despertar efetivo para as questões raciais e a vontade de se aproximar do “movimento negro”, Sílvia, Maria Luiza e Lúcia apontaram que se fez após a entrada na universidade, também por influência do relacionamento com seus poucos colegas negros, traduzidos em aproximação de entidades, trabalhos voluntários e frequência a terreiros de umbanda. Vários entrevistados formaram ou participaram de outras entidades antes da vivência no Universidade Livre, como Jorge, Eliane ou Jader, que é o único entrevistado filiado ao MNU, e o único também que apresenta inserção em outro tipo de trabalho social antes de ingressar no “movimento negro”, pois foi bancário e participava do sindicato deste grupo profissional. No início da década de 90 filiou-se ao PT e depois ao MNU.

Por outro lado, muitos se consideram “negros em movimento”, ou seja, são ativistas da causa negra, mas não estão vinculados a nenhuma

---

<sup>24</sup> Entrevista realizada em 11 de outubro de 2006.

entidade. Anderson afirma que “movimento negro é o que tu tem na tua cabeça, né. Quanto mais consciente tu for, mais contribuição tu vai dar pro movimento, se tu for ou não de organização”<sup>25</sup> e no mesmo sentido diz Fábio que “não é a instituição que me faz militante”<sup>26</sup>.

Jorge Fróes tem 43 anos e sua aproximação do “movimento negro” se deu após um primo seu ser assassinado pela polícia, que o supôs assaltante de um supermercado. O “caso do homem errado”, como ficou conhecido em Porto Alegre em 1987, motivou muitas manifestações na cidade, nas quais Jorge conheceu as pessoas que o convidaram para participar do núcleo de negros do PT e com quem fundaria depois o Instituto Solano Trindade. Jorge hoje é desvinculado de qualquer entidade e critica as disputas políticas internas que vivenciou: “acabava como um partido político: é o *meu* partido, é a *minha* entidade!”<sup>27</sup>.

Varny e Vera também conheceram o “movimento negro” “nas ruas”. Varny recolheu um panfleto que divulgava uma palestra promovida pelo CECUNE (diz ele: “aí quando eu encontrei o CECUNE, bah! Encontrei minha gente”) e Vera parou para olhar, na principal rua do centro de Porto Alegre, uma manifestação de um grupo que estava se formando, a CICAB – Cooperativa de Cultura Afro-Brasileira, em 1995. Através da participação na Cooperativa, Vera foi a um encontro de educadores negros, que a levaram a estudar no curso pré-vestibular Zumbi dos Palmares, ou o Pré-Zumbi, como é mais conhecido, um curso voltado a negros e carentes. Após a terceira tentativa no vestibular, em 1999 Vera ingressa no curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

“E de lá pra cá foi um somatório, essa trajetória que pra mim é uma trajetória coletiva, no sentido que eu me construí a partir do movimento e de um projeto de educação alternativa. Então isso é o que vem demarcando pra mim a minha chegada até aqui” Vera.

Vera também é uma personagem destacada nesta pesquisa, exatamente em razão das afirmações acima, pela trajetória que percorreu até chegar ao título de mestre em Antropologia Social pela UFRGS e por considerar e assegurar que esta foi uma trajetória *coletiva*, possibilitada pelo

<sup>25</sup> Entrevista realizada em 13 de setembro de 2006.

<sup>26</sup> Entrevista realizada em 15 de novembro de 2006.

<sup>27</sup> Entrevista realizada em 13 de outubro de 2006.

movimento social negro. Vera, ao concluir o ensino médio, a maior parte cursado em escola pública, não tinha perspectivas de ingresso em uma faculdade e, mais do que isso, ela diz: “eu não me sentia uma pessoa que fizesse parte da sociedade mesmo, pela falta de referenciais. E eu construí referenciais a partir do ingresso no movimento”.

Anderson Amaral, 27 anos, é um dos alunos que teve seu primeiro contato com o “movimento negro” a partir do CECUNE e da participação no Universidade Livre, em 2003, quando tinha 24 anos de idade. Ele diz que não sabia o que era o “movimento negro”, mas aspirava conhecer “lideranças negras”. Anderson foi convidado para participar do curso porque seu pai canta no Coral do CECUNE. O que ele conta nos faz refletir mais uma vez sobre o “movimento negro” que não consegue atingir a população:

“Na primeira palestra que teve, eu perguntei: o que é o movimento negro? Eu não conheço o movimento negro, como é que eu faço pra encontrar isso? Na época fazia sentido essa pergunta, eu não conhecia. Hoje eu fico me lembrando, bom, metade do que tava na sala era do movimento. (risos) Hoje é engraçado me lembrar disso. Mas foi até um feedback que eu passei pra eles, se eu que tenho interesse não conheço, alguma coisa não vai bem, né, nesse aspecto da comunicação.”

Mas a partir do ingresso no movimento, o cotidiano e as percepções se alteram, como afirma Maria Luiza: “a gente passa a participar de muitas coisas, a ter acesso a muito mais informações, através desse pertencimento institucional, foi isso que mudou a minha vida”. Vera lembra dos sentimentos de raiva e revolta causados por essa revolução de perspectivas: “primeiro tem aquela fase, né, que tu nega tudo e todos”, enquanto Sílvia aponta as mudanças ocasionadas dentro de casa: “minha mãe dizia, tu vai ficar louca, tu só pensa nisso, só fala disso. Então no momento em que eu ingresso no movimento negro eu desacomodo a família, e aí as pessoas passam a falar disso”.

Koyade e Fábio são os dois entrevistados mestiços, filhos de mãe branca e pai negro. Ganham destaque aqui, pois são também exemplares do *tornar-se negro*: mestiços pela cor da pele e fenótipo de seus pais, são negros ideológica e politicamente. Têm em comum ainda o fato de terem ingressado nas atividades e entidades do “movimento negro” a partir da

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA



prática da capoeira. Quando perguntado sobre sua raça ou etnia, Koyade responde:

“quanto à etnia eu me declaro como negro. Eu tenho consciência que sou um mestiço, de uma mistura, o meu pai era negro, a minha mãe é branca, mas eu me considero negro pelo que eu já vivi na minha vida. Acho que a vida me mostrou que eu era negro, então eu me assumi como negro, há um bom tempo, porque o início era meio complicado, não queria ser, ainda mais um cara clarinho, raspa a cabeça e deu. (...) isso aí foi uma das coisas que mais atrapalhou a minha cabeça, porque eu via que eu era diferente, dos meus primos, dos meus parentes, mas ao mesmo tempo eu não queria ser diferente, e eles mesmos que faziam eu pensar que eu era diferente, porque eles diziam, então eu sempre fui tratado como o negro da família, o que recebia os apelidos pejorativos... tudo isso fazia eu negar isso mas ao mesmo tempo ver que tinha essa diferença”.

Fábio, por sua vez, zomba da sua cor de pele que lhe permite oscilar entre os dois pólos:

“podemos dizer que eu sou um negro, como Oracy Nogueira diria, a gosto do cliente. Dependendo da parte do Brasil onde eu estiver, eu sou considerado branco, ou negro. Se for inverno eu vou estar mais perto de branco (*risos*) e se for verão eu vou estar mais perto de negro. Isso é nítido e hoje em dia muito bem resolvido pra mim. (...) Conhecer o CECUNE tem um pouco a ver com a minha trajetória de *como eu me tornei negro*”.

A mãe de Fábio é descendente de italianos e ele, convivendo mais com a família da mãe, foi socializado nos costumes dessa família. Ele conta que os episódios de discriminação vivenciados por causa de seus traços negros motivou uma certa aversão ao pai. Mas a partir da entrada na capoeira Fábio começa a ler sobre a história dos negros no Brasil e afinar seu olhar para as questões raciais. Em 1999 participa do Universidade Livre, e ele afirma que “99 foi um ano em que eu era negro ao extremo”.

“O que eu lembro, de pequeno, da parte da mãe, sempre foi a coisa da polenta, da galinha ensopada, do radite, de chamar a vó de nona... (...) foi um processo inconsciente, que eu percebo hoje, de um certo momento tá rejeitando o meu pai. O que ele carregava em si, a imagem do meu pai. Em 99 acontece o inverso. Porque aí como o negro passou a ser bom, o branco passou a ser ruim. (*risos*) E aí o que eu faço com a minha mãe? Minha mãe é branca! O que eu faço com a polenta e com o radite? Então eu olhava pra minha mãe e pensava: cara, como é que eu vou trazer alguém do movimento negro aqui em casa? Eles vão ver que eu não sou tão negro assim!”.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

Atualmente, Fábio apresenta grande segurança em sua identidade negra e nitidez na percepção do que ela significa. Afirma ele:

“eu tenho tão pra mim que eu sou negro, tão certo, tão internalizado, tão pronto, que quando alguém me diz, mas Fábio, tu não é negro, tu é branco, ou, tu é clarinho, ou, em São Paulo, tu não passa por negro mas nem de longe, eu sinto dificuldade em perceber isso, porque não é uma tonalidade de pele, é uma posição política”.

### 3.3 A passagem pelo Universidade Livre: o “vir-a-ser” através das emoções

Como o propósito inicial da pesquisa era entender a formação de identidade étnica promovida pelo “movimento negro”, minhas perguntas aos entrevistados direcionavam-se no sentido de apreender suas representações sobre o que seria a cultura e a identidade negra. Entretanto, com o passar das entrevistas, notei que iam se repetindo, quando falavam da experiência no Universidade Livre, certas palavras e expressões que remetiam ao campo das emoções, como “saudades”, “inesquecível”, ou ainda quando muitos se referiam ao fato que era comum que os alunos chorassem quando do momento das rodas de conversa com a psicóloga. Uma ativista de mais de vinte anos de “movimento negro”<sup>28</sup>, contemporânea do professor Oliveira Silveira, me disse que, mesmo com todo esse tempo no movimento, a passagem pelo curso Universidade Livre foi um “divisor de águas” na sua vida e na vivência da identidade étnica. Então, meu interesse voltou-se também para, a partir das percepções de cada um, compreender como e no quê o projeto Universidade Livre se diferenciava das outras atividades promovidas pelo “movimento negro”.

As respostas apontaram para duas direções: primeiro, para o fato que o curso apresentava a seus alunos acadêmicos e pesquisadores *negros*, trabalhando com variadas temáticas relativas à questão étnico-racial. O tema era “negro” e o professor-pesquisador era negro, isso é o que foi ressaltado por muitos alunos, em contraposição ao universo “branco” das temáticas aprendidas na escola e à percepção da universidade também como um

<sup>28</sup> A entrevista com Maria Cristina Ferreira dos Santos não pôde ser analisada neste trabalho, pois o arquivo de áudio apresentou defeito.

universo quase que exclusivamente branco. A outra direção de respostas sobre a diferenciação do projeto Universidade Livre no interior do “movimento negro” se remete ao campo da psicologia e dos afetos. A questão da convivência durante os três dias de retiro em cada módulo, convivência somente entre negros para discutir assuntos relativos à população negra; a questão das amizades iniciadas no curso, das alianças; o espaço dado para a fala de cada um sobre as emoções e a subjetividade formada através da experiência com o racismo; estas foram algumas das impressões lembradas pelos entrevistados como destaque da experiência vivida no curso, e que não se repetia em nenhum outro evento de “movimento negro”. A psicóloga Sílvia afirmou na entrevista: “o que se vê no movimento negro é uma solidão, porque não há espaço para falar dos sentimentos”. Ambas as questões, a pesquisa acadêmica negra e o espaço para o tratamento das emoções, são objetivos do curso e fazem parte de sua metodologia, como me disse Juarez Ribeiro: “agregar valor legítimo e espontâneo com valor acadêmico e institucional”.

Os alunos comentam sobre os conteúdos vistos no curso:

“eles pensaram umas coisas que eram chaves da questão do racismo, só que em várias áreas diferentes, na comunicação, na literatura. Sabe, eu nunca ia pensar, literatura: negro. Eu ia pensar literatura como literatura, mas não como a questão negra dentro da literatura.” Koyade.

“...conhecimento de algumas áreas que eu não dominava, a questão do cinema, da literatura negra. Algumas histórias do movimento negro que eu nunca tinha acompanhado. (...) Me abriu de estar pesquisando mais sobre a marginalização do negro, de onde vem esse processo, como tu constrói políticas a partir de todo esse processo de negação. Então com certeza me abriu um leque grande.” Jader.

“Foi a primeira vez que eu ouvi falar em história de África; foi a primeira vez que eu ouvi falar em holística, em axé, o axé enquanto força vital; ouvi falar no umbutu, eu sou porque nós somos, eu não sou um indivíduo, eu sou um grupo (...). Ali veio a dar as bases de um conhecimento que eu fui aprimorando depois.” Fábio.

As alunas acadêmicas também destacaram os temas presentes na Universidade Livre que não eram estudados em seus cursos de graduação:

“era um outro aspecto, mais intelectualizado, da questão negra que eu não conhecia. Esse conhecimento todo que a universidade não passava.” Lúcia.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

“Eu queria fazer a discussão da temática racial a partir da universidade, a partir das teorias. O CECUNE me deu esse aporte, porque foi lá que eu conheci professores que davam aulas em outras universidades, traziam muita coisa bacana que eu nunca tinha lido. Então quando eu ouvi falar em Du Bois, de ler coisas assim, eu ficava pasma, porque eu nunca tive acesso a essa bibliografia? Eu comecei a ler através dessas pessoas. Aí tu estabelece uma rede, eu comecei a jogar com isso (...). O CECUNE fez um recorte bem feito: tratar a questão do negro do ponto de vista acadêmico. Eu não via isso na universidade, e ali eu pude ver que existe, que tem como fazer. O CECUNE se aproximou dessa galera negra que era militante e que ao mesmo tempo tava ocupando um espaço que não era até então tão militante, mostrando que era possível fazer isso. Acho que essa é a grande diferença que pra mim foi fundamental.” Vera.

Os professores negros como exemplo aparecem em destaque nessas falas:

“Os professores, a maioria militante do movimento negro, e militante acadêmico da questão racial. Então tu une as duas coisas, tu é mais enfático, até mais crítico em algumas questões. Os professores eram bem militantes mesmo.” Jader.

“O negro valorizado, eu não tinha essa valorização minha, como eles mostraram com suas experiências de vida.”<sup>29</sup> Cristiane.

“Na Universidade Livre passei só por coisas que não eram comuns. Conhecer intelectuais negros... até sabia que tinham, mas não me colocava junto dos caras, eu conversando com eles. E através da Universidade Livre eu pude fazer isso aí. (...) Eles falavam muito de tu tá na faculdade e fazer com que o teu trabalho na faculdade ajude a militância, utilizar a universidade pra ajudar não só a si mesmo.” Koyade.

“...até pelo fato dos professores serem negros... muitas pessoas nunca tinham tido contato, não sabiam quem era o Cuti, ou não conheciam o doutor tal, o doutor Amauri. Acho que isso provoca um efeito pra quem tá aprendendo.” Jorge.

“Todos os professores tinham o seu mestrado ou doutorado, eram realmente pesquisadores, negros, todos eles considerando a questão racial, vivendo a questão racial na sua própria vida. Era um lugar de identificação, de encontro, aonde tu conseguia visualizar coisas que no social tu não visualiza, puxa, quando que eu conheci um doutor em literatura, negro, e trabalhando autores negros. Era um lugar que possibilitava isso, fortalecimento também.” Sílvia.

---

<sup>29</sup> Entrevista realizada em 05 de novembro de 2006.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

Quando estimulados a avaliar a metodologia do curso, vários alunos salientam a perspectiva do retiro, como Anderson e Jorge:

“essa coisa de estar afastado, pensando só numa coisa, conhecendo gente nova. É um curso onde tu vai brincar, vai almoçar junto, vai conversar. Então tu acaba esquecendo que tem o mundo lá fora. E aprofunda mesmo.” Anderson.

“Nessa amplitude, nenhuma entidade tinha... sempre teve seminários com assuntos atinentes ao negro, mas não com exclusividade de se fechar no local, passar três dias no local estudando isso. Esse que é o diferencial, porque além de estar estudando, a questão do grupo, a convivência.” Jorge.

O acolhimento também foi destacado pelos entrevistados:

“O projeto Universidade Livre é pensado pra te acolher, pra te retomar a noção de coletividade. Quando você vê que a tua existência está intimamente relacionada à existência do outro, e que você não pode pensar simplesmente na sua figura. Não sei se essa é a leitura do Juarez e da Suzana, mas é a minha. Não tem uma hierarquia de valores, ah, o conteúdo tem um valor maior, não existe isso. O conteúdo é tão importante quanto a solidariedade do grupo.” Fábio.

“O CECUNE me proporcionou isso, que é fazer uma coisa organizada, bonita, tu fica num lugar onde te servem, tem horário da comida, tem o quarto bonitinho, tudo isso é importante, pra quem tá participando. De ter a acolhida, de te respeitarem como pessoa.” Lúcia.

Fábio reproduz sim o entendimento dos coordenadores da entidade sobre suas propostas. Na entrevista com Suzana Ribeiro, ela afirmou que os projetos do CECUNE sempre visaram superar uma marca na militância causada pela ditadura, quando os ativistas não podiam se identificar completamente e acabavam “fazendo um joguinho, tira proveito daqui, tira proveito dali, na hora que é legal tu é aliado, na hora que tu acha que tá perdendo tu racha com esse, te alia com outro...”. No CECUNE, assegurou Suzana, “se quer uma experiência comunitária, que seja um espaço de troca, de fortalecimento pessoal, onde a gente possa continuar tendo laços de amizade, de companheirismo (...). Tem que ter uma proposta estável, equilibrada, com todos os componentes de uma relação humana...”.

Paul Gilroy analisa o que chama de “sensibilidade negra” presente nas culturas expressivas do Atlântico Negro:

“a questão de como as utopias são concebidas é mais complexa, porque elas insistem em fugir ao alcance do meramente lingüístico, textual e discursivo. A invocação da utopia referencia a política da transfiguração. Esta política

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

ênfatiza o surgimento de desejos, relações sociais e modos de associação qualitativamente novos no âmbito da comunidade racial de interpretação e resistência e também entre esse grupo e seus opressores do passado. Ela aponta especificamente para a formação de uma comunidade de necessidades e solidariedade (...). Seu desejo básico  conjurar e instituir os novos modos de amizade, felicidade e solidariedade conseqüentes com a superação da opressão racial sobre a qual se assentava a modernidade.” (GILROY, 2001, pp. 96-7).

Conforme lembrou a aluna Maria Luiza: “essa coisa que nos une que eu não saberia nem nomear... o fato da gente estar reunida, um grupo de pessoas negras (...). É um espaço raro. A gente fica mais à vontade, tem um contato direto com pessoas com quem sabe que pode se sentir igual. Meio que estimula uma coisa de solidariedade...”. Como disse Maria Luiza, a raridade de conviver em um ambiente majoritariamente negro foi ressaltada também por vários entrevistados.

“No CECUNE uma das melhores coisas pra mim foi essa proximidade, de poder estar com outros negros e negras também, porque habitualmente são vivo isso no meu espaço familiar. Foi o exercício da afetividade e da intelectualidade. Cruzou as duas coisas, fugindo dessa dicotomia cartesiana razão/emoção. Havia espaço pra isso. Tanto que eu comecei a namorar l (risos).” Vera.

“Fiquei encantada porque nunca tinha participado tão intimamente de um curso, onde tu ficava ali confinada, com um monte de gente preta, fantástico. Nas sessões de terapia, eu descobri um outro viés da atuação do movimento que eu não conhecia antes. Além da gama de conhecimento que me foi passada, o próprio relacionamento com as pessoas. Aquele ambiente de amizade, de solidariedade, de descoberta, de afirmação da identidade, isso eu acho que foi muito bom, acho que foi o que ficou realmente. (...) O entender, ter uma outra visão de mundo, de movimento... os conteúdos acabam te posicionando de uma outra forma. Essa coisa que faz parte da gente, que faz parte dos negros, de tu relatar uma cumplicidade. Era uma felicidade quando a gente ia pro encontro do CECUNE.” Lúcia.

“Uma coisa boa que a Universidade Livre também tem é estar em conjunto com outras pessoas, tem aquele momento da noite que a gente pode conversar, o horário de descanso, isso é muito legal, a troca foi muito boa nesse sentido.” Eliane.

“A convivência com o grupo, a convivência com outras pessoas que militam, a convivência com pessoas negras, não  fácil tu estar com um grupo que seja majoritariamente de negros, então isso é válido.” Jorge.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA



A intervenção da psicologia faz parte também da metodologia do curso. Sílvia, que atuou como psicóloga na edição de 2003, relata que, durante o final de semana, tinha três ou quatro momentos para trabalhar com os alunos, sempre considerando o conteúdo do módulo. Quando perguntada sobre os objetivos de seu trabalho, ela responde: “possibilitar que as pessoas tivessem espaço pra pensar sua identidade, o que significa ser negro, não pelo viés do conhecimento, mas pelo viés da subjetividade. Possibilitar que as pessoas tivessem esse lugar pra falar de si, e pra poder reposicionar algo”. Fábio, que foi aluno em 99, descreve uma dinâmica realizada pela psicóloga Conceição das Chagas:

“ela pediu pra que nós andássemos na sala de aula, de olho fechado, devagar, e num momento ela dizia, agora peguem na mão da primeira pessoa que cruzar, agora vão se juntando, todo mundo abraçadinho ali. Agora vocês se movimentem de um lado para o outro. Então aquele corpo, que a gente não sabia mais que corpo era aquele, se tornou um corpo só. Então essa dinâmica, porque a gente tem a dificuldade do toque, ali foi chave”.

Maria Luiza participou do curso em 2001, edição também trabalhada por Conceição, e destaca essa característica do projeto:

“O que era o diferencial do Universidade Livre era o trabalho da psicóloga. Ela se utilizava de determinadas metodologias, de determinadas técnicas de sensibilização, que oportunizava que se trabalhasse um pouco o sentimento que estava sendo mobilizado com aquelas informações todas. Eu já fiz muitos outros cursos de formação, mas ele é diferente nesse sentido. Isso possibilitava um clima de mais abertura pra aprendizagem. Para além da transmissão de conceitos e teorias, eu acho que é fundamental, possibilita que a gente aprenda de uma outra forma. Eu acho que quem entra não sai igual dali”.

Os alunos de 2003 comentam o trabalho de Sílvia:

“quando dava os tremores, até mesmo nos trabalhos dos outros profissionais, ela apagava esses incêndios que aconteciam e também usava outras dinâmicas, interpessoais, cada um trabalhando a sua vida, os seus medo, tudo mediando, colocando como trabalhar, como deve ser nossa postura, então era esse o trabalho dela.” Cristiane.

“A dinâmica é a parte mais fundamental, porque é ali que a coisa acontece. Tem a teoria, mas na hora da dinâmica é que aprofunda mesmo, emocionalmente. Começa a fazer sentido, começa a ganhar sentidos.” Anderson.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA



Anderson indica o modo como a mudança começa a se configurar, como a perspectiva proposta pelo curso Universidade Livre é assimilada pelos alunos: através do espaço para a verbalização e a análise dos sentimentos de cada um.

“Nesses momentos aí, o que mais dá vontade é de falar. Ah, eu vivi essa situação, eu me sinto assim, eu me sinto assado. Quando tu põe pra fora a tua cabeça tá mais preparada pra receber informações, tu tá te envolvendo mais, aquilo começa a ficar importante, e cada vez mais importante, o conteúdo. (...) Valeu a pena porque me deu subsídios emocionais, pra uma série de coisas na minha vida, me fortaleceu. Me situou melhor no mundo.” Anderson.

“Era um negócio bem diferente, e mexe com a pessoa. Tu vai lá, pensando uma coisa, e quando vê acontecem coisas que tu não tava nem imaginando. Digo assim do lance do interior mesmo da pessoa, auto-estima.” Koyade.

“o que a gente vê no movimento negro é uma solidão, uma solidão no momento em que tu não tem nenhum espaço pra falar das tuas emoções, dos sentimentos, e disso não ser comum nas relações, das pessoas discutirem e terem um lugar pra isso. A Universidade Livre te munia dos conhecimentos mas te munia também dessa possibilidade de lidar com o teu sofrimento. Mas as pessoas reconheciam esse espaço como algo de um fortalecimento, porque quando terminava, tinha uma alegria muito grande.” Sílvia.

Esta característica terapêutica do projeto Universidade Livre levou-me a pesquisar o campo da sociologia e da antropologia da emoção. É uma área de estudos ainda em formação, mas com origem nos anos 70, quando as correntes interpretativas e interacionistas de antropologia focam suas observações a partir das noções de indivíduo e *self*, criticando as análises estruturais que relegavam para um segundo plano as ações sociais individuais.

A antropologia da emoção busca responder questões sobre como a emoção é vivida por cada indivíduo como experiência única e específica, e ao mesmo tempo compreendida e compartilhada por uma coletividade espacial e temporalmente dada; e qual o espaço societário de configuração da emoção, quais são os fatores sociais que influenciam e conformam a esfera emocional, e até onde vai esta influência (KOURY, 2004). É uma boa porta de entrada para trilharmos o caminho que vai do social ao individual, e vice-versa, pois a antropologia da emoção visa apreender os vínculos que

conectam a subjetividade de cada ator social a uma determinada estrutura social.

Autores clássicos, como Weber, Simmel e Mauss, que entenderam a importância da expressão dos sentimentos e do aspecto psíquico para o entendimento da esfera macro-sociológica, também são precursores desse campo de estudo. Para Weber, as ações sociais implicam fundamentalmente um aspecto subjetivo de valoração. Weber e Simmel, atentos aos indivíduos em interação, consideram que os conteúdos afetivos criam e sustentam as formas de sociabilidade deles emergentes. Simmel enfatiza também “o aspecto situacional – a especificidade de cada forma de interação – da expressão dos sentimentos” (REZENDE, 2002, p. 4). Segundo Marcel Mauss, há uma estreita conexão entre as dimensões biológicas, psicológicas e sociais nos seres humanos. “Para ele, as emoções – tanto na sua expressão oral quanto gestual e corporal – formam uma linguagem, ‘signos de expressões compreendidas’. Com esse argumento, Mauss enfatiza a necessidade de compreender as emoções como elementos de comunicação” (ibid, p. 4).

Nos estudos contemporâneos que priorizam esta categoria de análise, “a emoção deixa de ser vista como experiência interna, subjetiva, para ser analisada como prática discursiva com efeitos externos, extrapolando o domínio do privado” (ibid, p. 1). De acordo com Michel Foucault, o discurso consiste em práticas que constituem os objetos sobre os quais elas discorrem; o discurso cria experiência ao mesmo tempo que é produzido em contextos específicos de relações de poder.

“Desse modo, mais do que tratar um discurso emotivo como meio de expressão de sentimentos (que, segundo uma visão ocidental moderna, estariam situados ‘dentro’ da pessoa), ele deve ser analisado enquanto um conjunto de atos pragmáticos e *performances* comunicativas, tanto sobre emoções como sobre aspectos tão variados como relações de gênero e de classe. Nesse sentido, é fundamental para a compreensão do discurso considerar o contexto em que é acionado – por quem, para quem, quando, com que propósitos. O discurso emotivo seria, portanto, ‘uma forma de ação social que cria efeitos no mundo’” (ibid, p. 5).

O aluno Fábio compreende esta característica performativa do discurso emotivo (mesmo que não de forma consciente e elaborada), tanto que projeta uma estratégia para as lutas negras:

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

“se a gente conseguisse ter um discurso que atingisse o coração das pessoas, tu ganha. Por que, por dados estatísticos, dizer que o negro estuda 2,2 anos a menos; ou falar da pirâmide social; que entre a massa carcerária, 90% são negros; dizendo isso, diante de um conjunto de violências que as pessoas sofrem no cotidiano, não atinge. As pessoas não são sensibilizadas por números simplesmente. Se você pega pelo viés emocional, ao meu ver, por esse caminho você consegue atrair muito mais as pessoas, do que se você fizer uma fala agressiva”.

Sartre, em um ensaio no qual define a emoção a partir da perspectiva filosófica da fenomenologia, nos oferece uma justa indicação quando a concebe como “uma transformação do mundo” (SARTRE, 2007, p. 63). A conduta emotiva é o modo com que a consciência irrefletida – mas não inconsciente – capta o mundo sob relações e exigências novas. “Em suma, na emoção é o corpo que, dirigido pela consciência, muda suas relações com o mundo para que o mundo mude suas qualidades” (ibid, p. 65).

Foram vários, nas entrevistas, os relatos sobre a tristeza gerada por meio das memórias e expressão da subjetividade conformada pelo racismo, traduzida muitas vezes no choro.

“Teve uma menina que não podia nem passar em frente de casa de religião, ela morria de medo, pra ela tava associado ao mal. E lá dentro, na aula desse filósofo, bah, a menina chorava sem parar. Sabe o que é uma pessoa chorar, chorar, chorar... tu vê que é uma coisa muito íntima, muito forte. Ela não se converteu, mas diz que se livrou de uma coisa que ela carregava e nem sabia por quê. É muito interessante as coisas que acontecem nesses eventos, trabalham o emocional, coisas que normalmente tu nem tem muita possibilidade de tratar.” Vera.

“Nessa parte com a Sílvia era uma choradeira, e aí fulano falava o que aconteceu, desabafava, chorava, todo mundo chorava. Eram relatos do que aconteceu durante a sua vida...” Koyade.

“Foi um curso em que muitas pessoas passaram por um processo de se identificar enquanto negros. Então as primeiras sessões de grupo era uma choradeira só. Aí que entrava o papel fundamental da psicóloga pra reverter o quadro, mas era uma choradeira desse tamanho. Porque as pessoas nunca tinham tido o contato afetivo, tinham pouco aquele contato de carinho.” Fábio.

“Todos nós passamos por uma história de racismo, de preconceito e como trabalhar isso? Eu até então era só chorar. Como criança meu histórico era chorar. Hoje eu sei como trabalhar isso com meu filho.” Cristiane.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

Sílvia também denota a tensão experienciada no curso, quando lembra de um aluno que a solicitou para conversar:

“A pessoa se sentindo muito comprometida com a questão, mas ao mesmo tempo muito angustiada com todas as coisas novas que estava escutando ali. (...) Por mais que estivéssemos ali num espaço negro, com professores negros, onde a gente podia falar abertamente das questões, isso não significava que aquele era um espaço tranquilo e seguro, porque era um espaço pra mexer e cutucar com as pessoas.”

Ao utilizarmos a categoria emoção para especularmos como uma certa identidade pessoal e social se transfigura e, especificamente neste trabalho, como certa ideologia de “negritude” é absorvida pelos indivíduos pesquisados, posto está que devemos considerar o contexto social racista de onde emerge a luta anti-racista. Racismo que configura também uma série de sentimentos perniciosos, como a baixa auto-estima, a vergonha, o não reconhecimento de si próprio, e a raiva, lembrada nas falas de Anderson e Ratinho, o professor de capoeira que é um dos dois alunos brancos que passaram pelo Universidade Livre.

“Porque dá muita raiva... muita raiva. Isso tá no inconsciente do negro, todo negro tem, uns mais e outros menos, mas todo negro tem isso guardado. Não sei como isso vai se manifestar no futuro. Uma vez eu li uma reportagem na Folha de São Paulo, uma pesquisa que fizeram em 98, 99, sobre negritude em São Paulo, e tinha uma coisa que me chamou muita atenção na época, lá tinha um dado que dizia que 49% dos negros tinham rancor, e que esse rancor podia se manifestar. Foi uma coisa impressionante. Eu não lembro como a coisa tava estruturada, mas era dessa maneira, de vingança, se vingar. Então isso também tá presente. Eu tenho isso dentro de mim, eu sei que eu tenho.” Anderson.

“Eles (os *negros*) estão num processo ainda de muita raiva, um processo de raiva, e é compreensível isso. Não que eu aceite, mas é compreensível.”<sup>30</sup> Ratinho.

A emoção é definida então pela antropologia como “uma teia de sentimentos dirigidos diretamente a outros e causado pela interação com outros em um contexto social determinado” (KOURY, 2004, p. 89). As experiências emocionais singulares, sentidas e vividas por um ator social específico, são produtos relacionais entre os indivíduos e a cultura e a sociedade; e é exatamente a *experiência* que faz com que um indivíduo de torne um ser específico, único (ibid).

<sup>30</sup> Entrevista realizada em 22 de novembro de 2006.

No Brasil, o campo da antropologia da emoção tem expressão nos estudos de Gilberto Velho, que desde a década de 80 investiga as relações entre a subjetividade e a sociedade, preocupando-se em vincular as biografias de seus pesquisados com a história e a sociedade, o particular com o geral, mas não em uma relação mecânica, desde que o autor “ênfatiza a riqueza e originalidade das experiências subjetivas” (VELHO, 1986). O autor se remete à tradição da Escola Sociológica Francesa, como importante para as tentativas de estabelecer pontes entre o subjetivo e o social, e cita outros autores que o influenciaram, como Simmel, Goffmann, Becker, e os também interacionistas Mead e Blumer. A corrente interacionista percebe o indivíduo (ou o *self*), como anterior ao processo de interação social. Eu me coloco ao lado de autores como Louis Dumont que, ao contrário, entendem a categoria indivíduo como formada pela interação social, a sociedade ou a cultura: o indivíduo é essencialmente social, e a subjetividade é condicionada pelo externo. Entretanto, isto não ofusca a riqueza e complexidade da subjetividade de cada um, subjetividade que, externada, é *também* constituinte do real, em um jogo dialético sem fim, responsável, entre outras coisas, pelos processos de inovação cultural.

Em uma direção similar à de Stuart Hall (2000), Gilberto Velho propõe o diálogo das ciências sociais com outras áreas de conhecimento, para um entendimento mais aprofundado e complexo das relações entre indivíduo e sociedade.

“Há que ampliar o espaço de nossa discussão sobre cultura e sociedade brasileiras, incorporando contribuições e reflexões de indivíduos e grupos que não pertençam necessariamente aos quadros acadêmicos. Isto, ao lado, de internamente melhorar nossa comunicação com psicólogos, psicanalistas, filósofos, especialistas em literatura, ensaístas, etc. Estaríamos recuperando a preocupação de Wright Mills em seu clássico *A imaginação sociológica* de vincular mais sistemática e criativamente biografia e estrutura social.” (VELHO, 1986, p. 55).

Nesse sentido, o autor propõe relacionarmos a problemática da *vontade* com a noção de *projeto*:

“A noção de projeto, conforme Schutz, implica uma avaliação de meios e fins estando, portanto, fortemente vinculada a uma adequação a uma realidade *objetiva, externa*. (...) Mas a *vontade* é também uma forma de expressar o domínio do sujeito, sua afirmação. Creio ser possível, em nível teórico,

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

procurar aproximar as noções de *projeto* e *vontade* para tentar lidar, em uma perspectiva de cientista social, com o domínio das emoções.” (ibid, p. 96).

Anderson é um aluno que desconhecia o “movimento negro” antes da participação no Universidade Livre, e o que aconteceu a partir dessa experiência foi uma mudança radical no sentido da sua vida: tornou-se um militante negro, como ele mesmo afirma. Mesmo não localizando o movimento social, ele imaginava conhecer lideranças negras, e diz que “eu sempre sonhei com o que acontece hoje”.

“Foi um momento na minha vida que eu decidi: eu vou entrar de cabeça nisso aí, depois eu vejo o que vai acontecer. (...) Eu acho que resultou numa coisa que eu não tinha muita convicção nem muita coragem na época, mas que vai acontecendo aos poucos, eu me tornei militante, querendo ou não, eu me tornei militante”.

Lembramos da afirmação de Stuart Hall sobre que a eficaz “suturação” do sujeito às estruturas de significação da ideologia depende que o sujeito invista na nova posição, gerando assim uma *identificação* (v. cap. 1). Hall, no mesmo artigo, cita um autor chamado Hirst, que assinalou que o conceito de interpelação de Althusser (o processo pelo qual o sujeito é convocado a assumir uma posição no fluxo do discurso) não atentou para o fato que o “sujeito”, antes que tivesse sido constituído como tal pelo discurso, tivesse a capacidade de agir como um sujeito: “esse algo que ainda não é um sujeito deve já ter as faculdades necessárias para realizar o reconhecimento que o constituirá como um sujeito” (Hirst, citado em HALL, 2000, p. 115). É o que Anderson traduz na metáfora: “é que nem feijão, a sementinha tá ali, mas tu botou uma agüinha, o feijão começou a crescer”.

A sociabilidade está presente no Universidade Livre, e permite a produção de algo diferenciado, conforme a fala de Anderson:

“Essa coisa de estar afastado, pensando só numa coisa, conhecendo gente nova. Essa coisa de vamos ficar todo mundo no mesmo quarto, ouvindo música, dando risada. Aquela coisa bem da infância mesmo... não se preocupar com mais nada... essa coisa da pessoa desligar e pensar só naquilo. É diferente de um curso de planilhas de excel. É um curso onde tu vai brincar, vai almoçar junto, vai conversar. Então tu acaba esquecendo que tem o mundo lá fora. E aprofunda mesmo”.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA



Na edição de 2003, da qual Anderson fez parte, os jovens alunos realizaram diversas atividades “extra-classe” em conjunto, como reuniões, festas, aniversários. Gilberto Velho relaciona a sociabilidade com a formação da subjetividade:

“A identidade dos indivíduos passa, quase sempre, por uma forte vinculação a um *grupo de pares* que, de diversas formas, reforça certas crenças e valores. (...) A *subjetividade*, a vida interior, as opções mais íntimas são marcadas por um *ethos* em que a *sociabilidade* assume um tom caracteristicamente marcante. (...) Há uma clara correlação entre o desenvolvimento pessoal, subjetivo e as formas de associação, de sociabilidade valorizadas” (ibid, pp. 88-9).

No Universidade Livre é pedido aos alunos que apresentem um trabalho de conclusão do curso, de tema e formato livres, e não é de caráter obrigatório, pois visa estimulá-los a produzir algo em seus ambientes de atuação, seja a família, escola, trabalho, etc. Muitos dos entrevistados relataram essas produções, como Maria Luiza, que utilizou seu trabalho de conclusão do Universidade Livre como projeto de pesquisa para cursar o mestrado, ou Varny, que escreveu e publicou um livro chamado “A cor do trabalho” (FAGUNDES, 2001) (com Sílvia, sua colega de Universidade Livre, na capa). Fábio, a partir dos temas vistos no curso, iniciou um movimento para colocar a história da África no currículo do curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina, onde estudava, e foi bem sucedido. Cristiane, pedagoga e professora em escola estadual, criou e realizou, junto com alguns colegas seus da edição 2003, um projeto para trabalhar com alunos usuários de drogas e com problemas de disciplina, dentro da sua escola. “Nós fizemos por módulos, assim como na Universidade Livre, fizemos aos sábados dentro da escola, e eles nunca faltavam”, diz ela. Anderson, colega de Cristiane, graduou-se em administração em 2005 e seu TCC versou sobre a “cultura organizacional” do CECUNE. “Era uma forma de retribuir o que eles me deram”, ele fala. Koyade comenta sobre seus colegas da edição 2003: “eu vejo que muita gente começou a fazer outras coisas depois...”. Ele também reflete:

“mas porque que o cineasta quis fazer filme do negro? O Cuti, ele podia escrever mil livros, uma cabeça incrível pra literatura, mas ele resolveu fazer literatura do negro, então eu me identifiquei com isso aí. Uma letra de rap que eu faça hoje, eu sempre coloco, porque eu quero que o meu rap seja rap de negro, e isso aí surgiu da Universidade Livre, com

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA



certeza. (...) Se eu entro numa farmácia e tem uma atendente branca e uma negra, eu procuro ser atendido pela mulher negra, porque não sei quantos brancos já entraram ali e não quiseram ser atendidos pela negra. Não que eu tenha alguma coisa contra a branca, mas eu vou dar uma coisa assim de protagonismo. Eu acho que isso aí é da Universidade Livre. Esse lance de estar protagonizando a participação do negro dentro da sociedade.”

Sobre a edição 2003, Koyade também toca na questão da sociabilidade: “acho que a relação ali entre nós mudou a nossa vida, não foi só as informações”; enquanto Sílvia observa a questão geracional – muitos dos alunos eram filhos dos militantes das décadas de 70 e 80:

“comparando os adultos de antes, era uma diferença muito grande, porque eram jovens e isso (*a questão racial*) estava presente na vida deles desde muito cedo. Jovens, alguns na universidade, e muito posicionados, e, entre aspas, tranquilos, porque podiam falar disso, isso estava já na história de vida deles. Penso que essa é a grande diferença, que estavam ali filhos de militantes”.

A identidade negra afirmada desses jovens filhos de militantes é uma das possibilidades de extensão da pesquisa por outros caminhos, que este primeiro levantamento dos dados permite; e também uma das variadas fontes de diferenciação interna do grupo pesquisado.

Sílvia também toca na questão dos alunos que abandonam o curso: em todas as quatro edições houve pessoas que não concluíram o Universidade Livre.

“O que a gente via é que tinham pessoas que acabavam abandonando o curso, e eu penso que não é muito simples ter esse espaço pra trabalhar as emoções. Existiam pessoas que evitavam um pouco esse espaço (*da psicologia*), bom, não é um espaço qualquer, é um lugar onde tu vai resgatar algo da tua história; há os outros; mesmo que tu não fale, é um lugar onde a memória vem. Então existia na Universidade Livre desde o início uma certa evasão. (...) E muitas coisas interessantes ali se ouvia, no sentido de a gente se dar por conta de que essa identidade, de que poder se deparar com esse ser negro geralmente acontece numa idade mais avançada, quando já se é grande, embora se fale de recordações de infância. Mas é como se o adolescente, ou o mais adulto, a pessoa pudesse se reposicionar em relação a isso, a esse ser negro. Então vinha muitas histórias das pessoas, sobre o momento em que se depara com essa questão, o momento em que, de certa forma, algo lhe acontece que isso é desvelado”.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

Interessante seria pesquisar os motivos que levaram esses participantes a abandonar o curso. Como os conteúdos, o discurso da entidade e dos professores e as emoções de cada aluno se relacionaram e conseguiram fazer com que um indivíduo não tivesse mais vontade para participar do curso?

Vera comenta sobre as conseqüências experimentadas por cada participante, em virtude do confronto com determinadas questões durante o curso, como a participação da igreja católica no tráfico de escravos:

“Tinham aquelas pessoas que eu acho que se sentiam muito impactadas, pessoas que tinham uma ligação forte com a igreja católica. E teve um ou dois casos de pessoas que se afastaram em função do que isso significava, se defrontar com questões de cunho religioso e que dava um choque. Os próprios debates da questão étnico-racial, às vezes conversava com pessoas que ao se descobrirem negras, ao descobrir que os outros a viam como negras, não era uma coisa tão tranqüila, porque saía de lá e tinha que voltar pro seu grupo familiar, ou quando tinha um namorado ou namorada branca. Aí saía de lá com uma série de questionamentos, e muitas vezes tinha que escolher, como é que tu lidava com isso. Esses eram alguns pontos de tensão. (...) Quando chegava a questão religiosa, não que fosse um discurso de atacar a igreja, mas a própria questão de colocar isso na roda, de trazer os paradoxos institucionais, isso confrontava muito as pessoas com o que elas tinham intimamente. E esse cara foi embora e disse que era por causa disso, porque estavam confrontando a fé dele. Ele preferiu então manter o que até então ele tinha como norte da vida dele. Porque me parece que o grande ‘perigo’ é essa coisa da perda do norte. Porque tu tem que desconstruir algumas coisas, tu não sai da mesma forma lá”.

As afirmações de Vera comprovam a diversidade de perspectivas encontrada no grupo dos alunos do Universidade Livre, que conseqüentemente experimentaram de forma distinta o confronto com as questões negras.

Anderson novamente usa a “planilha de excel” para contrastar com a forma do Universidade Livre: as questões da sociabilidade e afetividade aparecem mais uma vez.

“Não foi um curso ‘como fazer a planilha no excel’. *Foi um curso que pra funcionar as pessoas tinham que se relacionar afetivamente.* O curso foi feito pra isso. É preciso esse contato afetivo pra tu te deparar com as tuas questões de negritude. Senão não vai acontecer. Por isso que tem gente que vai e não volta, não aparece no outro módulo. Ela não quer ter esse contato”.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

### 3.4 Percepções

A última parte da entrevista era destinada a perscrutar as noções e representações dos alunos sobre raça, cultura, identidade negra e questões afins. Falando sobre o racismo, Anderson apresenta um pensamento semelhante ao exposto pelo professor Oliveira Silveira: o racismo “sempre” existiu e difícil será eliminá-lo. Ele diz: “a diferença sempre vai continuar, a gente vai só tendo que aparar essa diferença. Mas mudar, eu acho difícil. A sociedade brasileira como um inconsciente, ela se nega em muitos aspectos. Então ela não evolui, continua sempre marcando passo naquilo ali”.

Eliane lembra a “paranóia” que é imputada a quem é consciente dos atos racistas:

“a gente tem um embate no dia-a-dia, principalmente quem tem consciência racial, que consegue identificar que uma determinada atitude de uma pessoa branca é discriminação ou é preconceito em relação ao negro, e a gente percebe isso nas mínimas coisas. Então quanto tu participa de um curso assim e começa a conversar com as pessoas e tu vê que as pessoas enxergam as mesmas coisas que tu tá enxergando, então pára aí, eu não tô maluca, a gente se reforça também nesse sentido, além de se reforçar com os conteúdos a gente se reforça nas discussões das situações cotidianas que a gente vive”.

Koyade fala sobre o embate entre negros e brancos gerado pelas questões raciais:

“Tinha uma aluna branca. Tiveram duas, uma não agüentou, e ainda foi embora e deixou dito que tava indo embora se sentindo ofendida. E teve uma branca que foi até o fim e que ouvia as coisas tudo e ainda dizia, é, é isso mesmo. Sabe, era bem consciente da realidade. Chorava junto com a gente, ria junto com a gente, e pra nós foi tri importante ela estar ali também. É, eu me lembro, às vezes dava uma polêmica isso aí. Às vezes a gente falava que eles estavam ali por causa de cotas, cotas dos brancos dentro da Universidade Livre. Tinham várias coisas que eram meio diferentes assim... Teve um aluno que disse também, eu não venho mais porque eu tenho vários amigos brancos e são meus amigos mesmo, eu me dou tri bem com eles, e eu não güento ver vocês falando dos brancos”.

Essas diferenças existentes entre os indivíduos classificados nos grupos de “negros” e “brancos” são importantes porque comprovam a

heterogeneidade presente no interior dessas classificações freqüentemente reducionistas.

Anselmo Accurso, o Ratinho, é um professor de capoeira branco que foi aluno da primeira edição do Universidade Livre, em 1996. Ratinho é descendente de italianos e pratica a capoeira desde 1974, é um dos pioneiros no trabalho da capoeira como esporte em Porto Alegre. É formado em Educação Física e atualmente é professor na disciplina de capoeira deste curso na Unisinos. Ratinho viajou à Bahia várias vezes em função da capoeira, e comenta sobre sua primeira experiência: “e eu branco chegar na Bahia, foi problema também... Aí comecei a sentir na pele essa coisa de ser branco no meio dos negros”. Ele conta que foi discriminado muitas vezes por ser branco e filho de professor universitário. Em um encontro de capoeira em Salvador ele discutiu com seu mestre: “e numa hora dessas veio de novo aquele papo de branco, e eu irritado com aquilo, há muitos anos ouvindo, falei, ó, tu tá por fora, tu é racista também, tu faz o racismo inverso, não é assim que tu vai combater o racismo, o racismo se combate com aliados, não fazendo inimigos.” Um aluno de Ratinho participou do Universidade Livre em 2003 e foi protagonista de mais uma discussão que opunha negros e brancos:

“tem um aluno negro meu que foi do CECUNE, e ele tá lá fazendo o CECUNE, ‘não, porque os brancos’, ‘não, pára aí, eu tô aqui por causa de um branco, que fez eu vir aqui’; e ele quebrou o maior pau lá, ele negão, rasta, ‘não, eu aprendi com um branco a cultura afro, vocês não podem fazer assim não’”.

A questão do cabelo do negro apareceu muitas vezes nas entrevistas, é um lócus de embate e formação através do racismo. Mas o corpo é também instrumento no processo de mudança da identidade:

“eu nunca me gostei de cabelo alisado, e era uma prática comum em todas as mulheres da família. Mas eu sempre achei aquilo meio estranho. Eu olhava pra mim, não era só uma questão estética, eu não me sentia bem com aquilo. Mas também não via nenhuma alternativa, já que todo mundo fazia. (...) E eu lembro que quando eu ingressei no movimento negro a primeira coisa que eu deixei de fazer foi alisar os cabelos. E foi um susto geral! Minha mãe dizia que eu ia ficar com cara de empregadinha, que eu não ia arrumar namorado, andava com uns negros estranhos (*risos*). (...) Esse tipo de coisa eu aprendi a lidar a partir do movimento. Um enfoque que era pra mim de redimensionar a identidade. A partir do que eu julgasse melhor pra mim, não a partir

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

daquilo que me veio e que eu nunca questioneei por quê. Isso foi um ponto fundamental". Vera.

Koyade fala sobre seu processo de identificação enquanto negro, e sobre as limitações criadas pelos modelos de estética:

"lembro que tinha uma época que a moda era cabelo cogumelo, na escola que eu estudava os guris tinham tudo cabelo cogumelo, só que é pra cabelo liso, né. E eu queria porque queria usar cabelo cogumelo, aí eu ficava puto, porque o meu cabelo não ficava cogumelo. Aí eu me olhava no espelho, e era diferente, justamente. Eu lembro também que uma época eu tive uma banda, com uns colegas do colégio, e era uma banda de rock, e os caras tudo cabeludo, com o cabelão escorrido, grandão, pagavam de metaleiro, e eu queria ser meio que nem os caras, só que o meu cabelo era diferente, apesar de não ter o cabelo crespão mesmo, é misturado. Mas essas coisas faziam eu olhar e pensar, bom, eu sou mais parecido com negro que com branco. Ficava sempre na dúvida, mas o fato de outros negros me considerarem negro então com o passar do tempo eu comecei a me considerar negro".

O Universidade Livre é um espaço de afirmação da identidade negra, como diz Sílvia: "na Universidade Livre a gente via na postura das pessoas, o quanto às pessoas entravam de um jeito e saíam de outro, sabe, mais coloridas, soltando os cabelos... o corpo se apresenta diferente"; mas, lembrando Patrícia Pinho (2004), o padrão identitário proposto pelo "movimento negro" também limita, também pode aprisionar, quando não oferece espaço para o diferente. A aluna Cristiane Vaz, uma pedagoga de 29 anos, conta de uma discussão ocorrida na edição 2003, por conta do tema do cabelo:

"Eu senti uma coisa meio triste no grupo porque no início eram todos unidos, e depois foi se separando por grupos. Isso é normal dentro da sociedade, mas ali eu acho que não podia. Então chegou a ter uma discussão de que os mais pretos eram mais discriminados que os mais claros. E aí foi separando, a história do cabelo, quem alisava, quem não alisava. Porque uns usavam *dread*, outros passavam henê, que não se aceitava negra porque passava henê... começou a dividir. Com os guris não, mas aquela coisa da disputa feminina aconteceu. É o normal. Mas eu acredito que não poderia, porque mulheres negras, meninas que passaram pelo mesmo tipo de preconceito independente de serem mais claras ou mais escuras, usando *dread* ou trancinha, cabelo curto, sei lá. (...) Houve uma discussão muito feia. Nós estávamos com a psicóloga, e aconteceu essa discussão das meninas, porque tu usa cabelo liso, tu não aceita tua cor, tua raça. A menina falou que usar cabelo liso era questão de

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

higiene. Aí tu imagina o que deve ter ocorrido. Foi muito triste, muito ruim”. Cristiane.

As lembranças de Cristiane revelam as tensões ocasionadas pela existência de diferentes maneiras de lidar esteticamente com a “negritude”.

Quando Koyade afirma que ter participado do curso mudou sua vida, eu lhe pergunto pelos motivos dessa consideração, e novamente surge a questão do cabelo como embate de perspectivas. Para Koyade, houve uma mudança no sentido de flexibilizar seus julgamentos, inclusive sobre uma suposta correspondência entre o trato do cabelo e a consciência racial. Ele responde:

“também por saber que tem pessoas que pensam diferente. Por exemplo, o lance do cabelo, eu tinha na minha cabeça que, óbvio, quem alisa o cabelo é negro até a metade, mas (...) a partir desse dia que teve esse diálogo do cabelo, eu vi quanto que uma mulher negra podia ser consciente mesmo mas alisar o cabelo. Até então meu pensamento era que quem é negão mesmo não alisa e não raspa, mas depois tu vê, o Malcom X nunca teve o cabelo *dread*, nem *black power*, os grandes líderes negros nunca tiveram nada, e eram pessoas conscientes”.

O que foi apontado por Koyade problematiza a análise de Nilma Lino Gomes sobre o alisamento do cabelo (v. cap. 2).

A pergunta sobre como os entrevistados se identificam em relação a sua cor estimulou questionamentos dos próprios pesquisados sobre a validade de uma analogia entre uma identidade social e o matiz da pele, como quando Koyade afirma que “quanto à cor eu não me defino porque eu acho bem complicado esse negócio de cor. Temos várias cores, né?”, ou Anderson:

“no final das contas é uma besteira ficar classificando quem é branco e quem é negro, porque eu não sou negro porque não sou preto! E nem tu é branca porque tu não é branca, branca é a parede ali, é a folha de papel. Tu seria rosa? Bege? (...) Quem sabe daqui a uns trezentos anos não faça o menor sentido ficar separando (...). Negro é um conceito sociológico que não se confirma na fatalidade das coisas, mas que se confirma na interação com as pessoas”.

As respostas sobre o que os entrevistados entendem por raça e etnia demonstra que absorvem os conceitos das ciências sociais, mas também se perturbam com as mudanças nos paradigmas científicos.

“Eu tenho uma série de dúvidas sobre isso, a gente tinha um conceito de raça bem delimitado cientificamente até então,

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA



até que veio novamente mais um conceito científico dizendo que não existe raça negra, raça branca, e que existe só a raça humana, então a gente fica balançando, o que é na verdade, é raça, é etnia?” Eliane.

“Eu entendo que a raça é a raça humana, né. Mas como as pessoas já criaram esses termos pra diferenciar certos povos... eu acho que o termo melhor é etnia, porque fala de uma cultura, de um povo, e a raça é todo mundo, né, tem os animais e tem os seres humanos. Pra mim não tem diferença de raça, raça é uma só. Mas como etnia tem várias diferenças, tem os caucasianos, tem os africanos. E aí eu me defino como afro-descendente.” Koyade.

Essa assimilação se faz muitas vezes de maneira confusa, como quando Maria Luiza afirma que raça é significada politicamente, mas em seguida utiliza a raça como sinônimo de fenótipo:

“A antropologia usa muito mais o termo etnia que raça, e muito pela cultura, eu acho que não pega o touro pelo chifre. Eu usei sempre o conceito de raça no meu trabalho, justificando que tava sendo usado pelo sentido político, até porque tem toda uma discussão na saúde, que ‘raça não existe, que somos todos da mesma raça’. Eu acho que a discriminação se dá mesmo é pela raça, é pelo fenótipo, e é aí que a gente tem que tocar, é pela nossa cara, e não pela cultura”.

Anderson mais uma vez desconstrói categorias:

“Eu acho o termo etnia muito vago, não sei se é porque eu não estudei muito bem ele ou porque ele é vago mesmo, pela própria natureza da palavra e do que eles quiseram representar com essa palavra. (...) No frigar dos ovos, raça não é importante. Mas só pra pessoas que têm uma vivência, uma espiritualidade muito evoluída...”.

Maria Aparecida da Silva, a Cida, 49 anos, é cozinheira e a única entrevistada que não passou pela universidade; cursou até o ensino primário. Cida foi a pesquisada que mais direcionou a entrevista, pois logo que nos encontramos começou a narrar sua história de vida e não me ofereceu espaço para perguntas. Em 1964, aos sete anos de idade, foi “roubada”, nas suas palavras, pela administradora da fazenda do presidente João Goulart, no Mato Grosso, onde sua mãe trabalhava. Depois de quase vinte anos trabalhando na casa dessa pessoa, no interior do RS, Cida mudou-se para Porto Alegre e se envolveu com o sindicato das domésticas. Em 1995 participou da Conferência Mundial de Mulheres, na China. Cida levanta as

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA



questões de raça e classe, e a distinção entre os negros despossuídos e os que ascenderam socialmente:

“Essa sociedade capitalista determinou quem pode ir aonde. A coisa às vezes é mais social do que racial; claro que o racial fica meio que velado, né. Aí tu sendo negra piora ainda. Eu era barrada porque eu era empregada doméstica e porque eu era negra. (...) É uma pena, que junto com o racismo, do ladinho, tem a questão social. Tem umas negras que conseguiram, a gente fica super feliz, gostaria que todos tivessem, mas aí tem diferença também, tu consegue perceber. (...) Às vezes me machuca bem mais essa questão”<sup>31</sup>.

Vera também toca na questão da classe e da raça, quando afirma que “antes de eu entrar no movimento, pra mim todo problema sofrido, de discriminação, era em função de ser pobre”.

A entrevista com Cida foi feita no mês de novembro, e ela fez um comentário sobre as militantes do “movimento negro” que nos faz lembrar da crítica de Paul Gilroy ao essencialismo negro:

“esse mês é o mês que elas te acham. Uma me encontrou na rua e disse: Cida, onde é que tu anda? Não vai mais nas reuniões, desse jeito tu vai perder tua trajetória! Perder minha trajetória?? Eu acho que quem tem trajetória não perde, a minha trajetória tá na minha vida”.

Ainda sobre o essencialismo, Jorge reflete, quando conversamos sobre o que seria a “cultura negra”:

“quando eu comecei a militar eu de certa forma comecei a olhar de modo atravessado pras coisas sincréticas, comecei a querer uma pureza. (...) Então eu passei a compreender melhor, que não existe mais pureza, essa pureza que tem é só na imaginação, não tem mais nada que seja puro, e nem natural, em lugar nenhum do mundo...”.

E ele concebe o que seria “uma contribuição negra” ao *ethos* brasileiro:

“Essa maleabilidade que a gente tem enquanto brasileiro, é uma contribuição negra. (...) Eu acho a capoeira bem a expressão dessa habilidade negra que por sua vez passou pra todo brasileiro em geral, que se não manifesta é porque algumas pessoas se envergonham do ‘jeitinho brasileiro’, mas o jeitinho brasileiro de certa forma é uma saída. Ou tu faz do jeitinho ou tu morre, fica fechado, não escapa”.

Sobre Ratinho, o professor de capoeira branco, poderíamos afirmar que é um homem imerso em um determinado “mundo afro-brasileiro”.

<sup>31</sup> Entrevista realizada em 09 de novembro de 2006.

Vive a capoeira de forma profissional, frequenta terreiros de umbanda e, ao visitar sua biblioteca, pode perceber que é formada essencialmente por livros de história e antropologia que versam sobre a África, escravidão no Brasil, capoeira e temas afins. Ele expõe uma idéia bastante inusitada ao misturar instituições religiosas e educacionais:

“Hoje na faculdade um dos temas que eu dou é visitar uma festa de preto-velho. Vocês vão lá, entrevistam os preto-velhos e depois me contam como é que foi. (...) Vocês querem levar a cultura afro pra dentro das escolas? Levem os ancestrais. Vamos chamar, eles vão baixar dentro das escolas e vão mostrar como se faz a cultura popular, o que é a cultura negra”.

Ratinho é o único branco entrevistado e um dos que mais apresenta uma noção estreita de cultura, vista como algo inato. Ele não compreende que um negro possa ser protestante, não seja acostumado a dançar ou jogar a capoeira:

“não adianta ser negro e perder a tua cultura, entendeu? Não interessa um negro na faculdade só de carcaça. Eu quero um negro inteiro dentro da faculdade. Que adianta um negro de carcaça, reproduzindo a cultura do branco? (...) Que adianta vocês ficarem aqui nessa de acadêmico e não saber a cultura? Vocês não sabem tocar um pandeiro, não sabem bater nem a palma no ritmo. (...) Então o papel da capoeira é justamente, de resgatar o negro com a sua cultura”.

Essas observações de Ratinho enquadram-se na crítica de Gilroy quando analisa as políticas que envolvem as noções de cultura e etnia. Segundo o autor, em uma perspectiva essencialista entende-se que a tarefa do intelectual é dar uma nova direção à massa negra, primeiramente pelo resgate e, depois, pela doação da consciência racial que parecem carecer (GILROY, 2001).

As idéias de Ratinho sugerem-nos outra possibilidade de estudo: profícuo seria investigar as representações de indivíduos considerados brancos sobre “cultura” e “identidade negra”.

Sílvia Prado estudou muitos anos em escola particular, sua família é católica e ela afirmou na entrevista que sempre foi muito recatada em relação a seu corpo. Mesmo assim, quando fala da “cultura negra”, expõe as idéias criticadas por Patrícia Pinho (2004), de que os negros portam uma história no corpo; novamente, a mistura da natureza com a cultura, e a inversão dos pólos valorativos da crença originadora do racismo. A

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

concepção de Sílvia nos encaminha a duas conclusões diversas: ou os negros de classe média não constituem a “cultura negra”, ou há algum resíduo de cultura que liga todos os “negros”, mesmo os de classe social e hábitos distintos, expresso na idéia de “ancestralidade”. Diz Sílvia:

“Um jeito de lidar, até com o próprio corpo, a coisa da dança, do ritmo, a coisa da música. Mas tudo isso eu só pude pensar na medida que eu pude ingressar num terreiro, enquanto simpatizante, enquanto alguém que tem um vínculo ancestral com isso. (...) Observando algumas coisas na comunidade negra, nas famílias de periferia, e aí tu vai te dando conta que a gente traz essa história no corpo, e que essa história está na nossa vida, mas que a gente não sabe”.

O sociólogo Rudnei, quando perguntado sobre como representa a África ou o que ela significa na sua vida, também expõe uma idéia unificada de cultura: “um resgate dos nossos antepassados, e ao mesmo tempo um respeito muito grande aos cultos, à formação desses povos (...). No bojo desses vários países existe uma cultura negra, uma matriz negra”.

Sílvia volta a falar na “ancestralidade” e oscila entre uma concepção de costumes determinados pela estrutura social ou origem longínqua:

“quando eu digo que o referencial teórico é a psicanálise é porque eu penso que é este referencial que me possibilita pensar a questão da ancestralidade. (...) É por isso que tem um módulo de história da África, não é somente pra nos dar conhecimento, é pra podermos pensar por que determinadas coisas na nossa vida são assim e não assado, por que na minha família tem um jeito tal de organizar a mesa, por que as famílias negras sempre têm uma casa onde não tem só os filhos, e o pai e a mãe. Por que sempre tem tia, sempre é um grupo grande? Se isso é só vinculado de uma situação social e econômica ou isso tem a ver também com um jeito de se organizar, de se pensar enquanto grupo?”.

Quando perguntado sobre o que seria a identidade negra, Koyade refere-se a duas perspectivas:

“tem a identidade negativa e a identidade positiva. E a identidade negativa faz tu assumir, ah, então eu sou ruim, eu vou ser ruim mesmo, então os caras que tão envolvido com tráfico não tão nem aí, ah, eu sou ruim mesmo. Mas por outro lado, tem coisas que tu pode se identificar positivamente, então traz um cara *black power*, que é professor da universidade... porque a oferta da sociedade é a identidade negativa”.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

Vera também entende a identidade negra desvinculada da biologia: “nesse processo de se reconhecer e de reconhecer o outro, é fantástico porque te traz essa idéia de se perceber negro para além de uma questão simples de fenótipo”. Ela afirma:

“eu parto sempre da minha identidade negra pra fazer as demais, essa identidade permeia todo o resto. Mas é um caminho que me foi ensinado, a partir de outras pessoas. Então eu vejo hoje essa identidade negra pra mim como o meu grande suporte, o meu grande caminho. É uma coisa de tu poder te olhar e saber o que tá vindo, não ficar com aquela imagem que eu tinha, uma coisa meio borrada, uma indefinição, que traz esse racismo à brasileira. A Sueli Carneiro tem uma coisa que eu gosto muito, ela diz que no Brasil não se produziu o ódio em relação ao negro, mas se produziu o desprezo. Desprezo no sentido de negar a possibilidade de existir para além daquilo que está posto. Então a identidade negra é essa possibilidade de existir para além daquilo que está como oficial, como esperado, como o ‘normal’. Então pra mim tem sido esse o meu lugarzinho no mundo, a minha identidade negra. É aí que eu faço várias pontes, com outros negros, com não-negros, até a minha maneira de olhar o mundo também muda, mudou, com certeza. Eu me sinto uma pessoa mais segura”.

Quando perguntados sobre o que seria a negritude e a consciência negra, alguns entrevistados trazem respostas semelhantes, como quando Anderson diz que “negritude é ter consciência histórica de quem você é”, e Maria Luiza afirma que “ter consciência negra é um sentido de que posição eu ocupo no mundo, é saber qual minha posição, qual o significado de ser uma mulher negra nesse contexto atual que a gente vive”. Vera enuncia, com a segurança já afirmada: “hoje eu encontro um lugar no mundo, a partir da negritude”.

A questão sobre se no sul a identidade negra mostraria alguma peculiaridade incita Fábio a reproduzir a análise corrente das diferenças entre o racismo brasileiro e estadunidense: “o racismo aqui no sul se mostrou mais aberto, e isso de certa forma facilitou, porque criou justamente a possibilidade das pessoas poderem se organizar coletivamente. Deu um senso de coletividade, de objetivos, muito maior pro negro do sul do que de outros lugares”.

Já Varny concorda com uma idéia de Bahia como “paraíso racial” para os negros, em contraposição ao racista Rio Grande do Sul:

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

“a Bahia me faz muito bem, é a minha terra. Eu sempre digo, eu não sou daqui, eu não tenho nada a ver com gaúcho. Esse conservadorismo, as pessoas são muito racistas. Eu tava lá e quando chegava aqui, tinha uma diferença... quando tu desce do avião é tudo diferente, as pessoas falam, te olham com outro olhar. Lá não, tu te sente em casa. A Bahia até tem mais religião africana que na própria África. É um pedaço da África, com certeza”.

Neste capítulo final apresentamos os dados relativos ao universo de estudo desta pesquisa: o curso Universidade Livre, projeto educacional do Centro Ecumênico de Cultura Negra, e um grupo de quinze pessoas entrevistadas, selecionadas dentre o conjunto dos alunos do Universidade Livre.

As entrevistas tiveram o sentido de apreender um pouco da trajetória da vida de cada um, relacionando-a com as questões negras. Este grupo apresenta-se como uma exceção no meio negro, por serem indivíduos que tiveram e/ou têm acesso à universidade; e confirmam o entendimento de que os negros envolvidos com o “movimento negro” são pertencentes às classes médias.

A passagem pelo projeto Universidade Livre foi investigada também para averiguar se ocorreram mudanças durante ou em função deste processo. Os alunos apontaram que a entrada no universo do “movimento negro” alteraram seu cotidiano e suas percepções, e para alguns este início se deu com a participação no projeto do CECUNE. E não se faz sem tensões as experiências vivenciadas no curso e o debate sobre uma nova perspectiva da “identidade negra”, o que nos comprovam o abandono do curso, repetido em todas as suas edições, e as discussões e divergências memorizadas pelos entrevistados.

Ao analisar as características e afirmações de cada um, nos deparamos com uma variedade de perspectivas sobre as questões relativas à “identidade negra”. Trajetórias distintas conformam percepções distintas. Nesse sentido, a geração, a religião, o trato do cabelo e do corpo, as idéias e valoração sobre África são algumas das fontes de diferenciação interna do grupo pesquisado, que revela-nos um sentido contrário da visão reducionista e estanque sobre a classificação “negro”.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em uma dissertação, produto final de um curso de mestrado com duração de dois anos, muitas questões relativas à pesquisa não encontram tempo e espaço para serem trabalhadas. As entrevistas colhidas para este estudo contêm uma riqueza nas suas informações e narrativas que em grande parte se perde no processo de recorte para o relevo das questões específicas do trabalho.

Jorge é poeta, alinhado à poesia negra, como Oliveira Silveira e Cuti. A história de vida de Cida contemplaria um drama com ação e suspense. Varny é fundador de um centro budista em Porto Alegre. As informações passadas por Ratinho possibilitam o início de uma pesquisa sobre a história da capoeira em Porto Alegre. Lúcia participou muitos anos do CODENE (Conselho de Desenvolvimento da Comunidade Negra) do RS, como representante da Secretaria Estadual de Educação. Fábio administra uma linha de confecção de roupas com motivos “afro”. Jader trabalha na implantação da política de cotas da prefeitura de Viamão, município vizinho a Porto Alegre. Anderson sonha em ser documentarista. Fábio, Jader e Anderson foram professores-monitores voluntários na edição do projeto Universidade Livre realizada com os alunos do Centro Universitário IPA Metodista, em 2006. Os historiadores e a antropóloga entrevistados são pesquisadores da temática afro-brasileira.

O lado “b” da pesquisa revela-nos as relações “reais” da vida de cada “pesquisado”. Jorge e Sílvia são casados. Cristiane tem um filho fruto de seu relacionamento com um colega do Universidade Livre. Eliane é companheira de Cuti. Fábio namora a sobrinha de Suzana. Vera foi minha colega de graduação. Mantenho estreita amizade com Anderson e seus pais.

Este trabalho averiguou o processo de mudança pessoal e social que se faz a partir do ingresso no “mundo” do “movimento negro”, como indivíduos socialmente estigmatizados agrupam-se no interior de uma ideologia anti-racista, através da sociabilidade e ações discursivo-políticas.

No primeiro capítulo discutiu-se teoricamente os temas centrais da pesquisa: racismo, cultura, identidade e etnicidade. Inferiu-se que a “identidade” é um processo, uma construção que se faz a partir da ordem das relações entre os grupos sociais. A etnicidade, por sua vez, para além das

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA



referências históricas e culturais, é um *sentimento* que o grupo tem de si, que cria a certeza da igualdade e unicidade, mesmo que o que se encontra em um nível de análise micro seja uma heterogeneidade social.

O segundo capítulo contextualizou a história do “movimento negro” no Brasil, suas estratégias ideológicas e políticas, e também apresentou uma visão deste movimento no Rio Grande do Sul, especialmente através do Centro Ecumênico de Cultura Negra – CECUNE. Vimos que, embora o “movimento negro” funde-se originalmente pela luta anti-racista, não consegue escapar do discurso racializado, e também estimula a perpetuação de estereótipos, quando acredita que certas características sejam transmitidas através do “sangue negro”.

O terceiro capítulo da dissertação apresentou os dados colhidos na pesquisa de campo. O projeto Universidade Livre, do CECUNE, foi nosso instrumento para investigar o modo como se processa a mudança de um indivíduo socialmente estigmatizado para um ativista do “movimento negro”. Os alunos que participaram do curso Universidade Livre foram os sujeitos da pesquisa, através da análise de suas entrevistas. As narrativas e posições apresentadas pelos alunos revelaram uma variedade de perspectivas no interior do meio negro ativista, até mesmo contraditórias. Essa complexidade direciona-se de modo contrário a todo modo de pensar a categoria “negro” de forma reducionista.

A abstração presente nas teorias sobre os assuntos estudados ajuda-nos a pensar sobre a complexidade presente no mundo concreto. Perspectivas teóricas distintas permitem um entendimento das contradições do mundo “real”, vivido. É por esta razão que a discussão teórica abre a dissertação. A contextualização que vem em seguida é o ato de abranger a realidade em uma totalidade, compor a concretude da vida de cada indivíduo e suas inter-relações em um ambiente chamado “movimento negro”. Por fim, salta aos olhos do leitor a fala dos indivíduos vividos, experienciados, trazendo consigo contradições e espanto.

É a razão e a emoção que encontram espaço no projeto Universidade Livre. A racionalidade da pesquisa acadêmica vinculada à organização de projetos políticos no âmbito da luta anti-racista (domínio público); e a formação da subjetividade de cada participante negro ou negra,

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

por meio do compartilhamento de experiências, emoções e sentimentos provados através do racismo e do anti-racismo, e também da criação de grupos de amigos e redes de sociabilidade (domínio privado). Os alunos entrevistados apontaram o diferencial do projeto: qualidade nos professores-pesquisadores presentes no curso (razão, intelectualidade) e qualidade no acompanhamento da psicóloga, no uso das dinâmicas, no ambiente das casas de retiro (emoção, subjetividade). Nessa direção, o projeto Universidade Livre revela-se uma experiência integradora, na contramão da fragmentação de sentidos promovida pela pós-modernidade.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADÃO, Jorge Manoel. **O Negro e a Educação**: movimento e política no estado do RS (1987-2001). Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, março de 2002.

AGIER, Michel. "Distúrbios identitários em tempos de globalização." In: **Mana** 7(2): 2001.

ARENDDT, Hannah. **O que é política?** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

AZEVEDO, Thales de. **Os brasileiros**: estudos de caráter nacional. Salvador: Centro Editorial da UFBA, 1981.

BAIROS, Luiza. "Orfeu e Poder: uma perspectiva afro-americana sobre a política racial no Brasil". In: **Revista Afro-Ásia**, n. 17, 1996.

BARCELLOS, Daisy Macedo de. **Família e ascensão social de negros em Porto Alegre**. Tese de Doutorado, UFRJ, 1996.

\_\_\_\_\_. "Violência Racial e ofensa social: o ódio do outro e a sua desqualificação." In: FONSECA, Claudia; TERTO JR., Veriano e ALVES, Caleb Faria (orgs.). **Antropologia, diversidade e direitos humanos**: diálogos interdisciplinares. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

BARTH, Fredrik. "Grupos étnicos e suas fronteiras". In: POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

BAUMAN, Zigmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

\_\_\_\_\_. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Get yours now!

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

BITTENCOURT JR, Iosvaldyr. "Territórios negros". In: SANTOS, Irene (org.). **Negro em preto e branco: história fotográfica da população negra de Porto Alegre**. Porto Alegre: do autor, 2005.

CARDOSO, Marcos Antônio. **O Movimento Negro** em Belo Horizonte: 1978 – 1998. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2002.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. "Etnicidade: da cultura residual mas irreduzível". In: **Antropologia do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CIRNE, Michelle. **A Negritude que EnCanta**. O Coral do CECUNE: identidade étnica e sociabilidade. Monografia de conclusão de curso, UFRGS, 2004.

CLIFFORD, James. "Sobre a autoridade etnográfica". In: **A experiência etnográfica**. Antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1998.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.

DA MATTA, Roberto. "A fábula das três raças ou o racismo à brasileira." In: **Relativizando**: uma introdução à antropologia social. Petrópolis: Vozes, 1981.

DANTAS, Beatriz Góis. **Vovó Nagô e Papai Branco**: usos e abusos da África no Brasil. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FAGUNDES, Varny F. **A cor do trabalho**. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio – Século XXI**. Editora Nova Fronteira, 1999.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

FRANCISCO, Dalmir. "Movimento Negro, Cidadania e Estado". In: **Movimentos Sociais em Minas Gerais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1987.

GEERTZ, Clifford. A arte como sistema cultural. In: **O saber local**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2000.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro**: modernidade e dupla consciência. São Paulo: Ed. 34 e Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1963.

GOMES, Nilma Lino. **Corpo e Cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Tese de Doutorado, UFMG, 2002.

GONZALEZ, Lélia. "A categoria cultural da amefricanidade". In: **Revista Tempo Brasileiro**. Rio de Janeiro, 92/93; 69/82, jan.-jun., 1988.

GRINKER, Roy Richard. "Houses in the Rainforest: gender and ethnicity among the Lese and Efe in Zaire". In: GRINKER, Roy Richard & STEINER, Christopher (Eds.). **Perspectives on Africa: a reader in culture, history and representations**. Oxford, Blackwell, 1996.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Classes, raças e democracia**. São Paulo: Ed. 34, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

**pdfMachine** - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

\_\_\_\_\_. “Quem precisa da identidade?”. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

HANCHARD, Michael George. **Orfeu e o Poder**: o movimento negro no Rio de Janeiro e São Paulo (1945-1988). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

HASENBALG, Carlos. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. **Relações Raciais no Brasil**. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1992.

HERINGER, Rosana. “A agenda anti-racista das ongs brasileiras nos anos 90”. In: GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo e HUNTLEY, Lynn (orgs.). **Tirando a máscara**: ensaios sobre o racismo no Brasil. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

HOOKS, Bell. Devorar al otro: deseo y resistência. In: **Debate Feminista – Otredad**. México, Ano 7, vol. 13, abril de 1996.

\_\_\_\_\_. “Intelectuais negras”. In: **Estudos Feministas**. Rio de Janeiro, Ano 3, n. 2.

KOSS, Mônica von. **Rubra força: fluxos do poder feminino**. São Paulo: Escrituras Editora, 2004.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Introdução à Sociologia da Emoção**. João Pessoa: Manufatura/GREM, 2004.

KUPER, Adam. **Cultura: a visão dos antropólogos**. Bauru: EDUSC, 2002.

LIRA, Lílian Pessoa de. **O Centro Ecumênico de Cultura Negra (CECUNE) e suas ações educativas**. Dissertação em Teologia apresentada na Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, 2006.

pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Get yours now!

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

MELLO, Marco Antônio Lírio de. "Para o recreio e a defesa da raça: a imprensa negra no RS". In: SEFFNER, Fernando (org.). **Presença Negra no RS**. Cadernos Porto e Vírgula, nº 11. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1995.

MENDONÇA, Luciana F. M. **Movimento negro: da marca da inferioridade racial à construção da identidade étnica**. Dissertação de mestrado, USP, 1996.

MONTI, Verônica A. **O abolicionismo: sua hora decisiva no Rio Grande do Sul – 1884**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1985.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1999.

NASCIMENTO, Abdias do; NASCIMENTO, Elisa Larkin. "Reflexões sobre o Movimento Negro no Brasil, 1938-1997". In: GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo e HUNTLEY, Lynn (orgs.). **Tirando a máscara: ensaios sobre o racismo no Brasil**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Brasil na mira do pan-africanismo**. Salvador: EDUFBA, CEAO, 2002.

NEVES, Paulo Sérgio da C. "Luta anti-racista: entre reconhecimento e redistribuição". In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 20, n. 59, outubro de 2005.

NOGUEIRA, Oracy. **Preconceito de marca: as relações raciais em Itapetininga**. São Paulo: EDUSP, 1998.

OLIVEN, Ruben George. "A invisibilidade social e simbólica do negro no Rio Grande do Sul". In: LEITE, Ilka Boaventura. **Negros no sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996.

PAIM, Paulo. **Estatuto da Igualdade Racial**. Brasília: Senado Federal, 2003.

pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Get yours now!

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA



PEREIRA, Amauri M. **Trajetória e perspectiva do movimento negro brasileiro**. Texto mimeografado e apresentado no curso de extensão universitária “Rompendo o silêncio: história e cultura afro-brasileira na escola”, promovido pela Associação Cultural de Mulheres Negras (ACMUN). Porto Alegre, 2004.

PEREIRA, João Baptista Borges. “O negro e a identidade racial brasileira”. In: **Racismo no Brasil**, vários autores. São Paulo: ABONG, 2002.

PINHO, Osmundo de Araújo. “Corações e Mentes do Movimento Negro Brasileiro”. In: **Estudos Afro-Asiáticos**, ano 24, nº 2, 2002.

PINHO, Patrícia de Santana. **Reinvenções da África na Bahia**. São Paulo: Annablume, 2004.

RABELO, Miriam Cristina; ALVES, Paulo Cesar. **Corpo, Experiência e Cultura** (versão preliminar). Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho “Natureza e cultura: uma fronteira em discussão”, XXV Encontro Anual da ANPOCS (outubro/2001) – não publicado.

RABINOW, Paul. “Representações são fatos sociais: modernidade e pós-modernidade na antropologia”. In **Antropologia da Razão**. Ensaios de Paul Rabinow. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

RAMOS, Guerreiro. O problema do negro na sociologia brasileira. In: **Introdução crítica à sociologia brasileira**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

REBOUL, Olivier. **A doutrinação**. São Paulo: Companhia Editora Nacional e Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

REZENDE, Cláudia B. “Mágoas de amizade: um ensaio em antropologia das emoções”. In: **Mana**, vol.8, n. 2. Rio de Janeiro, 2002.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

RIBEIRO, Juarez. "Movimento Negro – perspectivas para a década de 90". In: SEFFNER, Fernando (org.). **Presença Negra no RS**. Cadernos Porto e Vírgula, nº 11. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1995.

ROLAND, Edna. "O movimento de mulheres negras brasileiras". In: GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo e HUNTLEY, Lynn (orgs.). **Tirando a máscara**: ensaios sobre o racismo no Brasil. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

SANSONE, Lívio. **Os objetos da identidade negra**: consumo, mercantilização, globalização e criação de culturas negras no Brasil. Mana v.6 n.1 Rio de Janeiro abr. 2000.

\_\_\_\_\_. **Negritude sem etnicidade**: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil. Salvador: Edufba; Pallas, 2003.

SANTANA, Ivo de. "Executivos negros em organizações bancárias de Salvador: dramas e tramas do processo de ascensão social". In: **Revista Afro-Ásia**, n. 23, 1999.

SEYFERTH, Giralda. O beneplácito da desigualdade: breve digressão sobre o racismo. In: **Racismo no Brasil**. São Paulo: Peirópolis; ABONG, 2002. Vários autores. Texto copiado sem paginação.

SILVA, Joselina da. "A União dos Homens de Cor: aspectos do movimento negro dos anos 40 e 50". In: **Estudos Afro-Asiáticos**, Ano 25, nº 2, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da. "A produção social da identidade e da diferença". In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVEIRA, Oliveira. "25 anos e alguns antes". In: GARCIA, Januário. **25 anos – 1980-2005 – Movimento negro no Brasil**. 2006.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Get yours now!

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

VELHO, Gilberto. **Subjetividade e Sociedade**: uma experiência de geração. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

\_\_\_\_\_. **Projeto e Metamorfose**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

VILHENA, Luís Rodolfo. "África na tradição das Ciências Sociais no Brasil". In: **Ensaio de Antropologia**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1997.

VERMEULEN, Hans. **Imigração, Integração e a Dimensão Política da Cultura**. Lisboa: Edições Colibri, 2001.

WEST, Cornel. **The dilemma of the Black Intellectual**. In: The Cornel West Reader. – Basic Civic Books, 1999 (traduzido por Cláudia Santos).

WOODWARD, Kathryn. "Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual". In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

**pdfMachine** - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

## ANEXOS

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

## ANEXO 1 – Folder do CECUNE

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

## ANEXO 2 - Roteiro de Entrevista

- ALUNOS -

- 1) Idade.
- 2) Grau de instrução. Em escola pública ou privada?
- 3) Formação profissional.
- 4) Ocupação.
- 5) Renda: a) 1 – 3 sm (até R\$ 1.050); b) 3 – 6 sm (até R\$ 2.100); c) 6 – 8 sm (até R\$ 2.800); d) 8 – 10 sm (até R\$ 3.500); e) + 10 sm (acima de R\$ 3.500).
- 6) Qual sua cor/raça/etnia? Percepção sobre essas categorias.
- 7) Onde nasceu? Família é de onde?
- 8) Local de moradia, bairro. Trajetória habitacional.
- 9) Escolaridade, profissão e cor dos pais.
- 10) Número de irmãos, de filhos.
- 11) Estado civil. Cor do parceiro atual e antigos.
- 12) Religião e religiosidade – educação religiosa recebida pelos pais; importância da religião hoje.
- 13) Sociabilidade, vida social, lazer.
- 14) Episódios de discriminação racial.
- 15) Como conheceu o CECUNE?
- 16) Ano em que cursou a Universidade Livre.
- 17) Como ficou sabendo da Universidade Livre?
- 18) Motivações para participar.
- 19) Quais foram os temas abordados pelo curso?
- 20) Qual a visão que a Universidade Livre passou sobre racismo, raça, cor, negro, negritude.
- 21) Como foi trabalhada a questão da “consciência negra”?
- 22) Avaliação dos conteúdos e professores (metodologia, didática, motivação, aglutinação da turma).
- 23) Participação dos colegas em aula.
- 24) Integração da turma, em sala de aula e extra-classe.
- 25) Mantém contato com os colegas de turma? Que tipo de relações estabeleceu?

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

- 26) Influenciou alguém a participar de alguma edição posterior?
- 27) Trabalho de conclusão.
- 28) O que você acha que resultou de sua participação no curso?
- 29) Teve participação em algum movimento social (ong, entidade, sindicato, delegado em algum evento) antes de cursar a Universidade Livre?
- 30) O que entende por "movimento negro"?
- 31) Inserção no "movimento negro". Que tipo/grau de inserção/participação no "movimento negro" anterior à Universidade Livre. Já tinha participado de algum projeto antes da Universidade Livre?
- 32) Participação/inserção atual. É ativista de alguma entidade?
- 33) O que entende por identidade negra?
- 34) E cultura negra, o que é?
- 35) Percepções sobre a sua identidade negra antes e depois do curso.
- 36) Houve mudanças no visual? Roupas, cabelo, acessórios, objetos. Houve influência dos colegas?
- 37) Percepções sobre a consciência negra no Brasil.
- 38) O que seria a identidade negra gaúcha (afro-gaúcha)?
- 39) Percepções sobre a identidade negra baiana.
- 40) Avaliação do projeto Universidade Livre.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA



# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)